ALCINO TEIXEIRA DE MELLO

Chefe do Departamento de Migrações do Instituto Nacional de Imigração e Colonização

NORDESTINOS

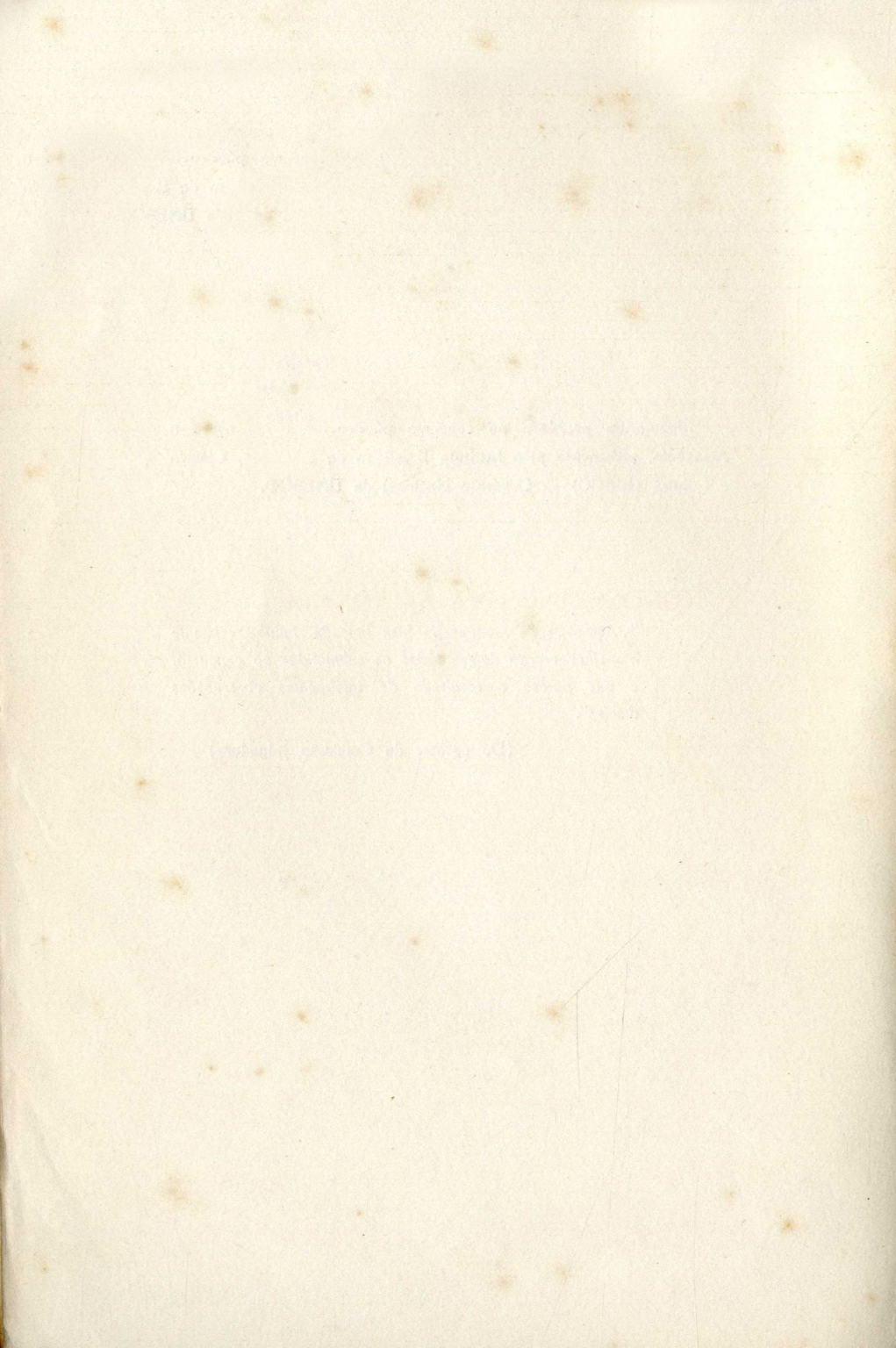
1956

EDITADO PELO INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PLANEJAMENTO

Monografia premiada no concurso público de obras sôbre a Amazônia, promovido pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) — Comissão Nacional da UNESCO.

"...trata-se de monografia bem lançada, indubitàvelmente a melhor escrita dentre tôdas as submetidas ao concurso, e que parece o resultado de inteligentes observações diretas".

(Do parecer da Comissão Julgadora)

NORDESTINOS NA AMAZÔNIA

ALCINO TEIXEIRA DE MELLO

Chefe do Departamento de Migrações do Instituto Nacional de Imigração e Colonização

NORDESTINOS NA AMAZÔNIA

1956

EDITADO PELO INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PLANEJAMENTO

ÍNDICE

PÁGS.

Proêmio 9

CAPÍTULO I

AGRICULTURA E INDÚSTRIA EXTRATIVA DA BORRACHA

1 — A ilusão do ouro negro 13
2 — O seringueiro e a gricultura 18
3 — Diferença de estádios de civilização 22
4 — Colônias agrícolas 27

CAPÍTULO II

O SERINGUEIRO E A BARRACA

1 — O imigrante nordestino 41
2 — A família do seringueiro 42
3 — Nostalgia e insulamento 44
4 — Deficiência alimentar 46
5 — A barraca 50
6 — O roçado 51
7 — As criações 52
8 — Higiene e educação sanitária 54
9 — Analfabetismo 56

CAPÍTULO III

A BORRACHA

1 — A descoberta da borracha 61
2 — As seringueiras 64
3 — As estradas 65
4 — A extração do látex 70
5 — A defumação 80
6 — As pélas 83

CAPÍTULO IV

EMIGRAÇÃO REFLEXA DOS NORDESTINOS NA AMAZÔNIA

1 — Retôrno dos imigrantes nordestinos 89
2 — A recuperação dos retornados 95
3 — A recâmbio dos retornados 101

CONCLUSÕES

1 — Assistência médico-sanitária 111
2 — Combate à exploração econômica do seringueiro 114
3 — Fomento agropecuário 115
4 — Combate ao analfabetismo 118
5 — Plantação de seringueiras 119
6 — Reaparelhamento das hospedarias 121
7 — Reajustamento e recâmbio de imigrantes 123
8 — Recrutamento e seleção de trabalhadores 125
9 — Transporte e fretes na Amazônia 127
10 — Leis protetoras dos seringueiros 128

BIBLIOGRAFIA

PROÊMIO

Impressionado com os sérios problemas que, de há longa data, vêm atormentando os seringueiros do Vale Amazônico, na sua maior parte nordestinos, resolvemos estudar-lhes as causas neste ligeiro trabalho, procurando focalizar senão tôdas, pelo menos as suas mais importantes facetas.

2. Compreendendo serem insuficientes as observações que a respeito vínhamos fazendo em Belém, Manaus, Pôrto Velho e Rio Branco, penetramos o interior de vários seringais e procuramos, dêsse modo, manter contacto direto com os chamados «soldados da borracha», em cujas barracas inúmeras vêzes pernoitamos. Cêrca de duzentos seringueiros foram ouvidos no seio da floresta amazônica, vinte e dois seringalistas colaboraram com suas informações, e mais de cinqüenta outras pessoas, de diferentes categorias sociais, emitiram opinião sôbre o assunto.

3. Após exaustivas investigações, verificamos que o problema debatido é na realidade dos mais complexos, difícil de ser resolvido em curto prazo, não comportando evidentemente soluções simplistas. Uma série de causas se entrosam num tal emaranhado de interêsses e correlações de ordem econômica e social que impossível seria destacar, dentre os importantes assuntos em jôgo, o caso especial do seringueiro espoliado, sem assistência médica e hospitalar, sem escolas, sem a proteção, enfim, dos poderes públicos, para analisá-lo insuladamente indiferente ao conjunto dos fenômenos que gravitam subordinados às influências das leis norteadoras do progresso das comunidades.

4. Tivemos em mente analisar, com absoluta isenção de ânimo, as múltiplas situações oferecidas a exame e, para isso, mantivemos contacto diretamente com as duas classes que ainda são antagônicas nos seringais amazônicos — patrão e freguês. O conteúdo, pois, dêste trabalho, representa tão sòmente a fotografia, o retrato fiel do que pôde ser fixado, na Amazônia e no Nordeste, pela objetiva dos cálculos, dos números estatísticos e das informações fidedignas fornecidas por intelectuais e iletrados, técnicos e trabalhadores braçais, autoridades públicas e funcionários, seringalistas e seringueiros.

5. Cêrca de dois mil «soldados da borracha» mantiveram conosco contacto prolongado na Hospedaria de Migrantes «Eduardo Ribeiro», em Manaus, durante o ano de 1945, quando aquêle órgão estava sob a nossa direção. Duzentos e tantos incapacitados para o serviço nos seringais — vítimas de doenças, acidentes e crimes — nos confessaram suas mágoas e suas desditas. Nos seringais do Território de Guaporé e Acre, uma legião de descontentes, insulados da civilização, nos fizeram desesperado apêlo no sentido de que interdecêssemos junto às altas autoridades governamentais a fim de que estas lhes proporcionem assistência médico-sanitária — para diminuir a mortalidade nos seringais; escolas — para que satisfaçam a ânsia de conhecimentos de seus filhos; e proteção efetiva de leis sábias — para que não continuem a ser explorados pela cupidez de certos proprietários e possam ter um nível de vida compatível com a dignidade humana.

6. Falto de prestígio junto aos nossos governantes, mas considerando que o que aquela desgraçada gente aspira é tão pouco, quase nada comparado com o muito que tem feito e continua a fazer em prol da economia nacional, resolvemos patrocinar causa tão justa lançando mão do único recurso de que dispomos, qual seja o de dar publicidade aos reclamos daqueles párias torturados, para que a Nação conheça o drama doloroso que se desenrola dia a dia no silêncio das florestas amazônicas, hoje vasto cemitério de seringueiros. Daí o presente estudo que, na realidade, não nos pertence ùnicamente, porque foi escrito a bem dizer com a colaboração dos próprios colonizadores da Planície Amazônica.

7. Certo de que interpretamos os anseios de milhares de seringueiros espalhados pela selva amazônica, e de outros tantos migrantes nordestinos, continuamente em trânsito para a Grande Planície, apelo para o Presidente Juscelino Kubitschek no sentido de que se adotem, em seu govêrno, oportunas medidas que possibilitem aos extratores de látex se libertarem da semi-escravidão em que se encontram na Amazônia (*).

Rio de Janeiro, março de 1956. — *A. T. M.*

(*) O presente trabalho «Nordestinos na Amazônia», concebido e elaborado em 1945 na própria Hospedaria de Imigrantes «Eduardo Ribeiro», em Manaus, era originàriamente composto de oito capítulos. Entretanto, para atender às limitações de texto impostas pelas instruções do concurso de monografias organizado em 1951 pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, do trabalho primitivo foram retirados os capítulos «Os Seringalistas e o Barracão», «O Seringalista e o Seringueiro» e «A Batalha da Borracha», que farão parte de outro livro, já em preparação.

A.T.M.

Capítulo I

AGRICULTURA E INDÚSTRIA EXTRATIVA DA BORRACHA

1. A ilusão do ouro negro
2. O seringueiro e a agricultura
3. Diferença de estádios de civilização
4. Colônias agrícolas

Capítulo I

AGRICULTURA E INDÚSTRIA EXTRATIVA DA BORRACHA

1. A ILUSÃO DO OURO NEGRO

O nordestino que emigra para as plagas amazônicas leva consigo a esperança de vitória certa no trabalho de extração da seringa. Troca sua terra natal pela planície infindável e misteriosa, embora o faça com pesar e sentimento. Deixa os campos de pastoreio e de plantação — nos bons invernos, viçosos e prometedores de abundantes colheitas, e nos verões causticantes, desolados, tristes, sem vida — para penetrar nos domínios das águas e das florestas, onde o sol dardeja labaredas de ouro sôbre uma vegetação eternamente verde. Troca a sufocação de uma terra estorricada, sedenta, pela opressão de uma outra invadida de florestas e ensopada de água.

Mal se instala no seringal, sofre grande desilusão. A barraca, insulada no seio daf loresta, longe dezenas de quilômetros da margem dos rios principais, é um tormento para sua vida de sertanejo acostumado a cruzar campos e a galgar colinas, devorando distânrias que jamais o impressionam por mais longas que sejam. Ao invés do trote ligeiro do cavalo ou da marcha compassada do burro de sela, tem agora que escravizar-se ao deslizar monótono de sua montaria (1) e com ela singrar rios, lagos, paranás e igapós, para vencer os enormes espaços que o separam de outros núcleos humanos. Gozando no sertão do convívio de amigos e parentes, agora se vê afastado de suas relações sociais, longe de mundo civilizado, vislumbrando através da folhagem das estradas o penacho do ameríndio traiçoeiro (2), o vulto do solerte tigre amazônico,

---

(1) Montaria — O mesmo que canoa.

(2) Entre os muitos seringueiros que têm sofrido ataques por parte de silvícolas, citam-se os nomes de José Ferreira Lima e Manoel Guedes Fernandes,

ou o colear de venenosas serpentes (3). No dilúvio d'água em que veio afogar sua sêde de emigrante assolado pelas sêcas periódicas de sua terra natal boiam figuras sinistras de répteis gigantescos, rondam furtivamente poraquês silenciosos e espreitam famintas e carniceiras piranhas — os temíveis tigres fluviais da Amazônia.

Se penetra na água traiçoeira dos rios caudalosos, corre o risco de ser arrastado, para sempre, pelo maior ofídio aquático — a terrível sucuriju —, ou quebrado ao meio pelas mandíbulas colossais do maior sáurio da planície — o jacaré-açu (4), ou fisgado inesperadamente pela venenosa arrai-de-fogo (5).

Aos naturais perigos da floresta vêm juntar-se as lendas, as superstições dos tapuios, criando-lhes na imaginação simples um mundo de sêres fantásticos, que povoam as águas e os desvãos da mata. A boiúna, o mapinguari, o boitatá, a iara, o corupira, o

---

que foram, no dia 6 de maio de 1945, surpreendidos por índios. O segundo morreu flechado e o primeiro, ferido nas costas, conseguiu fugir, tendo-se internado no hospital de Guajará-Mirim. O seringueiro Valter Fernandes, carioca, que trabalhou no seringal "Ouro Negro", no rio Ouro Prêto, perto de Guajará-Mirim, foi também atacado por índios, juntamente com outros companheiros. O mesmo ocorreu com Cristóvão Colombo, que morreu retalhado com o seu próprio terçado, depois de ter sido flechado.

(3) RAIMUNDO MORAIS, em seu belo livro "O Homem do Pacoval", esclarece que, na Amazônia, as várias espécies de cobras não vão além de vinte, das quais sòmente onze são venenosas: surucucu, surucucurana, cascavel, jararaca, jararacaaçu, cobra papagaio, juruparibóia, cururubóia, ararabóia, cobra coral e cobra coral vermelha. A surucucu, uma das maiores do grupo dos viperídios, ao qual também pertence a cascavel, pode atingir 3,50 m de comprimento e é uma das mais perigosas das Américas, pois possui veneno suficiente para matar 100 homens. No Brasil, cêrca de 20.000 pessoas são picadas por cobras venenosas anualmente e, na Índia, perto de 100.000!

(4) Jacaré-açu (*Caiman niger*) — Atinge a 4 m de comprimento.

(5) Sôbre essa arraia escreveu HENRY WALTER BATES: "A arma dêsse peixe é robusta lâmina de bordas denteadas, de três polegadas de comprimento, que cresce ao lado da longa cauda carnuda. Certa vez, vi uma mulher ser ferida, quando se banhava; deu um grito medonho, e teve de ser carregada para a rêde onde ficou uma semana, cheia de dores. Conheci homens robustos que ficaram estropiados por muitos meses, por causa do ferrão" ("O Naturalista no Rio Amazonas"). CARLOS DE VASCONCELOS, em "Deserdados", ensina-nos singular terapêutica para o tratamento de uma ferroada de arraia: "Aqui é a ferroada de uma arraia, que o faz estertorar em dores durante vinte e quatro horas e que, à mingua de recursos terapêuticos, não raro gangrena o pé ou paralisa a perna inteira... Só há uma cura imediata, que assombra como se tenha originado, mas que é notória nos efeitos: consiste em tornar aderente, por alguns minutos, o local aferroado com as partes pudendas de uma mulher — a dor cessa por encanto e a ferida, com o veneno do esporão terrível por essa forma "neutralizado", cicatriza em poucos dias..."

bôto o matintaperera, o caapora, o anhangá, todos conspiram contra os intrusos desbravadores dos segredos da selva e das águas. Livrou-se no Nordeste da horrível cascavel, habitante dos cocorutos de cupins, dos ocos de paus secos, das touças crestadas dos descampados, porém, na Amazônia, deparou-se-lhe não menos perigosa serpente — a surucucu pico-de-jaca — que se estende preguiçosa através dos varadouros, nos balseiros e nas estradas, ao pé das seringueiras.

Mas, dotado de têmpera de aço, o nordestino enfrenta os percalços da vida na selva, adapta-se ao meio fàcilmente, cria defesas contra os perigos que o rodeiam, cerca-se de instintivos cuidados. Dentre em pouco conhece as artimanhas da floresta e as insídias das profundezas das águas. Uma vez adaptado, o tapuio não lhe leva vantagem. Arpoa o pirarucu e o peixe-boi com a mesma habilidade; flecha com a "sararaca" a tartaruga ainda submersa, mal vislumbra à tona o *siriri*, quase imperceptível movimento d'água ocasionado pelo deslocamento do quelônio subindo à superfície para respirar; apanha o peixe mergulhando nos lagos o timbó esmagado, o cunambi, o açacu, o tingui; fisga com o anzol a piraíba — o maior peixe da Amazônia — e, com a tarrafa, arrebanha cardumes de candiru — um dos menores da região. Vence seus adversário da floresta e defende-se contra os inimigos do rio. Para êsse combate, que é de tôdas as horas, de todos os instantes, arma-se apenas com o rifle e o terçado, sem os quais seria prêsa fácil de seus ferozes adversários.

Lutando denodadamente contra as insídias da bravia natureza — guerreiro invicto na batalha da vida — o seringueiro, entretanto, cai irremediàvelmente abatido por insignificantes adversários alados — os anófeles — que, em nuvens compactas, povoam a mata, espalham-se pelas clareiras e invadem as frinchas das barracas em busca instintiva do sangue humano, indispensável ao desenvolvimento de seu ciclo vital.

Impotente para combater êsse exército fabuloso de insetos armados de temíveis estiletes, os quais, para atacá-lo, convergem aos milhares, aos milhões, dos vastíssimos lençóis d'água que inundam as planuras da mata, o seringueiro queda-se na manqueira (6), crepitando de febre, bátegas de suor ensopando-lhe as vestes, a vislumbrar disformes imagens dos pauis fétidos e dos charcos con-

---

(6) Maqueira — O mesmo que rêde.

taminados, de onde, como em geração espontânea, hostes guerreiras de carrapanãs alçam vôo numa continuidade espantosa, enxameando os recantos da natureza.

A partir dêsse momento o nordestino, em geral, é um vencido na Amazônia. E' um fracassado, um inutilizado, e, se ainda lhe restarem fôrças e meios para fugir dos tentáculos da floresta, poderá evitar a morte que o espreita, mas não a miséria orgânica provocada pela devastação dos hematozoários. Sua odisséia tem início. Doente, não pode trabalhar, e, nesse estado, o patrão lhe nega o suprimento dos gêneros alimentícios de que necessita para subsistir (7). Começa a passar fome e a medicar-se com os empíricos remédios que a tradição consagrou entre os habitantes da brenha.

Se a terçã é benigna, o seringueiro não se deixa abater totalmente. Resiste às crises periódicas da febre e continua a extrair borracha. E' verdade que o rendimento decresce. As fôrças fugiram-lhe. O sangue se lhe esvai das veias, rompidas milhares de hemácias pelo terrível parasito. A fraqueza pouco a pouco se lhe apodera do combalido arcabouço, já de si debilitado por uma alimentação deficiente. Nas estradas, de espaço a espaço, tem que se deter — a febre a escaldar-lhe as têmporas, o suor a escorrer-lhe pelas faces, o corpo a tiritar de frio, no abrasamento da temperatura tropical. Deprimido, levanta-se, toma do frasco cheio de látex e, com seus sofrimentos e suas desditas, parte rumo ao defumadouro. E' preciso fabricar borracha, porque assim o exige o patrão, porque dela depende a sua sobrevivência e a de sua família.

Se a doença assume caráter maligno, a morte é o menor mal que lhe pode advir. No fundo da rêde jaz atirado sem assistência médica, tratado por mãos caridosas com mèzinhas contraproducentes. Dentro em pouco é um inválido. O baço entumecido, o fígado congestionado, a debilitação orgânica geral transformando-o em esmolambado ser humano, é obrigado a abandonar o serviço da seringa. Na primeira oportunidade que se lhe apre-

(7) As palavras que se seguem, de FERREIRA DE CASTRO, em "A Selva", representam a situação que ainda hoje impera nos seringais: "Quando o seringueiro tinha saldo, vendia-lhe tudo quanto êle desejasse; fôsse loucura rematada ou objeto inútil, tudo dava mais lucro do que passar-lhe, no futuro, um saque para ser trocado por bom dinheiro na casa aviadora, em Manaus. Mas se o freguês, por curta estadia alí, por doença ou preguiça, não conseguia solver a dívida inicial, que rebentasse de fome, pescasse ou caçasse, pois não lhe forneceria mais nada que fôsse além do valor da produção".

senta, estende, envergonhado, a mão à caridade pública — êle, homem trabalhador, que sempre enfrentara a aspereza dos mais rudes serviços para ganhar dignamente o pão para seu sustento.

O nordestino que, nos seringais, vê, dia a dia, seus conterrâneos serem enterrados à beira dos varadouros, em catacumbas sem epitáfio e que sofre a sufocação do elevado preço das mercadorias vendidas pelo seringalista, percebe desde logo que são mínimas, insignificantes (8) as probabilidades que lhe restam de sair vitorioso dessa luta inglória. Dar-se-á por satisfeito se conseguir saldar sua dívida e safar-se até Manaus, de onde, depois de implorar às autoridades públicas passagem de regresso ao Nordeste, parte ansioso, em fuga, preferindo curtir junto à sua cabana, na terra natal, os rigores das sêcas avassaladoras do que colhêr o maravilhoso ouro negro, que as ricas seringueiras lhe oferecem — é certo — mas cobrando-lhe em troca pesado tributo — a saúde — e, não raro, a própria vida.

Mas, só após esgotada a última tentativa para permanecer no Vale, é que o nordestino abandona a vida do seringal. Esforça-se por ficar, não que a indústria extrativa continue a seduzi-lo, mas porque, cioso de sua dignidade de homem, sonha regressar vitorioso, com um pecúlio capaz de assegurar-lhe regular rendimento com a conpra de pequena propriedade rural ou a instalação de uma bodega em qualquer logarejo de sua terra. A grande maioria, entretanto, deixa enterrado nas florestas amazônicas êsse sonho, acalentado, às vêzes, durante anos a fio. Regressam vencidos, inutilizados, descrentes e, o que é pior, revoltados contra homens e instituições (9).

---

(8) Transcrevemos, para ilustração, êste trecho de "A Selva", de Ferreira de Castro, que viveu no seringal "Paraiso" em contacto direto com os seringueiros amazônicos: "Mas o tempo decorria e os que, ontem, espalhavam energias, mostravam hoje depauperamentos; os que haviam trazido expressão de vencedores, arrastavam-se, agora, como vencidos, e, por um que regressava ao ponto de partida, quedavam alí, para sempre, centenas de outros esfrangalhados, palúdicos, escravizados ou mortos. A selva não perdoava a quem pretendia abrir-lhe os seus arcanos, e por isso encontrava alí vida fácil êsse homem bronzeado, de cabelo negro, que nascera renunciando já a tudo e que se comprazia numa existência de perene letargo, junto de riquezas fabulosas."

(9) Josué de Castro, referindo-se ao beriberi, terrível moléstia que devastou milhares de seringueiros no período áureo da borracha e que ainda hoje cobra tributo às populações do Vale, escreve: "O nômade que tinha atravessado léguas e léguas a pé, distâncias intermináveis por picadas, rios e igarapés, como um bravo vencendo todos os obstáculos, tinha que se entregar sem resistência ao golpe terrível do beriberi. Não existem estatísticas que nos dêem, com precisão, o número exato dos que voltaram incapacitados, carre-

2. O SERINGUEIRO E A AGRICULTURA

O nordestino, antes de emigrar para a Amazônia, empregava sua atividade na agricultura ou pecuária. Desde menino se acostumara a acompanhar os pais à roça para a capina dos campos cultivados e para a colheita de cereais. Se nascido em uma estância de gado, seus primeiros vagidos se confundiram com o mugir das reses, com o balar das ovelhas ou com o relinchar dos potros. Sua existência inteira está rodeada dessas doces reminiscências, das infinitas peripécias que tingem de cores álacres a vida nas fazendas, na permanente labuta que exigem os cuidados com as criações. Quando a sêca entrava a castigar a terra, êle também sofria com as manadas (9 a). Campeava-as léguas e léguas para conduzi-las a pastoreio em distantes campos inda verdes de vegetação. Depois, quando tudo secava e no descampado só se viam galhos hirtos, ressequidos, que apontavam para o céu como braços esmirrados em súplica angustiosa, o desânimo quase se apoderava do sertanejo. Empreendia, então, longas caminhadas em busca da rama do jucá, do joàzeiro ou da canafístula (10), um dos poucos vegetais que, para não sucubirem à inclemência da sêca, penetram suas raízes nas profundezas da terra afogueada, em busca de refrigério que lhes mantenha acesa a chama da vida. Cavava no chão quente profundas cacimbas, à beira dos rios, em busca do precioso líquido que as entranhas da terra cada vez mais iam sugando, e aí dessedentava o gado, mofino e lerdo, a definhar naquela pasmaceira de estufa, sem uma viração, uma nuvem sequer

---

gados em cadeirinhas pelo rio abaixo, até atingirem terras mais brandas, climas mais doces, onde curassem o seu beribéri e esquecessem melancòlicamente os seus malfadados sonhos de riqueza; mas, das crônicas da história da borracha, se pode concluir que pelo menos 50% da população flutuante da Amazônia foram atingidos por êsse tipo de carência alimentar" ("Geografia da Fome").

(9 a) "A sêca, fenômeno cuja principal característica física é a grande redução da precipitação pluviométrica em dois ou três anos sucessivos, dá como efeito imediato a cessação dos trabalhos agrícolas, ramo principal das atividades do sertanejo que, na agricultura, na pecuária, na indústria extrativa, na mineração ou na pequena indústria doméstica, situa os elementos econômicos fundamentais de sua própria existência" Agamenon Magalhães. "Mensagem à Assembléia Legislativa do E. de Pernambuco, em 1952."

(10) O Serviço Florestal do Ministério da Agricultura, ao fazer o elogio dessa planta, escreve: "A canafístula é uma árvore maravilhosa das regiões semi-áridas do Ceará. Mantém-se esplêndidamente verde durante as sêcas mais longas. Fornece cêrca de 150 toneladas de forragem verde por ano e por hectare, justamente durante a estação sêca — mesmo em regiões semi-áridas. A canafístula é uma verdadeira alfafa arbórea."

a manchar o céu cinzento, limpo de chuvas propiciatórias. Acompanhava com dolorosa tristeza a tragédia das sêcas de sua terra. Pelos campos, carcassas de animais iam pontilhando a amplidão sem paisagem transformada num vasto cemitério, e êle sofria o sofrimento daqueles seus queridos companheiros de cada dia. Ora era uma vaca, de cujo leite se alimentara nos anos de infância, que caía ferida de morte pela fome e pela sêde. Ora eram outras reses de estimação que baqueavam, e isso causava uma angústia, uma mágoa profunda em seu coração de homem simples, identificado com a vida daqueles sêres. Durante a noite, levantava-se da rêde, uma, duas, inúmeras vêzes, para soerguer vacas e bezerros que, vencidos pela fraqueza, pela fome e pela sêde, derreavam na terra exsicada a exalar bochorno de morte. Se empregava sua atividade na agricultura as penas não eram menores. O estorricamento do solo fanava as culturas. A terra — benevolente, fértil e dadivosa nos bons invernos — apresentava-se, nos verões causticantes, avara, estéril, comburida, abrindo-se em fendas por tôda parte — esgares macabros na superfície sem vida. Sòmente à margem dos cursos d'água, agora insignificantes regatos, filetes que a mêdo escorrem em acanhados leitos, sugada a linfa pela evaporação e pela fornalha que abrasa os barrancos, é que medram as plantações de vazante.

Todo êsse labor insano o nordestino enfrenta como uma fatalidade, e os sofrimentos dos verões avassaladores são logo esquecidos com a abundância, a alegria, a vida palpitante dos invernos almejados, em que a natureza, tôda afestoada, se engalana em palpitante exaltação de pujança, de viço, de uberdade.

Embora tendo que enfrentar os percalços de uma vida tão agitada, o nordestino sente-se feliz em sua terra natal. Nos momentos de calamidade, pelo sertão, suas cantigas são tristes, sua viola entoa melodias aqui e ali respigadas de mágoa, de sofrimento, de angústia, na toada elegíaca dos cantochões fúnebres. Mas, na época de fartura, quando os campos se vestem de luxuriante vegetação, às primeiras pancadas de chuva; quando tapetes verdejantes vêm cobrir extensões imensas das antigas planícies mortas, o sertanejo tem a alma em êxtase e o coração em festa. Agora, suas canções não são mais litanias: transmudam-se em poemas de ternura. As cordas de seus instrumentos musicais tangem os acordes álacres das enternecedoras canções de amor, e todo seu ser se expande em promessas triunfais de um raiar de aleluia.

Com a alma temperada na labuta de bons e maus dias, o homem do sertão pode resistir aos embates da luta, porque tem, a

estimulá-lo, a convivência da família, dos amigos e dos companheiros de trabalho. Possui um círculo de relações, modestas, humildes como êle — é verdade — porém suficientes para satisfazer seus instintos de sociabilidade. Por isso vai, sem o sentir, enganando o mau tempo, que corre lento, e, na sua imprevisão, desperdiçando as épocas de bonanças, que correm lestas.

Deslocado de um ambiente dessa natureza para o deserto da planície amazônica, o nordestino teria forçosamente que estranhar o novo meio. No Nordeste, vivia, com suas relações de amizade, em sofrimento comum, e, no seringal, tem que suportar êsse sofrimento agravado com seu insulamento numa barraca, juntamente com um ou dois companheiros, aos quais vê poucas horas durante o dia. Quando é forçado, pelas circunstâncias, a habitar sòzinho o seio da floresta, terá de ouvir sua própria voz, se não quiser perder a noção de que é ente dotado de palavra. "A falta de sociedade — escreve Raimundo Morais — enfraquece o morador e as distâncias matam-no. Sem o rápido socorro nas doenças; sem alimento que recompense a perda de energias num meio debilitante; sem o clarão propício da esperança que se concretize nas possibilidades dinâmicas; rodeado, enfim, de inimigos que o espiam para destruí-lo, o homem sente impassível o desespêro no seu reduto fabuloso, largo demais para lhe condensar a alegria na alma solitária de expatriado no próprio berço" ("Anfiteatro Amazônico").

Eis por que o seringueiro muitas vêzes se surpreende a conversar com entes da floresta: as majestosas seringueiras, das quais extrai o látex; as palmeiras esguias, que lhe fornecem deliciosos frutos; as castanheiras magníficas, das quais retira preciosa "carne vegetal".

Submete-se ao suplício do insulamento, porque nutre a esperança de arrancar da hiléia portentosa o pecúlio que lhe proporcionará vida menos árdua, menos rude. Procura, para satisfazer sua ambição, adaptar-se ao meio ambiente e, para isso, luta até mesmo contra as influências da própria constituição psicofisiológica. Mas desde logo se desilude. Compreende que a extração da borracha é fácil meio para maior enriquecimento dos que já são ricos, mas é avara para a maioria dos verdadeiros construtores dessa imensa riqueza. Escravizado ao barracão, com dívidas que cada vez mais se avolumam, sente suas esperanças ruírem por terra (11).

---

(11) FERREIRA DE CASTRO, que tão bem retratou a vida dos seringueiros, em seu admirável livro "A Selva", escreve: "Mesmo aos que, após muita labuta e economia tinham já algum saldo, ia-se-lhe tudo por água abaixo, porque os comestíveis forçados suplantavam em valor quanto se produzia."

Por mais que se desdobre nos trabalhos da seringa, na apanha da castanha, ou nos serviços que, na entre-safra, presta ao patrão, não consegue aprumar-se. E, então, profundo abatimento moral dêle se apodera, vendo-se derrotado, fracassado nessa justa tentativa de independência em que depositava tanta fé. Volta-se-lhe a alma para o sertão, reaviva-se-lhe a saudade dos campos de pastoreio, das culturas de feijão, de milho, de arroz, de cana, de macaxeira; dos engenhos fumegantes, das casas de farinha, do alambique, dos pastos fervilhantes de animais bravios, que êle, enfrentando tantos riscos, tão bem sabe amansar. Daí nascer-lhe um desejo incontido de regressar a seu torrão; sente-se, porém, prêso ao seringal, comprometido por dívidas que jamais terão fim. Quer fugir à odiosa opressão, mas o seringalista o espreita. Capangas vigiam-no, exigindo dêle sacrifícios inauditos, sob a ameaça de corte nos suprimentos. A fuga é quase impossível, porque a margem do rio é distante, as conduções difíceis, e o preço das passagens proibitivo para sua bôlsa magra de escravo da floresta.

E' essa atmosfera de descontentamento que dá margem a evasões de seringueiros que, às vêzes, conseguem escapar aos patrões, dixando-lhes dívidas por saldar. Para essa fuga, arrostam tôda sorte de perigos. Rumam às capitais amazônicas, fugindo à tirania dos seringais, e arrastam consigo a fama de caloteiros, de vagabundos, de fracassados (12). Mas, só mesmo quem se viu ilhado em paragens tão distantes, sem possibilidade de saldar dívidas misteriosas, pode compreender a odisséia dessa gente desventurada. Porque o «brabo» (13), que não se adapta ao corte da seringa, e os maus elementos que rumaram para os confins da Amazônia por mero espírito de aventura, êsses são logo eliminados pela crueza dos trabalhos, sofrendo natural seleção. Os patrões os conhecem e dêles se livram nas primeiras semanas de labuta. Mas aquêles que, renunciando à vida civilizada, penetram os igarapés quilômetros e mais quilômetros selva a dentro, localizando-se em zonas inóspitas e insalubres, enfrentando os perigos sem conta que por tôda parte os cercam, deveriam merecer um pouco mais de consideração por parte dos seringalistas e mais atenção por parte dos poderes públicos, porque êles constituem, na verdade, exemplos edificantes de intrepidez, tenacidade e amor ao trabalho.

---

(12) Os seringueiros fracassados por esta ou àquela razão, que regressam às capitais amazônicas, são apelidados de "gorgulhos", calças frouxas", piolhos de borracha".

(13) Brabo — Diz-se do nordestino feito seringueiro e ainda inexperiente na nova profissão.

Heróis de mil batalhas, sentem-se derrotados. Vitoriosos dos elementos da natureza, sucumbem ante a conta-corrente do barracão. A borracha não mais os seduz. Odeiam-na, até. Ao lado de cada seringueira foram enterradas, uma a uma, suas pobres ilusões de imigrantes. Só lhes resta uma tênue esperança, capaz de arrancá-los às garras do indiferentismo e do abatimento: a do retôrno à agricultura, que sempre lhes assegurou alimento, lhes matou a fome nos momentos mais aziagos, embora em sua prática sejam talqualmente explorados por latifundiários inescrupulosos.

3. DIFERENÇA DE ESTÁDIOS DE CIVILIZAÇÃO

Considerando-se a diferença de estádios de civilização que se observa entre os processos de trabalho do sertanejo do Nordeste, entregue à prática da agricultura, aos cuidados da pecuária e iniciando-se na industrialização mecânica, e do mesmo elemento deslocado para os seringais, praticando quase exclusivamente a indústria extrativa da borracha, verifica-se que impossível seria ao ádvena adaptar-se perfeitamente às atividades da seringa. No Nordeste, vivia a existência do homem já no limiar da civilização, cultivando os campos quando o permitiam as estações propícias. Pastoreava seus rebanhos, embora tendo que lutar, às vêzes, contra as asperezas do clima. Desenvolvia sua atividade nas usinas de açúcar, nos engenhos e em inúmeras outras pequenas indústrias que o progresso ia espalhando por tôda a região. No seringal, entretanto, sente-se recuado no tempo. A agricultura que pratica é quase nula, insignificante — um canteiro, à vista das imensas lavouras de sua terra. As criações cingem-se a aves domésticas, suínos e xerimbabos, porque a aquisição de gados maiores escapa às suas possibilidades, pois não pode pagar Cr$ 3.000,00 por um boi-cavalo (14), nem Cr$ 600,00 por um muar (14-a). Forçado pelas circunstâncias, é obrigado a entregar-se à atividade primitiva da indústria extrativa do látex, adotando, para isso, quase os mesmos rudimentares processos dos índios Cambebas, uns dos primeiros a se utilizarem do látex na confecção de objetos úteis. Apenas a machadinha é substituída pela faca de seringa. Nem mesmo o boião de metal, introduzido pelo progresso na defumação do leite, deu bom resultado, sendo logo substituído pelo primitivo — de barro — que, com irradiar menos calor, é menos nocivo à saúde do

(14) Boi-cavalo — Diz-se do boi que serve de montada.
(14-a) Preços vigorantes em 1946.

seringueiro. Em tudo o mais, vê-se ainda a prática de antanho, rústica, tal como a dos selvagens há dois séculos atrás (15).

Como um simpls palmilhador de estradas, a extrair em operações mecânicas o látex das árvores da floresta, que exerce sôbre seu espírito domínio fascinador, torturando-o dia e noite na sua eterna monotonia verde, o seringueiro nordestino sente voltar-lhe o "instinto da agricultura, da criação, da economia patriarcal". (ABGUAR BASTOS) (16).

Pertencendo embora a fase superior da civilização, teve que contrariar seus próprios instintos e desprezar as influências sócio-econômicas de sua herança, para adaptar-se a um estado selvagem e inferior, e praticar a primitiva economia florestal. Essa adaptação, porém, era contra seus fundos hábitos adquiridos e, em conseqüência, nunca poderia ser completa (17). Não existindo, ao lado da indústria extrativa da borracha, a prática da agricultura e da pecuária, que se deviam completar para favorecer a fixação do imigrante à terra, resultou fracassada a colonização do grande Vale. Obediente ao cotejo das duas formas de existência, o nordestino sente-se atraído novamente para os centros de trabalho mais adiantados, e o êxodo dos seringueiros se faz sentir como uma necessidade lúcida e racional (18).

Disposto a enfrentar todos êsses obstáculos, o imigrante resiste às tristezas da vida solitária e empenha-se a fundo nos labores da

---

(15) A III Conferência Nacional da Borracha, realizada em setembro de 1949, recomendou "que se promova a substituição progressiva do uso da faca amazônica e do machadinho pela faca oriental "jebong", e dos métodos atuais de sangria pelos de meia espiral, descendente, adotados nos seringais asiáticos".

(16) ABGUAR BASTOS, na "Introdução" à excelente obra de Craveiro Costa "A Conquista do Deserto Ocidental", estuda, com segurança de mestre, o tema em foco.

(17) Sôbre o assunto, escreve RALPH LINTON: "A menos *que* la verdadera conducta de los membros de uma sociedad se ajuste en tal forma que impida la interferencia mutua y los choques constantes, la sociedad no podrá funcionar" (Estudio del Hombre). Embora a essência sociológica da situação não reflita a opinião do A., ilustra ela de forma expressiva o fato, pois a interferência mútua e os choques constantes" são aí agudos e comportam solução de emergência, que é a fuga.

(18) A III Conferência Nacional da Borracha, realizada em Belém no mês de setembro de 1949, recomendou "que seja promovido o desenvolvimento da agricultura de alimentação nos seringais ou em zonas próximas dos mesmos, quando econômica e tècnicamente indicados" e "que seja incentivada a pecuária nos seringais ou em zonas apropriadas, para efeito de melhorar o padrão alimentar dos seringueiros, valorizando econômicamente os seringueiros e contribuindo para radicação das populações hinterlandinas".

seringa — olhar fito na fortuna que da mesma forma seduzira seus antepassados, que exploraram a borracha em épocas de seu fastígio, quando, apesar do regime de extorsão existente nos seringais, ainda assim podia o látex proporcionar possibilidades de bom êxito aos mais intrépidos e afortunados. Mas a crise de após-guerra criou em todos os centros de atividade humana sérios embaraços econômicos, com repercussão desastrosa na indústria da borracha. E tôda essa crise perturbadora, na Amazônia, foi refletir-se na economia do seringueiro, porque os gêneros de primeira necessidade, gravados com preços elevados, passaram a ser-lhe vendidos com majoração criminosa, pior do que dantes. O seringalista não divide também consigo o pêso da crise. Transfere-o todo para o desprotegido seringueiro, que, asfixiado, não resiste: fracassa e procura encontrar outro meio de subsistência. Daí suas vistas se voltarem novamente para a agricultura, na qual vê o remédio salvador de sua situação precária. Mas, para reingressar na nova atividade, deve, antes de mais nada, libertar-se das dívidas que contraiu no barracão. Como fazê-lo, entretanto, se tais dívidas nunca têm fim e, pelo contrário, cada vez mais se avolumam, sob as ameaças do patrão, que exige o máximo de borracha para justificar os fornecimentos de mercadorias?

Ilhados em regiões cujas terras sem fronteiras se constituem, na sua quase totalidade, de seringais e castanhais nativos, os nordestinos, ainda que libertados das peias que os ligam ao armazém, não dispõem de meios para se dedicarem à prática da lavoura, em larga escala, e nem ao desenvolvimento da pecuária. Isso ocorre, por um lado porque os seringalistas, proprietários de tôda a região, não permitem o desenvolvimento da agricultura em suas terras, dado que isso não lhes interessa do ponto de vista econômico (19), e, por outro lado, pela dificuldade que a selva impõe, no seu desbravamento, à formação de campos de cultura e pastoreio. Considere-se, também, o nomadismo compulsório do colonizador, nocivo à prática da agricultura. "Só a vida sedentária, direta ou indiretamente — escreve VIDAL DE LA BLACHE —, dá consistência

---

(19) A respeito do desprêzo que os seringalistas votavam à agricultura, ARAÚJO LIMA escreve: "O seringueiro fatalmente despercebia-se da necessidade de cultivar a terra. Mas, se fazia qualquer tentativa nesse sentido, era dissuadido do seu intento pelo patrão. Pode-se mesmo dizer que havia interdição ao cultivo de produtos alimentícios. Plantar era um crime. De um prande proprietário no rio Aripuanã ouvi a confissão de que, naqueles tempos ominosos, expulsava de seus seringais todo freguês que tentasse fazer a pequena lavoura" ("A Amazônia — A Terra e o Homem"). Em nossos dias, a situação em quase nada se modificou.

à ocupação do solo; ora, a agricultura é o único regime em que tem, desde a origem, permitido coabitar num ponto fixo e aí concentrar o necessário para a existência. Contudo, não é agricultor aquêle que, depois de ter queimado a erva, lança alguns punhados de grão e se afasta, mas sim aquêle que acumula e faz reservas" ("Princípios de Geografia Humana").

Os poucos seringueiros que se fixaram à margem de rios e aí vêm procurando, no trato da terra, melhor meio de vida, sofrem permanente ameaça de serem a todo momento despojados de suas benfeitorias.

Manoel Alves Martins, cearense, viúvo, que tinha em sua companhia uma filha viúva e uma neta, trabalhava havia sete anos num seringal situado à margem do rio Acre. Suas estradas de seringa tinham insignificante produção de látex e êle retirava em cada safra uma média de 300 quilos de borracha, quantidade irrisória para o sustento de uma família que era obrigada a comprar açúcar a Cr$ 10,00 o quilo e jabá a Cr$ 20,00 (19-a). Dedicou-se, pois, à agricultura, cultivando um grande roçado, onde plantava milho, mandioca feijão, fumo, arroz etc. Criava suínos e galinha, que eram vendidos na capital do Território do Acre ou mesmo aos próprios seringueiros da propriedade. Êsse lavrador teve sua dívida para com o barracão ràpidamente solvida, porque sòmente comprava no seringal as utilidades de que não podia prescindir, tais como sal, querosene, tecidos. Manoel Alves Martins, que, na opinião do seringalista, era qual pêso morto dentro do seringal, sofreu por isso mesmo as maiores perseguições. Para forçá-lo a abandonar a colocação próspera, o patrão mandava soltar animais em seu roçado, a fim de destruir-lhe as plantações, do que até resultou séria rixa entre ambos, tendo o seringalista chegado a saltar em seu pôrto para matá-lo a rifle, intento criminoso de que foi dissuadido pelos conselhos das pessoas que o acompanhavam.

Cnsideremos, agora, o caso de outro nordestino, ex-seringueiro, que trabalhou na extração da borracha durante trinta anos. Trata-se de Luiz Alves Ferreira, cearense, casado, com dois filhos — um com 15 e outro com 8 anos. Emigrou para o Território do Acre em 1904. Depois de trabalhar três décadas na extração do látex, resolveu dedicar-se à agricultura, com a esperança de retirar da terra o que não havia conseguido retirar das seringueiras. Pediu e obteve autorização verbal para instalar-se nos campos da

---

(19-a) Preços vigorantes em 1946.

Fazenda Niemeyer, em Rio Branco, naquele Território, onde, depois de oito anos de penoso trabalho, conseguiu organizar pequena mas florescente propriedade, chegando a possuir quinze cabeças de gado, várias outras criações, lavoura de café, "casa de farinha" etc. Certo dia, inesperada e inexplicavelmente, o proprietário dos referidos campos exigiu sua imediata devolução, e, como Luiz Alves Ferreira não pudesse desfazer-se de todos os bens dentro do exíguo prazo que lhe fôra concedido, o proprietário mandou lançar fogo à sua habitação, o que destruiu não só a "casa de farinha", como também sacrificou vários animais. Assim despejado, vendo periclitar a própria vida e a dos membros de sua família, fugiu, tendo um prejuízo total. Tempos depois, instalou-se, devidamente autorizado, em terras de outro seringal, na região do "Poço da Cobra", dedicando-se novamente à agricultura, cujos produtos vendia, porém sentia que sua situação era de insegurança, esperando a cada momento ser novamente enxotado. Por essa razão não ampliara o cultivo dos campos nem mais se dedicara à criação de gado (19-b).

Sem conta é o número de nordestinos desiludidos com o trabalho da seringa, que, de bom grado, se dedicariam à agricultura e à pecuária, se para isso contassem com a proteção dos poderes públicos. Referimo-nos àqueles que conseguiram libertar-se da escravidão dos seringais e não foram vítimas das doenças que dizimam multidões de trabalhadores. Se encontram ambiente satisfatório ao desenvolvimento de suas atividades, dedicam-se a elas com entusiasmo e interêsse. Nada, entretanto, é capaz de reter no Vale aquêles que, prêsas de endemias, subnutridos, abatidos moralmente — e é a grande maioria — conseguem milagrosamente atingir a margem de algum rio. Seu único objetivo é retornar ao Nordeste, ainda que levem consigo a miséria orgânica e econômica, e saibam que em sua terra serão apontados como elementos sem fibra, preguiçosos e sem vontade (20). Èsses ex-seringueiros

---

(19-b) Informações colhidas em inquérito realizado pelo A. em 1946.

(20) Castro Barreto, em "Estudos Brasileiros de População", escreve estas judiciosas palavras: "Só assoalha que o brasileiro é preguiçoso quem nunca o viu trabalhar; quem é tão ignorante que, tendo sob os olhos um desgraçado compatriota, analfabeto, verminado, sub-alimentado, abandonado dentro de uma miserável palhoça sôbre a terra encharcada, confunde essa miséria e êsse abandono com preguiça! Nenhum ser humano seria capaz de fazer mais do que êle faz, ainda assim. É prodigiosa, apesar de tudo, a capacidade do nosso trabalhador, só comparável ao seu espírito de sacrifício mourejando sub-alimentado sob as terças, parasitado pelo necator, hipoêmico, ulcerado, no mais absoluto desconfôrto".

dificilmente serão retidos na Planície Amazônica. Nenhum argumento será capaz de fazê-los desistir da fuga empreendida, porque levam, estampados nos olhos e no coração, os sofrimentos e as amarguras que a Amazônia lhes imprimiu na carne e na alma. Nem a oferta de lotes em colônias agrícolas, nem os trabalhos rurais nas fazendas de gado, nem as próprias atividades citadinas conseguem embargar-lhes os passos trôpegos e detê-los no grande Vale.

Perderam a confiança nas promessas falazes das entidades que os recrutaram no Nordeste acenando-lhes com as belezas e as riquezas da floresta tropical, onde, segundo condenável processo adotado para o recrutamento, lhes fôra prometida uma existência sem sofrimentos, sem humilhação e sem miséria, como se miséria, humilhação e sofrimento não constituíssem a trindade maldita que acompanha a marcha de aniquilamento dêsses heróis desprezados e esquecidos no recesso das impérvias matas virgens da Planície Amazônica.

4. COLÔNIAS AGRÍCOLAS

Se a produção em larga escala, constitui um dos fatôres que debelarão a crise em que se debate todo o país, forçoso é convir que as colônias, espalhadas pelo território nacional, poderão assumir papel preponderante nessa luta titânica de reerguimento de nossa vida econômica.

Das várias colônias agrícolas nacionais mantidas pelo Ministério da Agricultura (21-a), duas estão localizadas na Amazônia: uma em Monte Alegre, Estado do Pará, e outra no Estado do Amazonas, no município de Manacapuru. Apesar da situação progressista dessas colônias, ainda não podem elas suprir, com seus produtos, as necessidades dos centros consumidores que lhes ficam próximos. Para atingir êsse objetivo, sem demora, terá o Govêrno de ampliar seus serviços, invertendo nêles maiores somas para o incremento de sua lavoura e pecuária, levando em conta que as colônias da Amazônia lutam com dificuldades de todo gênero, desde o transporte, quase todo feito por via fluvial, até o próprio desbravamento dos lotes, que precisam ser, um a um, conquistados à floresta virgem.

(20-a) Essas colônias, que hoje se denominam núcleos, estão atualmente subordinados ao Instituto Nacional de Imigração e Colonização.

De forma que, para uma possível localização em massa, de ex-seringueiros que porventura venham a desmobilizar-se do exército de imigrantes que lutaram na "Batalha da Borracha", e que, dos altos rios, rumem em direção às capitais amazônicas, em busca de reajustamento de sua situação econômica, teriam os Governos central e estaduais de adotar medidas mais amplas que facilitassem a êsses retornados seu reingresso na atividade do trato da terra, proporcionando-lhes, mesmo, certas vantagens para atraí-los, pois o que se verifica é a dificuldade de se fixarem trabalhadores nas zonas rurais, dadas as mínimas garantias que o campo lhes oferece atualmente, em contraste flagrante com a cidade, onde as leis trabalhistas pelo menos são uma proteção efetiva contra o abuso dos empregadores.

Houve uma época, logo após o término da II Guerra Mundial, em que o problema do retôrno de trabalhadores da seringa começou a alarmar as autoridades públicas, culminando com o pedido de providências urgentes, solicitadas ao Govêrno da União pelos Governos do Pará, Amazonas, Acre e Guaporé, no sentido de serem amparadas as multidões de imigrantes que estavam abandonando os seringais.

Êsses seringueiros que retornavam às capitais amazônicas vinham, uns, atacados de moléstias endêmicas, outros, desgostosos com a profissão que haviam abraçado e na qual não puderam auferir vantagens compensadoras de seu sacrifício, devido ao preço exorbitante das mercadorias que os patrões seringalistas lhe vendiam. Os Ministérios da Agricultura e do Trabalho cogitaram, então, de localizar êsses retirantes nas colônias agrícolas já existentes, providência essa que, como era de esperar, não solucionou o problema. O que se verificou, e o que se verifica ainda, é que a quase totalidade dêsses imigrantes, desiludidos com o serviço da borracha, não mais querem entregar-se a qualquer atividade no Vale. Constatou-se em inquéritos que essa recusa formal se originara da falta de confiança que, à época, lhes inspiravam as autoridades públicas, alegando êles que haviam sido pelas mesmas ludibriados no Nordeste, por ocasião do recrutamento, pois lhes foram oferecidas garantias que se não concretizaram, promessas que jamais foram cumpridas, assistência que lhes não foi dada. Escapados à fome e à miséria, ao atingirem as capitais, receavam entregar-se a novas aventuras, porque temiam nunca mais poderem voltar a ver a terra natal, como acontecera a parentes, amigos e companheiros seus que ficaram para serem enterrados à sombra da misteriosa floresta. Daí a dificuldade de se drena-

ZONA DE RECRUTAMENTO E COLOCAÇÃO DE TRABALHADORES

rem as levas em retirada para quaisquer atividades dirigidas pelos poder público, dificuldades essa que só poderão ser contornadas se medidas concretas de proteção a êsses trabalhadores forem postas em prática, paralelamente a uma inteligente preparação psicológica que vise à recuperação dessa confiança perdida, por culpa de certos "técnicos de imigração" que, no início da Batalha da Borracha, tiveram a seu cargo a campanha de aliciamento (21) e alistamento dessa gente, até hoje abandonada à própria sorte. Os esforços empregados pelo ex-Departamento Nacional de Imigração, no sentido de minorar os efeitos daquela desastrada campanha, pouca cousa representaram, tendo-se em vista as graves proporções do problema, que não podia ser resolvido apenas com as medidas então tomadas, mas exigia largo plano de ação, no qual deveriam colaborar estreitamente, como interessados diretos, diversos órgãos da administração — federais, estaduais e municipais.

Quando, em 1948, foi da realização da I Conferência Brasileira de Imigração e Colonização, em Goiânia, Estado de Goiás, o Dr. Carlos Viriato Saboya, então Diretor do Departamento Nacional de Imigração, teve oportunidade de, sentindo a gravidade do problema do êxodo rural, apresentar àquele conclave a tese intitulada "Fatôres de fixação do homem à terra", aprovada unânimemente por aquêle plenário, e na qual apresentou oportunas conclusões tendentes, se não a solucionar definitivamente o problema do abandono dos campos, pelo menos a minorar suas graves conseqüências atuais. Essas conclusões são as seguintes:

1.º) Saneamento das regiões malsãs a serem colonizadas;

2.º) Prestação de assistência médico-hospitalar às populações dessas zonas;

3.º) Elevação do padrão de existência e melhoria das condições econômicas, a fim de atender às necessidades do custo de vida;

4.ª) Prestação de assistência educacional, religiosa, técnica e social;

5.ª) Estímulo à produção, com o fornecimento de sementes e maquinaria agrícola;

6.ª) Providências que assegurem a colocação dos produtos oriundos da região, no mercado consumidor, que deverá ser próximo das fontes de produção;

---

(21) Não houve recrutamento e sim aliciamento, pois o trabalhador nordestino foi seduzido, enganado pelos aliciadores.

7.ª) Transporte rápido e barato para os produtos exportáveis;

8.ª) Distribuição de lotes de terra aos imigrantes ou trabalhadores nacionais, para uma indenização a longo prazo;

9.ª) Criação de centros de recreação, nos núcleos populosos, com o fito de estreitar os laços sociais entre seus habitantes; e

10.ª) Criação de colônias-padrão, destinadas a estimular a produção agropecuária.

Analisando o problema da terra, escreve o Dr. Carlos Viriato Saboya: "A distribuição de terras aos colonos deve merecer a maior atenção do Poder Público. Estados de vastas dimensões, como os há no Brasil, têm grande parte de suas terras em mãos de um pequeno grupo de latifundiários; a injusta repartição dessas terras é prejudicial às grandes massas camponesas que, não tendo direito a elas, não sentem incentivo para incrementar a produção agrícola. O Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso), dispondo de um imenso território, conta apenas com 65.930 emprêsas agropecuárias, enquanto que no Sul (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) há 636.203 dessas emprêsas, responsáveis pela riqueza da região, o que constitui prova evidente de que o desmembramento das grandes propriedades é fator decisivo de progresso. Urge, pois, se torne realidade a Reforma Agrária (21-a), nos moldes preconizados na Mensagem do ano passado, do Senhor Presidente da República ao Congresso Nacional, a fim de que a colonização das grandes áreas despovoadas do Brasil se processe de maneira racional e proveitosa para o progresso do país. Tôda e qualquer iniciativa governamental que vise à melhoria das condições existenciais das zonas camponesas concorrerá, indubitàvelmente, para diminuir o flagelo do êxodo rural, e será um fator decisivo para maior fixação do homem à terra. Outros fatôres secundários, que me dispenso de analisar aqui, poderão concorrer também para a fixação de populações no campo, porém, segundo o nosso ponto de vista, deverão merecer primazia aquêles relacionados com as condições sanitárias e econômico-sociais das populações rurais, pois é certo que em tôrno dêsses dois pontos

---

(21-a) "É decorrência hoje de observação que o espírito rural só se transfunde naqueles que sentem a terra como propriedade ou que recebam diretamente dela as vantagens econômicas e também as da organização de uma vida social em função da gleba" (Souza Barros — «Exodo e fixação».)

reside a maior parte dos anseios das grandes massas camponesas" (22).

* * *

A desmobilização total dos "soldados da borracha", que foi objeto de estudos por parte do Govêrno, não consultaria, no momento, os interêsses da administração pública. Traria à economia do grande Vale prejuízos tais cujas conseqüências seria difícil de prever. Considere-se o desequilíbrio demográfico (23) que isso ocasionaria, tendo-se como resultante a carência de mão-de-obra, tão aguda à época, pois é pequena a porcentagem de amazonenses que se dedicam aos trabalhos da seringa, comparada com o número de nordestinos que desbravam e colonizam a bacia amazônica. Ademais, a recondução dêsses trabalhadores para o Nordeste iria criar, ali, outros tantos problemas tão sérios quanto os que se nos deparam na região da borracha, com a agravante de os retirantes, na sua maioria, estarem atacados de impaludismo crônico ou de outras doenças tropicais, que reduzem, quando não anulam totalmente, sua capacidade de trabalho.

Cumpre ao Govêrno retê-los no Vale. Os "soldados da borracha" não precisam nem devem ser desmobilizados, porque o Brasil tem que travar ainda uma grande batalha — a batalha da produção de borracha para o consumo interno (24), que há de ser

---

(22) "O problema da fixação do homem — escreve o deputado VASCONCELOS COSTA — é de grande importância onde estiver o interêsse econômico; onde houver condições de vida, estará o homem" ("Recuperação Econômica da Amazônia", *in* "Revista do Serviço Público", setembro de 1949).

(23) Se o ótimo de densidade populacional segundo certas regiões, é de 15 habitantes por quilômetro quadrado, considere-se o que é a Amazônia, com um habitante por quatro quilômetros quadrados!

(24) "A produção e o consumo de borracha natural no Brasil — escreve A. DE MIRANDA BASTOS — tem apresentado tendências diferentes. Enquanto até 1947 a quantidade produzida foi sempre superior ao consumo, em 1948 essa superioridade quase desaparecida, e, no ano assado, segundo as estimativas da Comissão Executiva da Borracha, o consumo ultrapassava a produção. O fato se reveste de suma gravidade. Começaremos, dentro em breve, de importar o produto estrangeiro.

. . . .

Não devemos alimentar ilusões pensando na volta da nossa borracha ao mercado internacional. A produção mundial supera o consumo e os Estados Unidos, com seus sintéticos, e que precisam estar alertas para um novo caso de guerra, impõem o preço que lhes convém à goma natural da Indonésia e Malásia. Mas a indústria brasileira chegou à um índice que faz prescindir de outras cogitações. Não podemos descuidar. Está na hora de fomentar a pro-

ganha com a tenacidade e o patriotismo dos seringueiros amazônicos (25).

Equipemos devidamente êsses soldados. Aproveitemos melhor os braços mal aproveitados dêsses trabalhadores. Proporcionemos-lhes condições favoráveis de vida na grande Planície, para que cada barraca se transforme em uma pequena propriedade, onde o trabalhador possa mergulhar definitivamente as raízes de seus sonhos, de suas esperanças, de suas ambições. Para conseguir êsse objetivo, é preciso, antes de mais nada, dar-lhes assistência de acôrdo com suas possibilidades, para o que será necessário combater a ganância de certos patrões seringalistas, que, de longa data, vêm mantendo os nordestinos encravizados a seus barracões, através do fornecimento de mercadorias vendidas por preços exorbitantes, muitas vêzes com lucros superiores a cem por cento. Se essas mercadorias fôssem vendidas sem lucros, conforme, aliás, rezam os contratos, ou com lucros moderados; e se o impaludismo, que assalta a quase totalidade dos seringueiros, fôsse combatido com mais eficácia, saneadas que fôssem pelo menos as imediações das moradias, o nordestino não continuaria a abandonar o Vale, como vem fazendo, porque é sabido que o homem permanece onde as condições econômicas lhe sejam favoráveis. E se a agricultura desenvolver-se junto aos seringais, proporcionando meios a que o seringueiro adquira lotes e os cultive simultâneamente com a exploração da borracha (26), então êle fixará definitivamente

---

dução da borracha amazônica, pelos meios que tornem o seu custo mais reduzido, a fim de que não precisemos de cometer o êrro de dilapidar a reserva formada durante três anos, nem o abuso de ter de importar borracha a outros produtores" (A. DE MIRANDA BASTOS — "O Jornal" de 29 de janeiro de 1950).

(25) O embaixador WILLIAM PAWLEY, a respeito de nossa indústria extrativa gomífera, declarou à imprensa o seguinte: "Aquêles preços (da borracha) não poderiam ser mantidos porque não são econômicamente justos em tempo de paz. Esperamos que durante aquêle longo auxílio a indústria tenha sido posta em condições de competir no mercado mundial sem nenhum necessidade de auxílios, que são sempre econômicamente defeituosos". Bem sabemos que a nossa indústria de borracha não pode ser "posta em condições de competir no mercado mundial". Como consegui-lo, se a borracha oriental é vendida pela quarta parte do preço do produto nacional?

(26) "C'est la culture du sol, l'utilisation des végétaux pour sa nourriture et pour ses besoins, — escreve ALBERT DAUZAT — qui a été le début d'une transformation profonde de la vie.

. . . .

... l'agriculture ne peut se concevoir sans une certaine fixité, sans la durée de l'exploitation, sans l'appropriation du sol par ceux qui le travaillent et en tirent des richesses" (La vie rurale en France — Paris — 1950).

os paus de sua cabana no solo fértil da Amazônia e acalmará seu nomadismo, que não é atávico, mas se comporta de acôrdo com leis conhecidas, em função de seu desajustamento social (26-a).

Com a finalidade de desenvolver a agricultura no Vale Amazônico, não só nas proximidades das zonas urbanas — com distribuição equitativa de lotes aos imigrantes —, mas também nas zonas rurais, o Govêrno poderia controlar a ida de trabalhadores nordestinos para os seringais e drenar para a agricultura os que quisessem a ela dedicar-se espontâneamente, proporcionando-lhes, é lógico, todos os meios indispensáveis a seu trabalho e progresso, garantindo-lhes preço remunerador para os produtos e facilidades de transporte para os centros consumidores, que devem ser próximos das fontes de produção.

Os exemplos de imigrantes nordestinos que, em número relativamente elevado, venceram nos trabalhos de agricultura, no Vale Amazônico, são alentadores. As colônias agrícolas do Território do Acre — uma em Rio Branco (Apolônio Sales); duas em Brasiléia (Epitácio Pessoa e Vieira de Souza); e uma em Xapuri (Epaminondas Martins) —, em 1948, apresentaram resultados compensadores. A primeira era constituída de 98 homens, 74 mulheres, 98 menores masculinos e 81 menores femininos, num total de 342 pessoas, sendo 64 casadas e 258 solteiras, distribuídas, por naturalidade, da seguinte maneira:

Acre	75
Alagoas	2
Amazonas	4
Ceará	95
Distrito Federal	1
Estrangeiros (1 português e 1 japonês)	2
Guaporé	1
Pará	5
Paraíba	22
Pernambuco	6
Piauí	2
Rio G. do Norte	127

(26-a) "Contou-me um proprietário de terra — refere Souza Barros em seu livro "Exodo e Fixação" — que, ao indagar de um trabalhador porque ia sair do engenho, pois que nada havia contra êle e todos estavam satisfeitos com o seu trabalho, obteve a seguinte resposta: "Seu doutor quem fica todo tempo numa terra é defunto". Realmente, a terra alheia não convida o rurícola a uma vida sedentária".

Verifica-se, do quadro acima, que 74% dos trabalhadores da referida colônia eram nordestinos, sendo que todos embarcaram para a Amazônia com o fim de se dedicarem aos trabalhos da borracha, mas, ainda em tempo, perceberam o êrro em que iriam cair e resolveram dedicar-se à agricultura.

Segundo opinião do diretor do Departamento de Produção do Território do Acre, há necessidade de se estender a colonização aos centros dos seringais, iniciando-se, desde já, o loteamento das terras que marginam as duas estradas que o Govêrno está construindo: uma, de Rio Branco a Sena Madureira, e outra, de Rio Branco a Vila Plácido — margem do Abunã. E então o Acre, onde se concentra o maior número de seringueiros, se libertará em parte do pêso das importações de gêneros alimentícios a que está sujeito em virtude de sua quase nula produção.

Por mais paradoxal que pareça, o fato é que a indústria extrativa da borracha — a maior fonte de riqueza da Amazônia — está entravando o progresso e o desenvolvimento do imenso Vale. Grande parte da população amazônica aproveitável no trabalho entrega-se a atividades ligadas à extração da goma elástica (27), para o que precisa de importar tudo o que se torna necessário à manutenção dessa indústria, desde a farinha d'água, alimento fundamental para os trabalhadores da Planície, até os tecidos e mais utilidades indispensáveis. A propósito, escreve Lima Figueiredo: "Acontece que o Vale Amazônico, pela sua condição de atraso, não possui auto-suficiência econômica. Tudo tem de vir de fora e de longe. Banha e charque do Rio Grande do Sul; tecidos e conservas de São Paulo; açúcar de Pernambuco; fumo da Bahia; feijão da Paraíba; sal do Rio Grande do Norte.

No que respeta à agricultura, a produção do Vale é insignificante, comparada às suas necessidades. No Acre, o gado bovino para corte e para tração é importado da Bolívia, acontecendo o mesmo com relação a equídeos, sendo que um muar em 1947, era vendido em Rio Branco — Território do Acre — por Cr$ 4.000,00. O gado é mal aproveitado e não tem merecido os devidos cuidados, sendo que, segundo PIMENTEL GOMES, "só um décimo do rebanho pode ser abatido para consumo, quando,

(27) Cêrca de 2.000.000 de brasileiros vivem direta ou indiretamente da produção da borracha.

na Argentina e em zonas brasileiras de boa pecuária, se abate até um quinto, sem prejuízos para a pecuária". E dizer-se que, há cem anos atrás, a ilha de Marajó possuia 600.000 rêses bovinas!

Ao lado da borracha, a castanha, a juta, as madeiras de lei, o guaraná, o timbó, os óleos e as essências constituem outras tantas riquezas que devem ser mais bem exploradas, mas em virtude de ser a borracha o produto gerador de maior riqueza do Vale, sua extração absorve quase tôdas as atenções dos trabalhadores amazônicos. De forma que a goma elástica, mantendo a supremacia dentro da Planície, como produto de maior interêsse comercial, comanda o fiel da balança econômica, fazendo oscilar o progresso da Amazônia segundo se mantenha elevada ou não a cotação dos preços dêsse produto. Desde que a borracha oriental vantajosamente entrou a concorrer com a brasileira, o Vale Amazônico estagnou o seu progresso, tendo, vez por outra, efêmeros arrancos de soerguimento, como ocorreu durante a última guerra, quando a borracha se valorizou artificialmente como material estratégico que era (28).

A borracha absorveu, na sua extração, os poucos nativos do Vale que se dedicam a êsses trabalhos e quase todos os nordestinos que emigraram espontâneamente para a Amazônia em conseqüência das sêcas de sua terra, ou que para lá foram aliciados na Campanha da Borracha. Tôda essa imensa população só na borrcha é que vê ilusòriamente fonte para enriquecimento. Nunca se cogitou do desenvolvimento sério da agropecuária, resultando, dêsse êrro de visão administrativa, o elevado custo dos gêneros e utilidades, que subiram no Vale Amazônico, de 1910 a 1940, numa média de setecentos por cento! Àqueles que não acreditam no desenvolvimento da agricultura na Planície Amazônica, opo-

---

(28) Os preços da borracha, durante a guerra, se mantiveram até julho de 1947, por fôrça dos contratos firmados entre os Estados Unidos da América e a Comissão de Contrôle dos Acôrdos de Washington. O Congresso Nacional votou a Lei n.º 86, de 8 de setembro de 1947, estabilizando o preço mínimo daquele produto em Cr$ 18,00 o quilogramo, até 31 de dezembro de 1950, a ser pago pelo Banco de Crédito da Borracha S.A. (art. 2.º). Pela mesma Lei foi criada a Comissão Executiva de Defesa da Borracha, a qual se constituiria de três membros, sendo um representante do Banco de Crédito da Borracha S.A., um dos produtores e um da indústria manufatureira, sob a presidência do ministro da Fazenda (art. 5.º).

mos a opinião autorizada do técnico PIMENTEL GOMES, que afirma: "A agricultura não encontra na Amazônia, em regra, terras tão boas como acreditam os que não a conhecem nem têm maiores conhecimentos de química agrícola. Há, malgrado isto, possibilidades para uma produção suficiente de quase tudo o que ela atualmente importa para se alimentar".

Agora, mais do que nunca, quando séria ameaça pesa sôbre o futuro da borracha brasileira, que terá de enfrentar dentro de pouco tempo a concorrência das vastas produções dos seringais da Insulíndia, do Ceilão e da Malaia (29), além da produção da borracha sintética norte-americana, que atinge anualmente a mais de 800.000 toneladas, é necessário que nos preparemos para fazer face ao desequilíbrio que será ocasionado pela queda de preços. No incentivo que muitas iniciativas deverão ter, ressalta, sem dúvida, o que será dado ao fomento da agropecuária dentro dos seringais, para proporcionar ao trabalhador da seringa meios de combate à crise econômica que, no meio dessas populações, se faz sentir de maneira espantosa (29-a).

O seringal "Emprêsa", propriedade do Govêrno territorial do Acre, foi adquirido para ser loteado e entregue a seringueiros que, paralelamente à exploração da borracha, deveriam praticar nêle a agricultura e a pecuária, com a finalidade de suprir de gêneros alimentícios as necessidades da capital do Território, tendo em vista que o referido seringal fica próximo a Rio Branco. Entretanto, por motivos que escapam à nossa apreciação, a citada propriedade não foi aproveitada para êsse fim, mas sim arrendada por Cr$ 100.000,00 anuais, embora sua produção atinja a 100 toneladas, isto é, Cr$ 1.600.000,00, saldada a borracha a Cr$ 16,00 o quilo.

A divisão em lotes, para o desenvolvimento da agricultura e extração da borracha, seria uma experiência interessante, talvez

---

(29) Em 1948, a Federação Malaia produziu a metade da borracha mundial — 709,4 milhares de toneladas — colocando-se em 1.° lugar. O 2.° lugar coube à Indonésia, com 439 milhares de toneladas. O 3.° lugar, ao Sião, com 97,4 milhares de toneladas. O 4.° lugar, ao Ceilão, com 96,5 milhares de toneladas. O 5.° lugar, à Indochina, com 44,6 milhares de toneladas. O 6.° lugar ao Saravaque, com 40,3 milhares de toneladas. O 7.° lugar coube ao Brasil, com cêrca de 20 milhares de toneladas.

(29-a) O A. fazia essa advertência em 1948.

um excelente ponto de partida para futuras realizações idênticas, experiência essa que poderia ter dado ótimos resultados, mas que, inexplicàvelmente, não foi levada a efeito (30).

---

(30) Precisamente um ano após sua primeira visita ao Território do Acre, o A. retornando àquela unidade federativa, em missão oficial, teve o grande prazer de verificar que o então Govêrno acreano, patriòticamente exercido por essa singular figura de homem público que é o Ten.-Cel José Guiomard dos Santos, havia mandado anular os contratos de arrendamento do seringal "Emprêsa" e fazenda "Sobral", para lotear e distribuir suas terras entre lavradores, criando, assim, duas importantes colônias agrícolas nos arredores da capital acreana. Igual procedimento teve com relação às terras de Pôrto Acre, onde, também, foi estabelecida uma próspera colônia agrícola, sendo em tôdas elas localizados vários ex-soldados da borracha. A III Conferência Nacional da Borracha, realizada em Belém do Pará no mês de setembro de 1949, recomendou "que seja apressado o advento de uma Lei Agrária que atenda às reais necessidades do país, dentro das peculiares condições geo-econômicas, ecológicas e geo-demográficas de cada região, de modo a permitir, entre outras vantagens, o aumento do número de pequenas propriedades e a fixação do homem à terra".

Capítulo II

O SERINGUEIRO E A BARRACA

1. O imigrante nordestino
2. A família do seringueiro
3. Nostalgia e insulamento
4. Deficiência alimentar
5. A barraca
6. O roçado
7. As criações
8. Higiene e educação sanitária
9. Analfabetismo

Capítulo II

O SERINGUEIRO E A BARRACA

1. O IMIGRANTE NORDESTINO

Premido pela grande sêca que assolou o Nordeste nos primeiros anos do último quartel do século passado, ocasionando o desmantêlo da vida econômica da região e lançando ao desamparo e à miséria populações inteiras, um grupo denodado de exploradores, tripulando a lancha "Anajás", penetrou o rio Amazonas, atingindo a foz do rio Acre em 1877. À frente dêsses bravos e intrépidos pioneiros alteava a figura impressionante de Manoel Urbano da Encarnação que, antes, havia servido de guia a William Chandless nas suas pesquisas pelo Purus, Ituxi e outros rios. Acompanhavam-no seu filho, Braz Urbano, e alguns dedicados companheiros. Vinham como destacamento precursor da vanguarda do imenso exército que, logo após, emigraria para a grande Planície, buscando sobreviver aos rigores das condições cíclicas que castigavam a terra dadivosa dos sertões nordestinos. Penetraram na terra amazonense, prosseguiram, até se embrenharem nas florestas acreanas, onde estavam situados os mais produtivos seringais. Enfrentaram o perigo das febres e a impertinência dos insetos. Espalharam-se no intrincado aranhol hidrográfico da Planície, singraram desconhecidos rios e defrontaram-se com os índios caucheros bolivianos no recesso da floresta. Em pouco tempo, a região adormecida começou de fremir ante o trabalho do homem a vasculhar-lhe as entranhas, a arrancar da exuberância da *selva selvaggia* a riqueza que jorrava fácil dos golpes que a machadinha ia vibrando nas maravilhoss héveas e castilhoas. E, após a grandiosa jornada de Plácido de Castro, os nordestinos conquistaram para o Brasil "a região acreana, que a apatia e a transigência da diplomacia brasileira haviam tàcitamente reconhecido como boliviana" (ARAÚJO LIMA, *ob. cit.*).

Emigraram forçados pelas circunstâncias do momento e seguiram rumo ao misterioso Eldorado, nutrindo a doce esperança de, na nova terra, poderem fincar o esteio definitivo de sua morada, e lavrar os campos humosos, e pastorear o gado nos prados que se formassem. Emigraram, não compelidos pela fôrça impulsiondora de um suposto nomadismo predestinado, congênito, mas sim para não sucumbir à míngua em seu torrão natal; para não ver as descarnadas rêses, sôfregas e sedentas, lamberem a terra ressequida; para não presenciar o estorricamento da vegetação fanada e os campos imersos no sudário duma tristeza amordaçante, que a pasmaceira da inatividade espalhava pelo sertão. Emigraram para não se aniquilarem, para sobreviverem à calamidade telúrica. Doutra forma não se explicaria tal deslocamento demográfico, sabendo-se quanto o nordestino à apegado à sua terra, pois êsse êxodo, que se dava por ocasião das "grandes sêcas periódicas, era excepcional, por motivo de calamidade climática, hoje em grande parte restringida" (A. J. SAMPAIO — "A alimentação sertaneja e do interior da Amazônia").

Sem meios para enfrentar e combater os rigores das sêcas, o nordestino não se deixou abater, vencido embora ante a inutilidade de seus esforços. Seguiu rumo ao Vale imenso, selvagem mas fascinante, cheio de lendas e mistérios, mas prenhe de riquezas fabulosas. Edificou no deserto da floresta sua tôsca barraca — palafita à beira dos igarapés — e afogou sua sêde no oceano d'água doce do mais importante sistema hidrográfico do mundo (31).

2. A FAMÍLIA DO SERINGUEIRO

O imigrante, para poder enfrentar os percalços da profissão de seringueiro, rumava para o Vale deixando, no Nordeste, a mulher e os filhos. Desligava-se de seus entes queridos na suposição de que isso lhe facilitaria a tarefa que tinha em vista: arrancar da Planície o ouro negro que o deveria libertar do servilismo agrário e semi-feudal de sua terra. Mas desde logo se constatou que

---

(31) Refere JOSUÉ DE CASTRO que "dos retirantes que, acossados pelo flagelo em suas múltiplas investidas, se dirigiram para a Amazônia pela miragem do ouro negro, calcula-se que meio milhão foi dizimado pelas epidemias, pelo paludismo, pela verminose e pelo beribéri. A Amazônia, ou melhor, o Acre, que era seu ponto de atração mais forte, foi o grande sorvedouro da vida sertaneja" (*Ob. cit.*).

o seringueiro nordestino, como qualquer outro trabalhador, não poderia sobreviver na Amazônia divorciado da família. O filho solteiro tinha o pensamento e os olhos postos na casa paterna e na noiva que aguardava, ansiosa, seu regresso vitorioso. O pai e marido, nas suas noites tormentosas, via, em sonhos, a companheira distante e os filhos a lhe reclamarem a presença. Era natural que se rebelassem ante situação tão anômala, uma vez que, à época, nem mesmo era possível a constituição de famílias ilegais, dada a escassez, no Vale, do elemento feminino, o que veio concorrer mais tarde para a implantação da imoral indústria do tráfico de mulheres. E' o insigne Araújo Lima quem no-lo diz: "A carência da mulher, dentro do seio de um organismo social que teve por gênese uma calamidade, ainda sem a prostituição a ulcerar-lhe a intimidade dos tecidos, criou — na época de ebulição da vida acreana, na idade trepidante do contagioso delício de grandezas no *far west* amazônico — um novo gênero de comércio de *camelotage*, de *ciganagem* (esta a expressão perfeitamente ajustada à jíria local), que consistia no tráfico de mulheres decaídas, transformadas em objeto de negócio de certos agenciadores ou regatões" (*Ob. cit.*).

A falta de mulheres nos seringais provocou sérios conflitos entre seringueiros e ameríndios, pois aquêles muitas vêzes atacavam as malocas para raptar as cunhãs. Tal situação pouco se modificou em nossos dias, segundo informa Raimundo Morais em seu livro "Na Planície Amazônica": "Apesar das medidas rigorosas, a caça à fêmea nas brenhas, pelos seringueiros, continua e continuará, malgrado as altruísticas diligências do general Rondon no sentido de proteger o índio, quer proibindo os ataques, quer obstando qualquer reação dos funcionários da linha telegráfica a seu cargo, quer instalando núcleos e postos de assistência ao aborígene".

Pois bem, êsse nocivo processo de colonização foi novamente seguido no aliciamento dos "soldados da borracha' em 1943, quando o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) passou a recrutar e a encaminhar para o Vale sòmente trabalhadores solteiros, e os casados sem as respectivas famílias — avulsos, como então eram chamados — com a promessa mal cumprida de posteriormente encaminhar-lhes as mulheres e filhos, situação essa corrigida em parte pelo Departamento Nacional de Imigração que, compreendendo o grande êrro em que laborara aquêle órgão, passou a enviar para os seringais famí-

lias de preferência constituídas de todos os seus elementos, podendo assim êstes ser aproveitados no trabalho extrativo da borracha e no amanho da terra, desenvolvendo o roçado libertador das garras do barracão.

Ao instalar-se a família na "colocação" do seringueiro, a barraca perdia o aspecto soturno e desolador de outrora. A dedicação da mulher e a graça e carinho dos filhos revigoravam o espírito do sertanejo, dando-lhe novas esperanças, novas energias para prosseguir no seu afanoso trabalho. Além da benéfica influência espiritual que o contacto da família proporcionava, os encargos domésticos do seringueiro diminuiam. Não mais se preocupava com o preparo das refeições, nem com os trabalhos caseiros, nem com os serviços leves do roçado. Aproveitava, na extração do látex, o tempo que outrora era forçado a despender com êsses misteres, e a agulha, que desajeitadamente manejava remendando a roupa que os espinhos de taboca rasgavam, era transferida definitivamente para as mãos da mulher e das filhas solteiras.

3. NOSTALGIA E INSULAMENTO

Deslocando-se desordenadamente, sem uma segura orientação técnica, o nordestino teve que adaptar-se às situações ambientes, sem atender às leis da natureza e da sociedade, já conhecidas do homem. Lançaram na hinterlândia amazônica legiões de trabalhadores sem família, que passaram a viver nos "centros" completamente insulados do mundo civilizado, circunscritos a relações mínimas de dois ou três companheiros de barraca. O sofrimento que a solidão impunha, a ausência do elemento feminino determinando a eclosão de vícios sexuais (32), a tirania da floresta circundante, majestosa e ameaçadora, gravaram sulcos profundos nos caracteres dêsses homens intimoratos e na sua constituição psicofisiológica. Os acontecimentos — dolorosos uns, pitorescos outros — que então encheram as crônicas dos jornais, marcaram de maneira evidente o sofrimento daqueles novos colonizadores abandonados à própria sorte. Ali estavam indivíduos que disputavam à fôrça a mulher do amigo e companheiro; que demandavam sôfregos

---

(32) O ilustre sociólogo MOACIR PAIXÃO E SILVA, referindo-se à vida do seringueiro, escreve: "Suas razões sentimentais, assim como as de natureza orgânico-sexualista, êle as satisfaz a seu modo, anormalmente, sob aquêles mesmos espúrios processos que acudiram à vista de Ferreira de Castro» («Sôbre uma Geografia Social do Amazonas").

à margem, às cidades em busca dos prazeres momentâneos que os lupanares proporcionavam; que se embrenhavam, a esmo, em fuga desenfreada, louca, alucinadora, pelo interior da selva, prêsas da nostalgia — a saudade a penetrar-lhes fundo no coração desconsolado, a tristeza a abater-lhes o moral e a desesperança a anular-lhes todo interêsse pela vida nova que apenas encetavam. Aprisionado no meio da maior vegetação florestal do mundo, "o seringueiro vive as horas de descanso da labuta das estradas, entre a floresta, que oprime, e o rio caudaloso, que o enche de nostalgia". (Craveiro Costa, *ob. cit.*). A solidão da selva abate-o, domina-o, desespera-o, e, às vêzes, mata-o tràgicamente (33).

Não é de admirar, pois, que muitos seringueiros sejam freqüentemente arrebatados pela vertigem das perturbações psíquicas, fato comprovado com o impressionante número de ex-trabalhadores da borracha recolhidos aos hospitais de alienados de Manaus e Belém (34).

E' digno de nota o caso ocorrido com o seringueiro Cândido Joaquim de Oliveira, cearense, natural da cidade de Riacho do Sangue. Recrutado em sua terra, foi trabalhar no seringal "Amélia", nas imediações de Xapuri, à margem do rio Acre, tendo

---

(3) Um grande naturalista, que viveu muitos anos na Amazônia — Henry Walter Bates — dá-nos notícia dessa trinteza que a floresta imprime à alma daqueles que vivem em seu seio: "Lemos muitas vêzes, nos livros de viagens, referências ao silêncio e à tristeza das florestas do Brasil. São realidades e a impressão se torna ainda mais profunda com uma permanência maior. Os poucos cantos das aves são de caráter melancólico e misterioso, o que aumenta a sensação de solitude, em vez de trazer um sinal de vida e de alegria. Corta, as vêzes, o silêncio um grito ou um bramido que nos assusta: vem de algum indefeso animal frugívoro, ao ser assaltado por um gato do mato ou furtiva jibóia. De manhã e à tarde os guaribas fazem ruído tão lamentoso e pungente, que torna muito difícil conservar-se a alegria de espírito. A sensação de inóspita selvageria que se calcula ser inspirada pela floresta, é decuplicada por êste misterioso ruído" (*Do. Cit.*).

(34) Com o título "Regressaram quase loucos os "soldados da borracha", o "Diário de Notícias" da Capital Federal publicou a seguinte nota de seu correspondente em Belém, Pará: "Procedentes dos seringais da Amazônia, em trânsito para o Nordeste, chegaram a esta capital a bordo do vapor "Vitória" numerosos soldados da borracha. Essa leva, que é a segunda, veio integrada por brasileiros em tristíssimas condições, havendo alguns quase loucos, outros desmemoriados e quase todos apresentando enfermidades diversas. Entre os recém-chegados está José Rosa de Freitas, carioca, de 24 anos, que volta vítima de várias doenças. Vários nordestinos fizeram graves acusações aos elementos encarregados de trazê-los para Belém, dizendo que foram espancados durante a viagem, não obstante o estado de extrema miséria moral e física que apresentam" ("Diário de Notícias" de 25 de abril de 1947).

seguido para uma colocação, no centro, juntamente com dois outros companheiros. Em pouco tempo foi vítima de uma nostalgia tão acentuada que, atingindo às raias da loucura, o fêz abandonar, desvairado, a barraca. Penetrou na floresta onde, desnorteado, permaneceu por mais de uma semana. Certo dia, surgiu na cidade de Rio Branco em miserável estado físico e, logo depois, suicidou-se, atirando-se ao rio. No bolso de suas vestes foi encontrada uma carta endereçada à sua família, na qual fazia menção à angústia que o haveria de matar.

4. DEFICIÊNCIA ALIMENTAR

A alimentação do seringueiro, como a de quase todo trabalhador nacional, é deficiente em ambos os aspectos: qualitativo e quantitativo (35).

CASTRO BARRETO, com sua imensa autoridade, alarmado com essa deficiência alimentar do brasileiro, afirmou que "não há nenhum exagêro em assegurar-se que 80% dos habitantes dêste país vivem com uma ração deficiente ou desequilibrada, vivem carenciados" (*Ob. cit.*).

Só mesmo quem conviveu com os trabalhadores da seringa poderá fazer uma idéia de como é falho e nocivo o regime alimentar por êles seguido. E' de causar admiração ver como êsses homens, apesar de subalimentados, de subnutridos, de parasitados por doenças endêmicas e anemiantes, resistem ao estafante dispêndio de energias que é exigido para o corte da seringueira e a conseqüente coleta do látex, o que é mais uma confirmação da sentença de EUCLIDES DA CUNHA, que reconheceu no sertanejo energia, capacidade de trabalho e vigor excepcionais (36).

Nas colocações mais prósperas, de vez em quando carne de galinha é servida, quebrando a monotonia dos dias em que o alimento se restringe a "jabá" (37), farinha d'água, arroz e conservas envenenadoras. Mas, isso é raro, sendo que muitos se ali-

---

(35) "O que o homem come durante um dia inteiro — escreve Josué de Castro a respeito da alimentação dos trabalhadores da Amazônia — não daria para uma só refeição dos habitantes de outras áreas (*Ob. cit.*).

(36) "Na insuficiência alimentar quantitativa e na forçada adaptação orgânica a esta situação permanente, residem as explicações da apregoada preguiça dos povos equatoriais" — escreve Josué de Castro" (*Ob. cit.*).

(37) Jabá — Carne sêca, charque.

mentam de simples "chibé" (38). As aves domésticas em regra se destinam à venda. O dinheiro apurado é necessário à aquisição de medicamentos e de outros artigos que, comprados em lojas particulares, são muito mais baratos que no barracão. O único dinheiro que, durante o ano, entra para a magra bôlsa do extrator de borracha é o proveniente da venda de suas criações, das peles das caças abatidas — quando o seringalista permite sua venda a estranhos — e de alguns raros produtos excedentes de seu roçado.

Legumes, leite, queijo, frutas, são artigos de luxo que dificilmente se vêem nas barracas (39). As bananas, fruta tão comum em qualquer ponto da Amazônia, nem sempre são aproveitadas na alimentação, porque é crença geral de que certas espécies delas, principalmente a banana maçã e a saborosa najá — banana ouro — causam pernicioso impaludismo. Os limões, que os há em grande abundância, não são aproveitados nas refeições e apodrecem nos pés. Nas barracas por onde passou, em sua viagem pelos seringais, conseguiu o A. introduzir o hábito do uso de gotas de limão nágua e na carne. Depois de esclarecidos de que a vitamina do limão preserva o organismo humano de muitas doenças, os moradores, inclusive as crianças, passaram a usá-lo nas refeições e como refresco, embora com certa parcimônia de açúcar, vendido que era a Cr$ 10,00 o quilo. A saborosa castanha do Pará, chamada "carne vegetal", igualmente não entra, como devera, na alimentação do seringueiro, embora abundem as castanheiras nas imediações das barracas. O mel de abelhas silvestres — jandaíra, jataí etc. — só é aproveitado para fazer "lambedor" (40). "Essa deficiência nutritiva e êsse desprêzo pelos alimentos mais nobres — escreve CASTRO BARRETO — encontra-se em muitas regiões do país e resulta, principalmente, de causas históricas e sociais que remontam à nossa formação, como demonstrou GILBERTO FREYRE. É na constituição da mentalidade latifundiária e da monocultura que vamos topar com as raízes da questão, porque o processo é idêntico e um pouco atenuado pelo churrasco como base da alimentação nas zonas pastoris do Sul e ainda

---

(38) Chibé — Bebida refrigerante e reconfortante, de água, açúcar (ou rapadura) e farinha de mandioca.

(39) O sertanejo e o homem do interior da Amazônia, por falta de esclarecimento, têm ogeriza a hortaliças. Alguns, a quem o A. aconselhou comerem alface, couve etc., responderam que não o faziam porque "não eram coelhos para comer folhagem..."

(40) Lambedor — O mesmo que xarope.

mais agravada nos latifundiários gomeiros, castanheiros e madeireiros do Norte" (*Ob. cit.*).

E' ainda CASTRO BARRETO quem, na sua citada obra, encara a questão por outro ângulo, estudando, em particular, a região amazônica, a qual — afirma — "acusa deficiência em protídios, menos nos lugares onde a pesca é muito abundante; escassez de legumes e de frutas por ausência de cultivo, resultante da pouca densidade populacional, do primitivismo da existência, onde núcleos se encontram isolados a grandes distâncias uns dos outros, sem comunicação e dominados pelas florestas. A área cultivada da Amazônia — diz-nos DANTE COSTA — em face das necessidades de alimentação das populações, é quase 40 vêzes deficitária! Para uma família amazônica, em média, tomando a base de 5 pessoas por família, existem 13,4 ares de cultura agrícola. Na África Equatorial — mesma latitude, clima mais tórrido, menos úmido — achou-se 15 a 16 ares por pessoa. Fazendo o cálculo para família de 4 pessoas achamos: necessidade normal mínima: 200 ares. A família da África Equatorial possui 60. A família amazônica, apenas 10. Quer dizer: estamos a êsse respeito em condições inferiores às próprias populações negras e atrasadas da África".

As hortas não vingam porque por tôda parte a formiga exerce seu domínio devastador, devorando fruteiras, jardins e quaisquer plantações caseiras. À noite, surgem elas misteriosamente do interior da mata e espalham-se por todos os recantos, deixando à sua passagem ruína e desolação. A saca-saia (41) chega até a invadir habitações à cata de alimento. "A Amazônia estaria três vêzes mais adiantada, mais linda, mais habitada, se não fôra a formiga, praga tremenda, disseminada para flagelo do homem por todos os recantos" — disse-o Raimundo Morais. Para remediar o perigo permanente que a formiga representa para as plantações, o seringueiro costuma cultivar cebolinha, coentro, salsa, pimentão, em caixotes ou cascos velhos de canoas suspensos em

---

(41) Sôbre essa formiga, escreveu RAIMUNDO MORAIS em "Na Planície Amazônica": "É o pavor do tapuio, do seringueiro e até do selvagem. Marcha aos biliões, lembrando um exército em fuga, desorientado, perdido, volvendo à direita e à esquerda cortando estradas, enviezando-as enfiando-as. Ao se aproximarem das habitações, ouve-se, quebrando o silêncio augusto da mata, o seu ruído nas fôlhas, nos gravetos, nos sacais, nos seixos e nas pedras. Os bichos logo se alarmam. As antas e as onças, os veados e as cobras, as pacas e as cotias correm espantados. Os jabotis encolhem-se nos cascos. As aves revoam, buscando os pousos inacessíveis. A fauna tôda, assustada, dominada por aquêle terror pânico do leão de Pompéia, à proporção que o chiado crespo, arrastado, dantesco cresce e ressoa, dispara alucinada e espavorida".

MOVIMENTO EMIGRATÓRIO PARA A AMAZÔNIA E INTERIOR DE MATO GROSSO

(BATALHA DA BORRACHA)

jiraus. A. J. DE SAMPAIO refere-se a prática semelhante adotada para defesa contra as enchentes: "Na Amazônia, onde o perigo é a enchente, por vêzes bruscas, aproveitam velhas canoas, já imprestáveis para suas montarias, e, montando-as sôbre estacas, junto de casa, fazem de cada uma um canteiro, não raro também de flores" (*Ob. cit.*).

Assim, vítima da agressividade do meio, com hipertrofia avitaminótica, passadio escasso e pobre, no qual predomina a farinha de mandioca, o seringueiro milagrosamente sobrevive. Só mesmo o nordestino, dotado, como é, de "têmpera de cactus" (Abguar Bastos) poderia desbravar a Amazônia. Entretanto, fraqueja, sucumbe, abate-se irremediàvelmente quando o organismo se vê parasitado pelo temível hematozoário da febre intermitente. Combalido, abúlico, faces macilentas, olhar vítreo, caminha pelas estradas de seringa, trôpego e ofegante — desgraçado e inútil trapo humano.

5. A BARRACA

A barraca do seringueiro é de construção primitiva: edificada a um metro do solo, é cercada e assoalhada de paxiúba (42). Não tem fôrro e é coberta de palha de ouricuri, jaci, ubim ou jarina, palmeiras encontradiças em tôda parte. Sua divisão limita-se a duas peças: quarto e cozinha, esta ligada a um corredor que, por sua vêz, se comunica com uma espécie de alpendre — copiar — que, em regra, não é cercado, e onde dormem os forasteiros e os comboieiros. Durante as horas mais quentes do dia, os moradores descansam nesse vestíbulo ao suave embalo da maqueira. Descanso relativo, é bom que se diga, porque a todo momento é preciso enxotar as nuvens de insetos que a floresta, para seu tormento, cria em seu seio — nos igapós, nos lamaçais, nos charcos, nos lagos, nos remansos dos igarapés, nas poças d'água, nas folhas de bananeiras, nas bromélias (43), nos olhos das palmeiras.

---

(42) Paxiúba — Espécie de palmeira (Iriartea exorhiza) muito apreciada nas construções de barracas e barracões no interior da Amazônia. "Crescem acima do solo, irradiando do tronco a alguns pés de altura, de maneira que a árvore parece sustentada por andas e a gente pode, nas velhas árvores ficar de pé entre as raizes, com o espique ereto sôbre a cabeça (HENRY WALTER BATES, *ob. cit.*).

(43) "Essas bromélias — escreve — RAIMUNDO MORAIS — equivalem a coletores d'água. São vasos verdes. Nêles vivem e prosperam vários animálculos, rãs, mosquitos, vermes, aracnídeos, cobras, inclusive um ostracóide marinho, do tamanho dum grão de café, que subiu do oceano para a floresta, morando agora naquele receptáculo original" (Os Igaraúnas").

Na época da friagem, doenças pupulam. "Lavram as constipações, as gripes dizimam, as pneumonias fulminam. Um vento gelado baixa dos alcantis da Bolívia, do Peru, da Colômbia, do Equador, da Venezuela. Gente desfeita às temperaturas frígidas, a população ocidental da bacia amazônica recebe o acontecimento ao desabrigo imprevidente das roupas leves, algodão ou linho, vestindo calças e blusas de mesca, saias e casacos de chita" (RAIMUNDO MORAIS — "Na Planície Amazônica"). A temperatura baixa tanto — desce às vêzes a 10° — que chega até a matar peixes nas lagoas.

No único quarto existente, onde o vento penetra através das frinchas, dorme em rêdes tôda a família: marido, mulher, filhos púberes de ambos os sexos e, comumente, animais caseiros — cães, gatos, galinhas, e até porcos mansos. Quanto aos macacos domésticados, êsses se metem até mesmo na própria rêde, disputando, no inverno, o calor dos corpos humanos.

E' nessa promiscuidade perniciosa que se plasma o caráter do jovem seringueiro, da menina casadoura e da criança inocente — membros infelizes da geração que constituirá parte do Brasil de amanhã.

6. O ROÇADO

Um pouco afastado da barraca fica localizado o roçado (44). E' preciso que um bom trecho da floresta se interponha entre êle e a morada, para evitar que as criações destruam o trabalho da lavoura. O milho, o arroz, a mandioca — macaxeira —, o fumo, são aí cultivados em diminuta escala, insuficiente para suprir as necessidades da família. O cultivo de cereais não é fácil: tem o homem de lutar contra as formigas abundantes, umas — as sauvas — destruidoras das plantações, e outras — as formigas-de-fogo —, também conhecidas por giquitaras —, que flagelam os pés e as pernas do lavrador. Para trabalhar a terra, precisa êle envolver os pés em trapos velhos, pois a ferroada dêsse inseto é igual à "picada de um alfinete aquecido ao rubro" (BATES). Precisa também o lavrador combater os roedores que enxameiam a mata — cotia, paca, ratos —, os pássaros daninhos às plantações — graúna, sanhaço —, e os macacos ardilosos, que dão cabo dos milharais.

---

(44) Roçado — Plantação, em pequena escala, de macaxeira, milho, arroz etc., junto à barraca. No Sul é conhecido com o nome de roça.

A mulher e os filhos trabalham no plantio, conservação e colheita do roçado, e quando a família é numerosa, composta de elementos aptos ao trabalho, tais roçados se estendem florescentes e viçosos, constituindo a salvação do seringueiro que, livre parcialmente do barracão, obtém, no fim da safra, algum saldo em suas contas de entrega de borracha. Mas êsse saldo obtido com tanto sacrifício é consumido nos quatro meses seguintes ao término da safra, nos quais o látex é extraído — de janeiro a abril —, acontecendo sempre o seringueiro iniciar o «fábrico» (45) seguinte com um débito de mil ou mais cruzeiros para com o patrão. No período de entre-safra, o seringueiro apanha castanha, retira lenha da mata, ou trabalha no roçado do patrão, porém seu jornal é insignificante, insuficiente para atender às suas necessidades.

7. AS CRIAÇÕES

Quando o seringueiro possui criações, estas se restringem a suínos, galinhas, capotes (46) e, raramente, patos, sendo que as aves, principalmente no verão, sofrem ataques contínuos de animais da floresta como a irara, o gato mourisco, a macura (47) e a cuíca. Os gaviões, desde o real — a maior águia da América, medindo um metro de comprimento e dois de envergadura —, até o cauré — o menor de todos, porém o mais temido — representam constante perigo para os terreiros, dizimando as ninhadas de pintaínhos e arrebatando pequenos xerimbabos.

E' raro, muito raro mesmo, encontrar-se um seringueiro que possua gados maiores: bovinos e equídeos. O preço dêsses animais é exorbitante, bastando dizer que um burro, importado da Bolívia para o Acre — a grande maioria de muares daquele Território é procedente daquele país fronteiriço —, chegava a Rio Branco em 1947 por Cr$ 4.000,00! O gado de corte, no Acre, é relativamente barato, porém a aquisição de gado para tração é inacessível à bôlsa do seringueiro.

---

(45) Fábrico — A palavra evidentemente é fabrico — paroxítona — porém seringueiros e seringalistas só a pronunciam com acentuação proparoxítona. Fábrico é o período correspondente entre 1.º de abril e 31 de dezembro, época em que é extraído o látex da seringueira. Êsse período varia segundo as zonas onde estão localizados os seringais. No Pará, o fábrico compreende os meses de agôsto a novembro — 4 meses. No rio Madeira, é de seis meses.

(46) Capote — Galinha de Angola, picota.

(47) Mucura — O mesmo que gambá.

Para suprir suas necessidades de carne, o trabalhador da borracha socorre-se dos animais da floresta, caçando-os nos seus poucos momentos de folga (48). Para isso, ou coloca armadilhas de rifles em pontos estratégicos da mata — perto dos barreiros, nas comedias, nas trilhas das pacas —, ou se posta na forquilha de uma árvore, de tocaia, até que um veado, uma cotia, um porco do mato surja pelas imediações à procura de alimento, quando então os abate com certeira pontaria. Mas a caça nem sempre é abundante, e segundo a crença, se o seringueiro se julga *empanemado* (49), só um jaboti de 14 malhas no casco, devidamente aprisionado, poder-lhe-á dar sorte.

Entre as muitas lendas que correm entre os habitantes da Amazônia a respeito do jaboti, considerado pelos tapuios e aborígenes como uma das divindades da mata, existe a de que, quando êsse animal tem 14 malhas no casco, o que é tão difícil como encontrar-se um trevo de quatro fôlhas, proporciona a seu dono bom êxito nas caçadas. Mas é preciso amarrá-lo a um tôco e ameaçá-lo de morte caso a mata não forneça a caça almejada. Dizem os seringueiros que êsse processo é infalível, pois sempre que dêle lançam mão regressam à cabana satisfeitos, tendo na sacola ao menos um macaco guariba — caça pouco estimada (50) — quando não um jacu, nambu au jacamim (51). Abatido que seja um veado, uma paca, uma anta — o maor quadrúpede das florestas amazônicas — o fato constitui um desafôgo para o caçador: tem assegurada a carne por alguns dias, e economizará a jabá de Cr$ 20,00 o quilo. Mas êle prefere caçar vivos os animais da

---

(48) Referindo-se à cuíca, inimigo dos terreiros, diz HENRY WALTER BATES ser "muito difícil criar galinhas nessa região, por causa dêstes pequenos marsupiais, e, em alguns pontos não se passa noite sem que as galinhas sejam por êles atacadas". (*Ob. cit.*).

(48) Sôbre a caça na Amazônia, escreve JOSUÉ DE CASTRO: "A terra é quase que inteiramente açambarcada pelas plantas, restringindo a vida animal sôbre o solo às formigas e outros insetos, às cobras e aos macacos e a variadas espécies de pássaros. São, pois, limitadas as possibilidades da caça para abastecimento alimentar" (*Ob. cit.*).

(49) Empanemado, panema. Infeliz na caça ou na pesca; infeliz na vida; vítima de feitiço; moleirão.

(50) É imensa a variedade de macacos da Amazônia: barrigudo, cairara, prego, de cheiro, zogue-zogue, bigodeiro, sauim (sagui), gogó-de-sola, parauacu.

(51) Jacamim — Ave selvagem da Amazônia. Relativamente às suas qualidades visuais o jacamin é comparado ao lince.

floresta e formar seu "xérimbabo" (52). A carne de certas caças, abatidas após acidentada perseguição, se contamina das toxinas de fadiga, nocivas ao organismo humano, como ocorre com a carne de certa espécie de veado, que é considerada reinosa. Criando em casa a paca, o tatu, o veado, o jaboti, a cotia, o porco do mato, além de aves selvagens, tais como o jacamim, o mutum, — alguns dêsses animais são caçados quando filhotes — o seringueiro e o caboclo da Amazônia têm armazenado um excelente estoque de carne por tempo indeterminado.

A pesca geralmente é realizada com timbó, mas acontece às vêzes não ser proveitosa, pois são comuns peixes com as carnes parasitadas de vermes, o que ocorre até mesmo com a caça.

8. HIGIENE E EDUCAÇÃO SANITÁRIA

As condições sanitárias das barracas são precaríssimas, sendo comum viverem em promiscuidade animais e sêres humanos.

O vasilhame indispensável aos serviços domésticos é feito das latas vazias de leite condensado e de banha, as quais, depois de certo tempo, se enferrujam, e, mesmo assim, são mergulhadas diretamente nos potes que contêm água para beber. Os utensílios são lavados em gamelas e enxaguados em água que só se renova quando fica completamente imunda. Grande é o número daqueles que comem com os dedos para o que nem se preocupam em lavar as mãos, embora momentos antes tenham estado manuseando "pélas" (53) no terreiro. A casa não é varrida. Acham que não há necessidade disso: o cisco e a poeira, com o tempo, vasam para o porão através das frinchas do soalho de paxiúba.

Nenhuma das barracas visitadas pelo A. possuía um filtro para purificar a água colhida em igarapés próximos. Quando o seringueiro possui suínos, êstes chafurdam na lama da margem, refocilam no igarapé, poluindo a água que vai ser usada, a qual, principalmente no inverno, é barrenta e cheia de impurezas. Sentinas não as há. As touças de bananeiras e as beiradas de cami-

---

(52) Xerimbabo — "Tendo em conta que a caça perseguida não é tão sadia quanto a criação doméstica, e também pela facilidade de apanhá-la no momento preciso, os índios e os habitantes do interior da Amazônia fazem pequena criação, a que chamam xerimbabo (têrmo indígena), de animais silvestres, inclusive às vêzes de porcos do mato" (A. J. de Sampaio, ob. cit.).

(53) Péla — Diz-se de uma bola obtida pela coagulação do leite da seringueira. Pesa em média 50 quilos.

nhos, quando não as margens dos regatos, são os lugares preferidos para a satisfação de necessidades fisiológicas, cujo ato é muitas vêzes interrompido precipitadamente com o aparecimento de uma "pico-de-jaca" (54), ou com a dolorosa picada de uma mutuca (55), ou de uma tocandera (56), caídas do balseiro. À noite, homens, mulheres e crianças servem-se, para suas necessidades, do terreiro que circunda a barraca, sendo que, para micção, se limitam a exercê-la junto às próprias estacas da morada (57).

Apesar do calor escaldante que castiga o Vale durante a maior parte do ano, os habitantes de hinterlândia amazônica não são afeitos aos banhos diários. O trabalho da seringa, ainda mesmo realizado, como é, à sombra de árvores, provoca, pelo grande esfôrço dispendido, exsudações copiosas, mas nem por isso o seringueiro cuida de sua higiene pessoal, como devera, às vêzes por falta absoluta de tempo, pois em regra termina a defumação do leite às 16 horas, devendo em seguida cuidar do roçado e da apanha de cavacos (58). O mesmo córrego, onde é colhida a água para as necessidades caseiras, serve de banheiro para tôda a família, que, raramente, se preocupa em construir um cercado dentro d'água, como é comum no Nordeste e mesmo em diversos rios da Amazônia (banheiros flutuantes), mas se banham todos em plena nudez, quadro que, de certa forma, recorda cenas do paganismo grego — a floresta como cenário, os pássaros cantando, as flores se despetalando nágua, e os animais, medrosos, espreitando o inocente espetáculo no âmago da natureza.

---

(54) Surucucu pico-de-jaca — Cobra da Amazônia, venenosíssima. Tira seu nome da semelhança que os calombos do corpo apresentam com as saliências da jaca. Dezenas de seringueiros têm sido inutilizados pela picada dessa serpente.

(55) Sôbre essa mutuca, escreve BATES: "Era grande mosca parda da família Tibanidae (gênero Pangonia), com a probóscida de uma polegada de comprimento e mais fina que a mais fina agulha. Pousam aos pares ou em grupos de três ao mesmo tempo nas costas da gente, e atravessam as grossas camisas de algodão com suas trombas, fazendo-nos pular e gritar de dor" (*Ob. cti.*.).

(56) Tocandera — Espécie de formiga que "se encontra nas estradas e nos caminhos, habitando o ôco dos galhos podres e caídos. Sua picada custa à vítima longas horas de dor" (RAIMUNDO MORAIS — "Na Planície Amazônica").

(57) Entre os muitos casos análogos, cita-se o seguinte, ocorrido num seringal do rio Madeira: certa mulher, precisando satisfazer necessidades fisiológica, foi até o terreiro, em noite escura, tendo sido picada nas partes pudendas por uma serpente venenosa, do que lhe resultou a morte, dias depois.

A água serve-lhes principalmente de refrigério. Talvez que a arraia seja uma das causas dêsse receio que o nordestino, na Amazônia, vota aos banhos nos igarapés. Inúmeros são os imigrantes vítimas dêsse peixe, cuja fisgada, além de dolorosíssima, quase sempre provoca infecções sérias, que têm sido uma das causas de retôrno e recâmbio de trabalhadores (59).

9. ANALFABETISMO

Elevado é o número de analfabetos. Famílias inteiras nem ao menos sabem ler as notas e as contas das compras feitas no barracão (60). As crianças, criadas como são longe das escolas, desde logo orientam a vida tendo como base os trabalhos braçais. Analfabetos, abraçam a profissão paterna, empunhando, ainda adolescentes, a espingarda que abate a caça, o terçado que abre veredas, a «faca» que corta a seringa ou o machado que derruba a mata, cujo espaço é necessário ao cultivo da pequena lavoura. "O patriarca da seringa — escreve Abguar Bastos — não prende os filhos como o patriarca do velho regime. Solta-os na pescaria, na caça, em tôdas as distâncias perigosas. Cria-lhes o instinto da aquisição por conta própria, de deliberação espontânea, de autodefesa permanente. Não há quintais nem jardins: há florestas. Não há ruas nem estradas: há rios. O filho-curumim, desde os seis anos, foge à tutela subsidiária dos pais. Conhece todos os furos, lagoas, igarapés, corredeiras, taboleiros, viveiros e peraus. Possui do índio o fôlego, o ouvido a atenção e o faro. Também masca o seu tabaco, bebe a sua pinga, possui a sua febre. Todos os dias se enterra na lama, sobe nas árvores, vadeia os rios, dorme nas tocaias e surge nos roçados com as suas fartas provisões".

Cedo ainda o espírito bélico se desenvolve nos proteiformes caracteres dessas almas inocentes, que, a todos os instantes, são testemunhas de cenas de fôrça e violência, aprendendo, desde

---

(58) Cavaco — O leite da seringueira é coagulado na fumaça produzida pela queima de cavacos verdes de certas madeiras: breu, mulateiro, maçaranduba, castainha, amarelinho. Usam-se, também, caroços de murumuru, urucuri, uauaçu, casca da fruta da seringueira, âmago da macaúba. Madeiras como a faveira, carapanaúba e outras, devem ser evitadas, por produzirem fumaça irritante, nociva aos olhos do seringueiro.

(59) Sôbre a arraia, vide a nota n.º 5.

(60) "O homem do interior amazônico — escreve Moacir Paixão e Silva — permanece cândidamente analfabeto. As escolas oficiais não atendem, por vários motivos, aos imperativos modernos e humanitários de espraiar o ensino" (*Ob. cit.*).

logo, com a revolta mal contida dos pais — eternos servos — a odiar pessoas e instituições de um mundo egoista, edificado sôbre bases de um personalismo malsão. Dolorosos têm sido os exemplos de criminalidade infantil nessas paragens, merecendo citação o caso ocorrido num seringal à margem do rio Acre, de uma criança de 9 anos que abateu a tiros de espingarda seus dois irmãos, de 7 e 8 anos de idade.

Para as barracas dos analfabetos, que constituem a maioria, as notas de venda do armazém do barracão comumente acusam preços majorados. O seringueiro aguarda 15, 20 dias, um mês, até que em sua colocação apareça um amigo alfabetizado que lhe confira as contas.

Pelas encardidas paredes de paxiúba vêem-se, coladas, fôlhas de revistas com gravuras multicores, as quais ali foram parar por acaso, em embrulhos de mercadorias. As crianças, embevecidas, espiam-nas curiosas, fixando os caracteres mágicos das letras que nada lhes desvendam, tentando inùtilmente adivinhar a significação das atraentes figuras, que assim ficam para elas envoltas num eterno mistério, criando-lhes na fértil imaginação todo um mundo de caprichosas fantasias. Os pais, não podendo atender às súplicas dessas desventuradas criaturas, que dêles se socorrem para decifrar o enigma das estampas, procuram, então, na vergonha de sua ignorância, dar aos filhos analfabetos uma explicação qualquer, embora falsa, o que julgam indispensável para que se mantenha íntegra sua autoridade de chefe no seio da família.

Capítulo III

A BORRACHA

1. A descoberta da borracha
2. As seringueiras
3. As estradas
4. A extração do látex
5. A defumação
6. As pélas

Capítulo III

A BORRACHA

1. A DESCOBERTA DA BORRACHA

Em 1736, viajando La Condamine (61) pelo Solimões, verificou, em contacto com os índios Cambebas, que êstes usavam o leite de certas árvores, o qual, submetido a determinado processo de defumação, coagulava, transformando-se em material elástico que impermeabilizava panos e servia para a feitura de um sem número de objetos. Levou imediatamente a importante descoberta ao conhecimento dos meios científicos europeus, tornando assim conhecidas as maravilhosas propriedades dessas árvores que, em estado nativo, floresciam nas matas sul americanas.

O espírito prático e observador de La Condamine, afeito a investigações científicas, antevira a extraordinária utilidade que a goma elástica extraída dessas portentosas árvores haveria de proporcionar ao progresso da humanidade. Aublet denominou-a *hevea guyanensis,* classificação essa que abrange tôda a família das borrachiferas, cujo número ascende a trezentos, destacando-se: a *hevea brasiliensis,* a *h. benthamiana,* a *h. sprucena.* O caucho — *castilhoa elastica* — produz certa espécie de borracha e sua extração é feita por processo primitivo: derruba-se a árvore para o aproveitamento de todo o látex, inclusive dos galhos.

---

(61) "Carlos Marie de La Condamine nasceu em Paris em 28 de janeiro de 1701. Em 1735 veio ao Peru em comanhia de Pierre Bouguer e Luiz Godin, para medir um grau de meridiano. Em 4 de julho de 1743 embarcou em Jaen de Bracamoros e a 19 de setembro chegou ao Pará. Sua viagem está relatada no "Jornal de viagem feita ao Equador" e na "Relação resumida de uma viagem feita ao interior da América Meridional". Em 1749, publicou em colaboração com Pierre Bouguer o livro "Configuração da Terra". Morreu em Paris no dia 4 de fevereiro de 1744 (Nota n.º 257 do Prof. Cândido de Melo Leitão, ao já citado livro de Henry Walter Bates).

Há, ainda, outras árvores que produzem borracha, embora de qualidade inferior, tais como a seringueirana, a murupita, a curupita a tapuru. A sorva, o mururé, o apií, a guaxinguba, o ananu, a carareúba, a maçaranduba — chamada vaca vegetal —, a sucuba, são outras tantas árvores gomíferas encontradiças na bacia amazônica. A *hevea brasiliensis* é a espécie que produz a melhor qualidade de borracha do mundo, sendo também a mais produtiva. Em segundo lugar, vem a *hevea benthamiana*.

Os primitivos objetos fabricados pelos selvagens eram "botijas de formato de peras, no gargalo das quais se adaptavam tubos de madeira. À pressão daquelas, expelia-se o líquido pelo tubo, como se fôssem seringas, com que se parciam. A informação de La Condamine tornou plebéia a nobre denominação de Aublet: a *hevea guyanensis* ficou sendo para nós simples "seringa" e, por extensão, "seringal" chamou-se à floresta onde ela se encontra, e "seringueiro sem extrator". (CRAVEIRO COSTA, *ob cit.*).

Com o aperfeiçoamento que, em 1839, Charles Goodyear introduziu na industrialização da borracha, combinando-a com enxofre, a fim de torná-la resistente a altas e baixas temperaturas, dando margem a que Hancock, em 1842, descobrisse o processo de vulcanização e, em 1890, a que Dunlop inventasse o pneumático, a borracha se tornou um dos produtos mais preciosos do mundo, sendo que no Brasil alcançou o preço de Cr$ 17,00 o quilo em 1910, quando a Amazônia produziu 40.000 toneladas (62).

Quando, em 1900, os seringais de Singapura e Ceilão, plantados de 2.800 sementes das 70.000 subtraídas aos seringais brasileiros em 1873 e 1876, respectivamente por James Collins e Wickham (63), começaram a produzir excelente borracha, grande ameaça àquela nossa indústria extrativa se fêz sentir, ameaça essa que se transformou, treze anos depois, em retumbante vitória dos seringais cultivados sôbre os nativos da Amazônia, produzindo aquêles

(62) O Brasil já foi o maior empório da borracha consumida no mundo. Há cêrca de nove lustros, 65% da goma empregada pela indústria provinha de nossas florestas setentrionais.

(63) Tais sementes foram retiradas dos seringais situados à margem esquerda do rio Tapajós, imediações de Boim. Raimundo Morais supõe que tal fato tenha influído para que Henry Ford preferisse os terrenos daquêle rio para suas plantações, hoje propriedade do Govêrno brasileiro. Depois que os seringais asiáticos suplantaram os nossos, plantados, como o foram, de sementes de seringueiras amazônica, é que o Decreto-lei n.º 5.686, de 21 de julho de 1943, estabeleceu, no seu artigo 1.º, o seguinte: "Fica proibida a remessa de mudas e sementes de hévea ou de outras plantas produtoras de borracha para qualquer parte fora da Amazônia, sem prévia autorização do Ministério da Agricultura".

47.618 toneladas de borracha contra 39.000 brasileiras. "A seguinte estatística comparativa — diz-nos ARAÚJO LIMA — dá bem a idéia da disparidade da sorte da hévea nos dois quadrantes do planisfério econômico: em 1900, a borracha de plantação oriental dava apenas quatro toneladas, ao passo que a amazônica já fornecia 27.000 toneladas; em 1910, a oriental atingia 8.200 e a do Amazonas alçava-se a 40.000 toneladas; em 1913, a de plantação, com 47.618 toneladas, já conseguia suplantar a nossa que começava a declinar, dando apenas 39.000 toneladas. Em 1930, a de plantação atingia a 800.000 e a amazônica detinha-se na cifra de 14.000 toneladas!" (*Ob. cit.*).

Tal desastre era de esperar, pois enquanto, no Oriente, à seringueira se dispensava o maior desvêlo em seu plantio, sendo prèviamente selecionada com enxertias feitas segundo a orientação de modernos conhecimentos conquistados no terreno da Genética, no Brasil ela continuava abandonada no seu "habitat", explorada irracionalmente e com uma reduzida produção. Enquanto uma seringueira no Oriente produz, no sexto ano, mais de dois quilos de borracha crepe por ano, no Brasil a produção para árvores de 30 anos mal atinge a média de 1,5 quilos. As seringueiras emigradas, como era natural, evolveram, tornaram-se excelentes espécimes, produtivos e resistentes, enquanto as árvores brasileiras permaneceram estacionárias em sua evolução, acontecendo até regredirem às vêzes ante a insensatez do homem rude que as explorava (64).

O Brasil, que até hoje teria podido manter o domínio do mercado da borracha no mundo (65), está, nesse setor, relegado a plano secundário, com sua economia extrativa desmantelada, porque a incúria de certas autoridades e o espírito mercenário de maus brasileiros permitiram que 70.000 sementes de nossa hévea fôssem trasladadas para Londres e plantadas nos campos experimentais de Kew Gardens (66).

---

(64) Há seringueiros que, na ânsia de produzirem o máximo de borracha, usam jiraus para sangrar as árvores nas partes superiores, junto aos galhos, extraindo assim maior quantidade de látex do que deveria, ocasionando essa ruinosa prática quase sempre a morte da seringueira ou seu total esgotamento.

(65) A borracha chegou a representar 28% do valor da exportação total de todo o país. Em 1939, o Brasil ocupava o 7.º lugar como produtor mundial de borracha, depois das Índias Holandesas, Estados Malaios, Indo-China, Celião, Sião e Borneu.

(66) Kew é uma cidade do condado de Surrey, nas imediações de Londres. É famosa por seu observatório astronômico e por seu jardim botânico — o mais rico do mundo.

Eis a que ficou reduzida a nossa borracha — a melhor do mundo — produto de valor inestimável sem o qual — assevera *W*. Ivins — "o guarda-freios seria impossível, como impossível seria os fios que são usados em todos os ramos da ducção elétrica. Dizer isso é o bastante para mostrar quanto se tornou necessária a borracha no progresso das indústrias. O mundo poderia passar, na pior das hipóteses, sem os sapatos, os capotes, etc., mas, nos misteres dos transportes, obedecendo às condições de aperfeiçoamento e energias elétricas, assim como nas aplicações e fins médico-cirúrgicos, a borracha é um fator de absoluta necessidade e para o qual não há substituto' (67).

2. AS SERINGUEIRAS

As seringueiras têm seu principal "habitat" no Vale Amazônico, onde medram virentes, majestosas e altaneiras entre os demais gigantes da floresta, cobrindo uma superfície superior a um milhão de milhas quadradas, estimando-se em 30.000.000 o número de seringueiras existentes em estado nativo na Amazônia. Árvore linheira, atinge a grande altura — 30 a 40 metros —, não sendo difícil se encontrarem espécimes de cinqüenta metros; quanto ao perímetro, há-as até de mais de 4 metros (68).

Há regiões em que essas euforbiáceas se desenvolvem e reproduzem com mais intensidade, de permeio com árvores de grande porte, como as castanheiras (69), o açacu, o cumaru, o mulateiro e a imensa variedade das palmeiras.

Sendo deiscente o fruto da seringueira, suas cápsulas se abrem num estalo sêco, lançando a grande distância as três sementes que o compõem, as quais germinam numa percentagem mínima, em virtude de fatôres os mais diversos, tais como o estrago causado pelos

---

(67) Gastão Cruls informa que "já foram computados em mais de 30.000 as utilidades da goma elástica e só a Cia. Americana B. F. Goodrich com ela prepara 36.642 artefatos diferentes, se dêstes se fizer uma separação por tamanhos, côres e estilos" ("O uso da borracha entre os civilizados" *in* Digesto Econômico, junho de 1947).

(68) Raimundo Morais informa que "além de opulentos castanhais que medram nas terras tocantinas, foi lá que a Comissão americana Schurz (1923) encontrou a maior seringueira da bacia amazônica. A árvore media 4 metros e noventa e seis centímetros de circunferência a um metro acima do solo" ("Relatório Avelino Inácio de Oliveira") — ("Anfiteatro Amazônico").

(69) À margem do Tocantins — o rio das maravilhas — foi encontrada a maior castanheira da Amazônia. Media, a um metro do solo, dez metros e noventa e cinco centímetros de perímetro.

roedores, o apodrecimento nos balseiros. Mas, em redor de cada seringueira, viceja um sem número de pés de hévea, que crescem à lei da natureza, sem qualquer orientação técnica por parte do homem, mesmo porque a transplantação dessas mudas para um campo experimental em regra concorre para seu definhamento, atacadas que são pelas muitas pragas que as perseguem (70). Tais pragas e parasitos, dado o intervalo existente entre uma seringueira e outra, preenchido por vegetação espêssa e vária, têm dificuldade de se propagar a outros espécimes, o que não acontece nos campos experimentais, onde as mudas crescem tôdas num mesmo viveiro. Daí os obstáculos que surgem nos campos de experimentação para efeito da escôlha dos melhores exemplares, fato aliás observado em Londres, nos jardins de Kew, onde foram plantadas 70.000 sementes, das quais vingaram apenas 2.800 plantas (71).

Há infelizmente muitos derrotistas que não acreditam num plantio de seringueiras em massa obedecendo a modernos princípios de seleção, nem acreditam que possamos produzir, num futuro próximo, tanto quanto os seringais asiáticos produzem hoje. Basta, porém, observarmos o que já está realizando nesse sentido o Instituto Agronômico do Norte, num admirável e patriótico trabalho, para que tenhamos fé no soerguimento de nossa indústria da borracha, com alentadoras perspectivas futuras de recuperação de nosso lugar perdido no mercado mundial. Podemos realizar essa tarefa porque, há 50 anos atrás, sem os conhecimentos que a ciência atual conquistou no terreno da genética, outros povos conseguiram essa esplêndida vitória, que redundou no fracasso de uma de nossas maiores fontes de renda.

3. AS ESTRADAS

"Estrada" é o caminho incerto através da floresta, que segue a linha caprichosa das seringueiras. Atravessa balseiros e pinguelas (72), e estende-se por uma distância variável segundo o maior ou menor número de "madeiras" (73) existentes numa determinada área.

---

(70) O fungo Dothidella Ullei é um dos mais nocivos à seringueira, atacando e destruindo-lhe as fôlhas.

(71) Há referência de que muitos dos nossos seringueiros ferviam as sementes da hévea antes de vendê-las aos ingleses...

(72) Pinguela — Pau atravessado sôbre um igarapé e que serve de ponte.

(7) Madeira — O vocábulo é, nos seringais, empregado como sinônimo de seringueira, árvore do caucho (castilhoa) ou balateira,.

Uma estrada pode ter a bôca junto à "colocação", ou no "centro" (74), isto é, segundo comece na orla da mata que cerca a "barraca" (75) ou no interior da floresta. A bôca e a saída das estradas (76) coincidem, para facilidade do seringueiro no corte da árvore e na coleta do látex. Se a bôca está situada junto à colocação, o serviço do extrator é menos penoso, porém se está no centro, terá êle, antes de cortar a primeira madeira, de percorrer a pé um grande trecho do "varadouro" (77) até alcançá-la e, quando de regresso com o látex colhido, terá de repetir a caminhada.

Em regra um seringueiro tem a seu cargo três estradas para a extração do látex, estradas essas que variam de extensão segundo o número de seringueiras nelas existentes, podendo cada uma conter de 60 a 250. A extração do leite nas estradas é feita de três em três dias, isto é, enquanto uma estrada é trabalhada, as outras duas descansam e se refazem das sangrias anteriores. Isso tem em vista evitar a exaustão da árvore, que muitas vêzes provoca sua morte.

Muitos seringalistas só permitem ao seringueiro cortar durante 120 dias em cada safra, isto é, 10 cortes mensais em cada seringueira.

Dada a dificuldade que existe em se acompanhar tôda a linha das seringueiras, que, em certas regiões, medram aglomeradas, acontece, às vêzes, haver interpenetração de estradas, formando intrincados caminhos um verdadeiro labirinto dentro da mata, que só não desorienta um seringueiro experimentado, pois tem havido casos de "brabos" ficarem durante dias perdidos nesse dédalo de caminhos (78).

---

(74) Colocação — Conjunto de estradas sob a responsabilidade de um, dois ou mais seringueiros. Centro — o interior da floresta, onde ficam as barracas dos seringueiros. O seu antônimo é margem.

(75) Barraca — Residência de seringueiro e de sua família.

(76) "Estrada" é um caminho mais ou menos de um metro e meio de largura, aberto através da floresta, acompanhando a linha caprichosa das seringueiras. "É a linha sempre arbitrária que, através de acidentes e sinuosidades, dista de uma a outra seringueira" (ARAÚJO LIMA, *ob. cit.*).

(77) Varadouro — Caminho aberto na floresta.

(78) São precisos anos para que um "brabo" passe à categoria de "manso". Para isso é necessário tempo e uma série de provas, uma das quais, segundo me referiu certo seringueiro do Acre, consiste em o "brabo" passar 48 horas no interior da mata, sem terçado, nem espingarda, nem rêde, enfrentando tôda sorte de perigos, desde as ferrotoadas dolorosas dos insetos até o terror pânico que causa o esturro da onça pintada.

.. Das margens das estradas partem as "mangas" (79), que podem ter uma, duas ou mais seringueiras. São árvores que, em virtude da situação acidentada do terreno ou da ausência de outras madeiras nas imediações, não puderam ficar fazendo parte da estrada principal.

A quantidade de látex colhida em uma estrada varia segundo a época do ano, o porte, o número e a espécie das madeiras nela existentes. Uma seringueira pode ter de uma a seis bandeiras (80), sendo que, de árvores dêsse tipo, se obtém uma quantidade de látex correspondente ao de três ou quatro árvores com uma única bandeira (81).

Há certas espécies de seringueiras — branca, roxa — que produzem mais que outras — canuri, vermelha (82). No inverno — época das chuvas (83) —, que corresponde, nos altos rios, aos meses de janeiro a abril, a produção de leite é diminuta porque, segundo alguns seringueiros, o leite está aguado, e segundo outros, a produção decresce em conseqüência da água da chuva,

---

(79) Manga — Uma variante da estrada de seringa.

(80) Bandeira — Quando a seringueira tem grande diâmetro ela pode ser dividida em zonas, no sentido da altura do tronco, zonas essas que se chamam "bandeiras". É nas bandeiras que o corte é feito, o qual abrange cêrca de um palmo, em sentido oblíquo, contrário aos cortes da safra anterior. Cada bandeira deve ter cêrca de três palmos. Uma bandeira pode passar quatro, cinco anos sem ser trabalhada. "O corte é feito da esquerda para a direita, em ângulo de 35 gráus, a fim de seccionar maior número de vasos lactíferos; sua dimensão deve ser de um quarto ou da metade da circunferência da seringueira; a profundidade não deve ir além do necessário para seccionar os vasos lactíferos. Assim procedendo, obter-se-á látex mais rico em borracha, sem o risco de prejudicar a seringueira" (LUIZ CAETANO DE OLIVEIRA CABRAL — "Borracha Amazônica", *in* "Boletim Geográfico, n. 48, 1947).

(81) Em cada bandeira coloca-se uma tigelinha. RAIMUNDO MORAIS fala de árvores com 14 tigelinhas, porém deve êle referir-se à extração do látex por meio do corte com a machadinha. Em cada incisão se colocava uma tigelinha.

(82) O seringueiro dá nomes pitorescos às seringueiras: mansa, verdadeira, fôlha de maniva, pescoço de veado, cajurana, seringurana, orelha de onça, marca de fogo.

(83) Diz BATES: "Nunca há primavera, verão ou outono, mas cada dia é uma combinação das três estações. Com o dia e a noite sempre da mesma duração, as perturbações atmosféricas do dia se neutralizam antes da manhã seguinte. Com o sol fazendo igual trajeto no céu, e a temperatura média conservando-se quase inalterada, apenas com uma diferença de dois ou três graus o ano todo, como é grandiosa em seu perfeito equilíbrio e simplicidade, a marcha da Natureza no equador!" (*Ob. cit.*).

que, mais pesada do que o leite, ao cair nas tigelinhas (84) o faz extravazar. Há ainda casos de seringueiras que, para obterem grande produção de borracha, cortam a árvore em duas zonas de bandeiras: na parte inferior — correspondente à altura de um homem com os braços levantados —, e na parte superior — idêntica altura, acima da primeira. Chamam a isso "fazer mutá", isto é, construir jiraus em volta da seringueira. Tal prática é proibida, mas, dada a impossibilidade de uma fiscalização continuada a todos os seringais, é burlada a lei freqüentemente, conforme teve o A. oportunidade de verificar no Acre e Guaporé. Acontece, também, quando o seringal é arrendado, determinar o arrendatário o uso de tal prática criminosa, com o objetivo de extrair das árvores produção superior à de sua capacidade, muito embora com isso sacrifique o seringal, que, em regra, fenece ou se torna improdutivo, com as madeiras "escaldadas" (85).

Êsse processo, que antigamente era adotado em grande número de seringais, hoje, felizmente, é pouco seguido. "Um dos grandes males da exploração dos seringais, como se fazia, sem nenhuma fiscalização oficial — diz-nos A. J. DE SARPAIO em sua obra já citada — era a morte de numerosas seringueiras, por excesso de extração de látex".

Uma seringueira produz mais ou menos leite, segundo é cortada por um *brabo* ou por um manso (86), pois a "faca" (87) deve penetrar na casca da árvore o suficientemente necessário para que flua todo o leite que ela é capaz de produzir. Para isso, mister se torna uma certa prática por parte do extrator, prática essa que só com o tempo é adquirida. Se o corte atinge o "cambium" (88) a árvore se ressente, e em pouco tempo sua produção dimi-

---

(84) Tigelinha — Vasilha de fôlha de flandres em forma de cone truncado, que serve para a colheita do látex. É espetada, pelas bordas, abaixo do corte feito na seringueira, recolhendo assim o leite que lentamente escorre.

---

(85) Escaldada — Diz-se da seringueira que, em conseqüência de maus tratos produzidos pelo corte, ou excessiva extração de látex, se ressente, diminui a produção e, por fim, seca o leite. "Virou cajueiro" — é a expressão designativa para a seringueira que não mais produz látex.

(86) Manso — Diz-se do nordestino feito seringueiro e já identificado com a indústria extrativa da borracha. Vide nota 11.

(87) Faca — Instrumento de forma característica, destinado ao corte da seringueira.

(88) — Cambium — É a zona que separa a casca do cerne.

ORGANIZAÇÃO DA S.A.V.A.
SUPERINTENDÊNCIA DA SAVA RIO DE JANEIRO
MANAUS
DELEGACIA DA SAVA
BELEM
DELEGACIA DE SAVA
SCF
RDC
A
O
FONTE BOA
CARAUARI
BENJAMIN CONSTANT
JOÃO PESSOA
COARI
BOCA DO ACRE
LÁBREA
HUMAITÁ
BORBA
ITAITUBA
ALTAMIRA
ÓBIDOS
SERVIÇO DE COLOCAÇÃO E FISCALIZAÇÃO
"RUBBER DEVELOPMENT CORPORATION"
ACAMPAMENTO
OBRAS
ASSISTÊNCIA MÉDICA S.E.S.P.
PREFEITURA

nuirá. Da mesma forma, se não penetrar a faca na casca até a espessura necessária, o leite que fluir não corresponderá ao máximo de sua capacidade. Crêem os seringueiros que há indivíduos que não possuem "boa mão" para o corte da seringa, querendo com isso significar que, embora o corte seja dado com observância da técnica exigida, a árvore não corresponde à expectativa, fornecendo menos leite do que é capaz. Um indivíduo de "boa mão" obtém, com igual número de cortes, o duplo de látex. Essa crença tem concorrido para que muitos seringueiros "brabos" abandonem a profissão.

No período de entre-safra nos altos rios da Amazônia — de janeiro a abril —, o seringueiro, além dos trabalhos do roçado e a apanha de castanha para venda no "barracão" (89), dedica-se à limpeza e consevação das estradas. Durante êsse período, que é o das chuvas — inverno —, o látex nessas regiões não é extraído, proporcionando, assim, um descanso de 120 dias às seringueiras.

Em fins de março, as seringueiras localizadas nos centros têm suas bandeiras raspadas para o início do corte, sendo que, nas margens dos rios, a limpeza das estradas e a raspagem são feitas em fins de abril, quando o nível das águas começa a descer, pois, em conseqüência das chuvas, "as várzeas, os igapós (90) e as praias são inteiramente invadidas, submergindo-se, e desaparecem as oiranas marginais, enquanto as umbaúbas, de fôlhas em leque, estendem sôbre as águas velozes as suas copas. Todo o Vale inundável se torna então um grande mar de água doce, penetrando o vasto labirinto da floresta" (CRAVEIRO COSTA, *ob. cit.*).

Não é pequeno o número de seringueiras que, na extração do látex, precisam, em virtude das inundações, trabalhar com os pés mergulhados nágua. Em certas regiões, o extrator "corta as árvores servindo-se de toros de buriti, ao jeito de pontes, nos percursos mais aguados" (MOACIR PAIXÃO E SILVA, *ob. cit.*).

4. A EXTRAÇÃO DO LÁTEX

Pode-se assegurar que a profissão de seringueiro é a mais penosa do Brasil e uma das mais rudes do mundo, consideradas as lamentáveis condições em que o homem é forçado a exercê-la.

---

(89) Barracão — Residência do seringalista e de sua família. As vêzes é destinado tão sòmente à guarda de mercadorias.

(90) Igapó — Mata cheia d'água, isto é, trecho da floresta onde a água, após a inundação dos rios, fica estagnada durante algum tempo.

Para aquêles que sempre viveram confortàvelmente nas capitais e grandes cidades, gozando o confôrto de uma vida sem preocupações, entregues ao "dolce far niente" das deslumbrantes avenidas, é fácil criar, na imaginação vadia, uma idéia errônea do que seja a vida numa floresta, onde o homem se vê a sós, quase que em estado de selvageria. As obras de ficção e outras, baseadas em observação apressadas feitas nas capitais da Amazônia, com ligeira incursão nas orlas das florestas circundantes, concorreram muito para que os brasileiros, principalmente os do Sul do país — e o A. se incluia nesse grupo —, considerassem a Amazônia um maravilhoso paraíso verde, onde o homem goza a suprema felicidade de viver sempre em contacto com uma natureza estupenda, cheia de agradáveis surpresas, assim à maneira de certas películas cinematográficas, cujos entrechos se desenrolam em florestas que são verdadeiros édens, onde raramente surgem serpentes venenosas, e os insetos, de tão inofensivos, jamais saem dos pântanos e charcos para azucrinar o pobre mortal.

Mas, aquêles que já peentramos o interior das florestas amazônicas, cheio de imensa beleza, é verdade, que encerra, porém, em si tôda sorte de perigos, desde a onça pintada traiçoeira e manhosa que solerte espreita o viandante, até o mais espantoso exército de esquisitas espécies de mosquitos com suas picadas infernais, podemos afirmar que só mesmo o seringueiro — o homem civilizado que vive a palmilhar os meandros dessa maravilhosa hiléia (91) — é que poderia realizar tão ciclópica obra de desbravamento. Com sacrifícios inauditos desvenda-lhe os segredos, mas paga caro por sua temeridade. Ao longo dos caminhos, que seu arrojado facão vai abrindo na mata, mostra-se um sem número de cruzes fincadas, impressionantes marcos mergulhados na eterna sombra das árvores, que assinalam a muda presença dos pioneiros da selva amazônica.

Para que se tenha uma vaga idéia do que é o trabalho de um dia executado por um seringueiro numa colocação central — porque as há à beira de cursos d'água —, necessário se torna acompanhemos a jornada de um dêsses heróis anônimos, desde o início de sua tarefa até seu regresso, à tarde, com o leite colhido.

Para documentação dêste livro, resolvemos observar, *in loco*, a odisséia do trabalhador da borracha. Decidimos acompanhar

---

(91) A palavra hiléia se refere ao tipo de flora tropical da América do Sul, abrangendo as regiões florestais do Vale do Amazonas, das três Guianas, dos afluentes do lado direito do rio Orenoco, da zona da costa Sul do Pará, duma parte do Tocantins e do Noroeste do Maranhão.

o seringueiro Antônio Nogueira do Nascimento em seu serviço através da mata, aprendendo com sua experiência um mundo de cousas que os livros não registram.

Nogueira é natural do Acre, contava, em 1946, 22 anos de idade (92). Trabalhava na seringa desde os nove anos e conhecia tôdas as peripécias de seu ofício.

No dia 7 de abril de 1946, às 3 horas da madrugada (93), Nogueira dirigiu-se à nossa rêde, no copiar (94) da barraca, e despertou-nos para seguir rumo à estrada. Durante a noite mal dormiramos umas três horas. Os morcegos hematófagos, a esvoaçar erràticamente no interior da barraca, roçando suas asas no mosquiteiro, concorreram para que nosso sono fôsse de vez em quando interrompido (95), além do pavor causado pela nuvem de muriçocas (96) ao redor da rêde, e o receio oprimente de que alguma delas penetrasse através de um possível furo existente no mosquiteiro e, assim, nos transmitisse impaludismo, já que o perigo era latente, pois todos os habitantes da barraca e da colocação estavam atacados de malária.

Devidamente equipado de poronga (97), espingarda, terçado, balde, faca e um saco de estopa às costas, êste destinado à condução de caças que porventura fôssem abatidas, Antônio Nogueira, vestindo rala camisa de saco de farinha de trigo e

---

(92) A primeira vez que o A. esteve viajando pelo interior da Amazônia foi em março de 1946.

(93) É hábito de muitos seringueiros extrair o látex durante a noite. RAIMUNDO MORAIS em "Ressuscitados" escreve: "Alguns extratores, dos mais valentes e dos mais robustos, em vez de iniciarem o corte de manhãzinha, como os demais companheiros, o faziam à meia noite, aproveitando as horas da madrugada, quando as árvores mais seiva produzem".

(94) Copiar — À parte da frente das barracas, que geralmente não é cercada, dá-se o nome de "copiar" ou "alpendre", sendo que aquela denominação é mais usada no Baixo Amazonas.

(95) No dia seguinte, verificamos que nossos animais de sela e de carga estavam sangrando no pescoço. Tinham sido atacados pelos vampiros que, segundo informa o Prof.. Dr. C. DE MELO LEITÃO, "não sugam o sangue, mas o lambem das feridas feitas por seus incisivos muito cortantes" (Nota 210 ao livro de Bates, já citado).

(96) Muriçoca — O mesmo que carapanã, pernilongo. Há inúmeras espécies, sendo que, entre os anofelíneos, o "Darlingi" é um dos maiores vetores da malária na Amazônia.

(97) Poronga — Lamparina adaptada a um suporte para ser colocada à cabeça do seringueiro, a fim de iluminar-lhe o caminho, deixando-lhe as mãos livres para o corte.

calça de riscadinho, ambas empretecidas pelo "sernambi" (98) formado pelos respingos de látex, e calçando rústicos sapatos de borracha, fabricados na própria barraca, partiu célebre pelo caminho que o devia levar, através da floresta, à bôca da estrada que ia ser trabalhada. Seguimo-lo de perto, porque era necessário aproveitar a luz da poronga que iluminava, em frente, um setor reduzido.

A mata, mergulhada nas sombras da noite, pulsava de atividade (99). Animais notivagos perambulavam por tôda parte à cata de alimento. Ruídos os mais estranhos se faziam ouvir, vindos do subosque e dos galhos das altas árvores, onde os macacos da noite, os mochos, os jucurutus, os rasga-mortalhas, os urutaus, os murucututus formavam uma orquestra bárbara. Pela estrada, de vez em quando, deparavam-se-nos curiangos, pacas, cotias, que, surpreendidos e encadeados pela luz da poronga, ficavam imóveis, como que petreficados, até que, inopinadamente, disparavam numa correria incerta e tumultuosa através da selva, espantando para longe as aves agourentas. A tudo isso junte-se o alarme do rato-coró, o pio lúgubre do urutau, o estrídulo dos grilos e dos gafanhotos, o ciciar dos insetos, o ranger das tabocas balouçadas pelo vento, o barulho produzido pela queda de frutos e de galhos podres, o grito de morte dalgum animal atacado pelos carniceiros da floresta, e terá o leitor ligeira idéia da infinidade de sons, os mais díspares, articulados pela flora e pela fauna palpitantes de vida em plena escuridão da noite (100).

Só durante o dia é que a floresta descansa. Quando a luz atravessa o baldaquino verde das copas, seus estranhos habitantes fogem para os esconderijos da selva e aí permanecem quietos e silenciosos. A vida se refugia nas ramagens densas das árvores, nas covas das encostas, nos ocos dos galhos, nas palmas dos coqueiros, nas furnas, nos balseiros, nas folhagens. De dia só o homem pulsa em atividade no seio da floresta. E, à noite, só êle ousa perturbá-la e invadir-lhes os domínios, penetrando-lhe as entranhas em busca do ouro líquido das héveas, tão branco

---

(98) Sernambi — Produto oriundo da coagulação espontânea do látex. Borracha de inferior qualidade.

(99) "A flora ostenta a mesma imperfeita grandeza. Nos meios-dias silenciosos — porque as noites são fantàsticamente ruidosas..." (EUCLIDES DA CUNHA — "À Margem da História).

(100) O sábio ALEXANDRE VON HUMBOLDT foi dos primeiros cientistas a observar o contraste existente nas florestas amazônicas: de dia, mergulhadas em silêncio, e à noite, cheias de ruídos e atividade.

e tão puro, mas que, em contacto com a mão ambiciosa do homem, se torna tão negro e tão áspero.

À passagem do seringueiro, ostentando na cabeça a poronga fumegante, tôda a bicharada se alarma medrosa diante daquele ser estranho, — qual divindade da mata que andasse a passar em revista seus vastos domínios. O veado, a aperema, o jaboti, a anta, o tatu, o macaco, a saracura, o guará, a piaçoca, o papagaio, o tucano, o cajubim, o mutum, o jacamim, enfim, tôda a alimária se inquieta com a presença do homem azafamado, a deter-se e a agachar-se de momento a momento junto aos gigantes da floresta, como o curupira e a anhangá quando, pela calada da noite, percorrem os meandros da selva desincumbindo-se de sua missão de protetores da flora e da fauna.

Além do amerindio, rei das brenhas, só mesmo o seringueiro, na sua labuta cotidiana, ousa enfrentar os mistérios da floresta. Vai em busca do cobiçado ouro, da almejada riqueza, que, aumentando a fortuna dos que já são ricos, agravará a miséria dos que já são pobres.

Antônio Nogueira, como todos os seringueiros, não anda nas estradas: corre. Aleijado da perna direita, cuja rótula foi aos 10 anos fraturada com um golpe infeliz de terçado, quando mal se iniciava na vida de seringueiro, é verdadeiramente admirável vê-lo, magro, faces macilentas, vaga tristeza no olhar, mãos negras e calosas do trabalho árduo, como desaparece célere nas voltas da estrada, numa velocidade de marcha superior a qualquer uma, mesmo às marchas aceleradas, porque é contínua, permanente.

Aliás, essa resistência física do sertanejo e do homem do interior da Amazônia é reconhecida por vários escritores, sendo que J. A. DE SAMPAIO, em seu importante trabalho "A Alimentação Sertaneja e do Interior da Amazônia", mais de uma vez citado neste estudo, refere o seguinte a respeito do assunto: "Para uma primeira idéia da resistência do caipira às longas caminhadas a que é freqüentemente obrigado, informa MOACIR M. F. DA SILVA, em seu artigo "Geografia dos Transportes no Brasil" ("Rev. Bras. de Geografia" — abr. 1940): "Sabemos que os nossos matutos andam muito mais do que os récordes indicados por Alfredo Elis Júnior e que eram de 6 a 12 quilômetros por dia para os bandeirantes e 16 quilômetros em outro caso. Admitindo 8 horas de sono (das 20 às 4); 4 horas de descanso e refeições, e 12 horas de marcha normal a passo, — 4 km por hora

(Maxochi — Memorial Técnico, dá 4,32) — podemos admitir 48 quilômetros como marcha diária de um sertanejo nosso a pé, em caminho ou terreno fácil, é claro".

Pois bem, em regra um seringueiro, que trabalha em estradas de produção normal, para colhêr 12 frascos de látex por dia terá que andar no mínimo 20 quilômetros, não com a velocidade normal da Infantaria — 4 km em 50 minutos, com 10 para descanso —, mas sim, numa média de 5 km horários.

Antônio Nogueira, uma quase inválido, claudicando da perna direita, conduzindo em terreno acidentado objetos que de certa forma lhe retardavam a marcha, difìcilmente se deixava acompanhar por nós, egresso recentemente da caserna, onde a cultura física merece cuidados especiais, desde a prática de esportes até as marchas prolongadas de 80, 100 e mais quilômetros.

Atingida a bôca da estrada, começa o trabalho pròpriamente dito de extração do látex. À luz da poronga vai-se delineando, no fundo escuro da mata, o perfil de uma seringueira. O extrator dela se aproxima, sangrando-lhe a casca, em seguida, com um corte oblíquo de cêrca de um palmo. Apanha a tigelinha, que no dia anterior fôra colocada no «tôrno» (101), encrava-a abaixo do sulco, guiando, em seguida, com o lado oposto da faca, o leite que rápido aflora (102).

Se a árvore é de grande diâmetro e possui várias bandeiras, tôdas são submetidas a operação semelhante, gastando-se, para cada uma, cêrca de 30 segundos. Às vêzes, acontece não se encontrarem as tigelinhas no tôrno. O seringueiro não se surpreende, porque sabe que foram retiradas por algum macaco-da-noite. Procura-as nas imediações, conseguindo, as mais das vêzes não sem dificuldades, encontrá-las no meio da vegetação rasteira do subosque. Mas também acontece os símios levarem-nas para longe, ficando, assim, perdidas para sempre.

Quando os cortes devem ser dados na parte inferior da madeira, junto ao solo, o seringueiro é obrigado a ajoelhar-se diante

---

(101) Tôrno — Pau fincado no chão, ao lado da seringueira, em cujo tôpo as tigelinhas são emborcadas após a colheita do látex.

(102) Antigamente usavam para a coleta do látex tigelinhas de barro ou conchas de ampulária (uruá). É o que nos informa Bates em sua obra já citada: "Tôdas as manhãs cada pessoa, homem ou mulher, a quem é distribuído certo número de árvores, visita uma por uma e recolhe em grande vasilha o suco leitoso que escorre de escoriações feitas na casca na tarde anterior e que é recebido em tigelinha de barro ou em conchas de ampulária, enfiadas abaixo das feridas". Tal uso ainda é hoje observado às margens do rio Tocantins.

da seringueira. Nesse instante, ela representa para êle um altar, uma divindade da mata que lhe oferta tanta riqueza, da qual lhe tocam apenas migalhas. Curva-se, em genuflexão, e reverencia a deusa da floresta, que sabe corresponder a essa homenagem e heroísmo, presenteando-lhe o leite de suas entranhas. Por isso, o bom seringueiro ama tais árvores, trata-as com afeição e, às vêzes, batiza-as com nomes carinhosos. Acaricia-as mesmo, afagando a rugosa casca daquelas mais produtivas, e não é raro surpreendê-lo a conversar baixinho com essas mudas companheiras de todos os dias, que lhe retribuem as blandícias na linguagem misteriosa do sibilar dos ventos nas folhagens e no arquear gracioso das fôlhas nas alturas.

Mas essa homenagem é instantânea. Cem, duzentas vêzes terá de deter-se, através da estrada, em igual postura. Quando se levanta, o novêlo de fumaça que escapa da chama da poronga invade-lhe o rosto e as vestes, penetrando-lhe nas narinas. O seringueiro limpa a fuligem das faces com a manga da camisa e bendiz essa fumaça, que o intoxica e sufoca, porque afugenta as ondas de maruins e de carapanãs que o vão seguindo ameaçadores pela noite afora.

As horas vão-se escoando, lentas, e o seringueiro já cortou quase a metade das madeiras de sua estrada quando os primeiros albores do dia começam a espraiar-se pelo céu, coroando as copas das árvores. Lá em baixo inda é escuro e a poranga precisa manter-se acesa, não só para iluminar a árvore a ser cortada, mas também porque as serpentes venenosas têm hábitos noturnos. Um pouco atrás, já ficou decepada uma perigosa jararaca, mais temida que o jacaré ou o tigre negro, e que, enrodilhada no caminho, chegara a deferir traiçoeiro bote, mas fôra surpreendida a tempo pelo ágil seringueiro que, com rápido e preciso gesto, golpeara no ar a maliciosa serpente, fazendo-a cair malferida por terra, onde ficou a se debater nos violentos estertores da morte. Um incidente insignificante na vida do homem da selva. Um ligeiro descuido ter-lhe-ia sido fatal (103), porém êle encara os perigos com um admirável fatalismo, que alimenta em sua alma rude a chama do entusiasmo e da bravura.

São nove horas, e os primeiros raios do sul já começam a atravessar as falhas das árvores. A luz do dia vai-se difundindo, a pouco e pouco, pelo interior da floresta, afugentando as som-

---

(103) Muitos seringueiros têm sido encontrados agonizantes nas estradas, picados por serpentes.

bras para o espêsso da mata. Os pássaros já andam alto e os macacos, com as aves canoras, formam curiosa orquestra que entoa esquisita sinfonia. Dentro em pouco, um oceano de luz inunda todos os recantos, coando-se de todos os lados, através dos vitrais das fôlhas das palmas, dos galhos balouçantes das árvores e das ramagens das graciosas trepadeiras. A floresta então afigura-se-nos um templo iluminado, e o homem como que se anula diante de tão magnífico espetáculo (104). Lianas pendentes das mais altas árvores entrelaçam-se nos cipós, nas epífitas, nos ramos, oferecendo ao observador quadros dos mais variados aspectos.

O seringueiro conhece todos os espécimes florestais. Ali, é um apuìzeiro ingrato, que estrangula o vegetal que o acolhera quando era apenas uma débil epífita (105). Lá, é o cumaru gigantesco, que espalha para o céu galhos enormes. Acolá, é a solitária murumuru, com seus perigosos espinhos de um palmo de comprimento. Mais adiante, ergue-se, muito acima das outras árvores, só excedia em altura pela imponente sumaumeira (106), a árvore da castanha do Pará — *Bertholletia excelsa* —, vigorosa e dominadora, com "seus frutos lenhosos, grandes e redondos como balas de canhões, pendentes dos ramos" (BATES). O açacu, o aguano, o babaçu — a maior palmeira da Amazônia —, o miriti, conhecida como a "árvore da vida" e que fornece madeira, palha, óleo, fruto, corda; o cedro, a maçaranduba, da qual se retira leite tão agradável ao paladar quanto o de vaca (107); a

---

(104) "Há algo na floresta tropical — diz-nos BATES — que produz na alma efeitos semelhantes aos do oceano: o homem sente igualmente sua completa insignificância diante da vastidão da natureza" (*Ob. cit.*).

(105) Sôbre o apuizeiro, escreve BATES: "Surge junto da árvore em que pretende fixar-se e o lenho de sua haste cresce, formando um molde plástico de um dos lados do tronco de seu suporte. Emite, então, de cada lado, um ramo que cresce ràpidamente, como se um fluxo de seiva estivesse correndo e endurecendo-o, à proporção que êle caminha. Cada ramo adere estreitamente ao tronco da vítima e os dois braços se reunem ao lado oposto, onde se fundem. Tais braços surgem com intervalos regulares, à medida que a planta sobe, e a vítima, quando o estrangulador completou seu desenvolvimento, é apertada por um certo número de anéis inflexíveis. Tais anéis vão aumentando quando o matador floresce, erguendo para os céus sua coroa de fôlhas misturadas à de sua vítima, que acaba matando, por paralisar o fluxo da seiva" (*Ob. cit.*).

(106) AGNELO BITTENCOURT, brilhante publicista e autor de "Geografia do Estado do Amazonas", em artigo publicado na capital amazonense em "O Jornal", afirma existir no lago Aiapuá uma secular sumaumeira "medindo aproximadamente 65 metros de altura, dominando gigantescas e lindas castanheiras, que lhe estão vizinhas".

(107) A maçaranduba é denominada "vaca vegetal".

maparajuba, a copaíba, o pau d'arco, o esguio açàizeiro, enfim, a legião de príncipes da floresta ostenta, ali, a grandiosidade de seus esbeltos talhes mais dignos de nota pela altura a que atingem do que pela grossura de seus caules. No meio dos senhores da selva vegetam os modestos espécimes: desde a palmeira acaule até a peuririma, pouco mais grossa que um dedo humano.

O seringueiro já não mais se comove ante espetáculo de tal magnitude. Acostumou-se, desde menino, a presenciá-lo cada dia, e, nas múltiplas tintas que o cenário apresenta, sua retina fixa apenas a tarja escura das sombras, o negro matiz, símbolo da dor, da desdita, do infortúnio, que é a sua vida miserável. Compreendendo que a "contemplação da natureza só por si não basta para encher a alma e o coração humanos" (BATES), aceita indiferente a festa que a natureza diàriamente lhe oferece com tôdas as galas de uma cortesã e limita-se a retribuir êsse galanteio com a tristeza de seus olhares cansados de sofrimento.

* * *

No meio da orgia de sons que já dominam todos os recantos, o seringueiro distingue, ainda longe, a matinada de um bando de macacos, que cada vez mais se aproxima. Oculto entre as raízes tabulares de uma sapopemba (108), queda-se atento, espreitando as alturas. Dentro em pouco, depara-se-lhe um bando de guaribas assanhados, trêfegos, saltando de galho em galho (109). Um tiro parte certeiro, ao mesmo tempo que um capelão se despenha mal ferido, ficando suspenso pela cauda no alto de uma taboca (110). A caça é recolhida, embora sua carne seja pouco estimada, inferior à do coatá de bigodes brancos — macaco aranha —, que é saborosa. Entretanto, o preço de um cartucho

---

(108) Em tôrno da parte inferior do tronco das grandes árvores crescem projeções tabulares chamadas sapopembas. "Os espaços entre estas saliências, geralmente formadas por delgadas tábuas, formam câmaras espaçosas, comparadas às baias de uma estrebaria, algumas podendo abrigar meia dúzia de pessoas" (BATES).

(109) Todos os macacos da América do Sul são arborícolas, sendo que o maior do Vale Amazônico é o coatá negro. HENRY WALTER BATES informa que há 38 espécies que habitam a região amazônica.

(110) Se o tiro não fôr mortal, o macaco de cauda preensora enlaça-se no primeiro galho que se lhe deparar na queda, aí ficando até morrer. Se a árvore na qual o símio ficou prêso é alta e grossa, o seringueiro prefere perder a caça, que é devorada mais tarde pelos gaviões e outras aves de rapina.

necessário para abater um macaco, por mais alto que seja, está muito aquém do do charque, vendido no barracão a Cr$ 20,00 o quilo.

* * *

Cortadas que foram tôdas as madeiras, o seringueiro detém-se na bôca da estrada, não para descansar, mas para esperar que todo o látex escorra para as tigelinhas. No copo, feito de um gomo de taboca, bebe um pouco d'água no igarapé. Afugentando a todo instante os insetos que o perseguem (111), se acaso se recosta a um taxizeiro, logo se levanta precipitado, vítima de dolorosas picadas. O taxìzeiro hospeda uma certa espécie de formiga chamada taxi, cujas picadas chegam até a provocar febre. Basta que se toque de leve na árvore para que, de inúmeros orifícios, saiam centenas dêsses temíveis insetos (112).

Nem trinta minutos são passados e eis que o seringueiro parte novamente, para fazer o mesmo percurso. Já agora sua tarefa será menos árdua, porque terá apenas de recolher o láter. Retira cada tigelinha prêsa às árvores e despeja seu conteúdo no balde que sustém junto ao corpo. Com o polegar direito, recolhe o resto de látex que aderira ao fundo e aos bordos. Recoloca a tigelinha no tôrno e assim prossegue no seu afã, acumulando, a pouco e pouco, pacientemente, aquelas insignificantes porções de leite que, no final, perfazem 8, 10 frascos, de um litro cada um.

Após êsse exaustivo trabalho, na execução do qual é forçado a agachar-se dezenas, centenas de vêzes, como o fizera horas antes,

---

(111) Sôbre o que seja o tormento dos insetos na selva amazônica, FERREIRA DE CASTRO escreve o seguinte: "Alimentava (a selva) para arrelia e tormento humano, legiões aladas e rastejantes de insetos, que nenhum engenho conseguia exterminar de vez. Era o maruím, de ferradela que enervava; a carapanã, que encontrava sempre, no mais espêsso mosquiteiro, orifício de penetração para ir tirar o sono a quem se estendera na rêde; a mutuca de picada súbita e sangrante; o carrapato que se colava ao lombo e aos flancos dos cães e do gado, pequenino de início, e depois, inchando lentamente, atulhado de sangue impalpável; o carrapanã que vinha, em silêncio ou zunindo, mordia, envenenava e fugia, saciado e triunfante, dando lugar a outros ainda famintos, a hordas que não terminavam jamais. O homem debatia-se no vácuo. E impotente, perante inimigo tão pequeno, espancava-se a si mesmo, na ânsia de esmagar o importuno, que já ia longe, que era sutil e incapturável como a própria brisa" (*Ob. cit.*).

(112) Os seringueiros afirmam que se a formiga taxi abandonar um taxizeiro, êste morrerá irremediàvelmente. Para o tratamento de uma dor de dente, colocam na cárie três formigas taxi envolvidas em algodão.

o seringueiro chega novamente à bôca da estrada — o balde cheio de lei (113), o suor a porejar-lhe da fronte, o cansaço a manifestar-se-lhe nos tropeções, e a respiração ofegante a tolher-lhe a fala. Mas sua velocidade de marcha é a mesma. Não pode deter-se para descanso, porque já são quase duas horas da tarde. Nada comeu além do café simples, tomado às três horas da madrugada, e ainda muito serviço lhe resta por fazer, serviço êsse que exige imediata execução, sob pena de ficar inutilizado o trabalho anterior (114).

Mal chega à barraca, despeja o produto de seu trabalho em uma lata, que é levada ao fogo para engrossar o látex, caso êste esteja fraco (115). Enquanto isso, corre à cozinha, onde, ainda ofegante, almoça sua jabá com farinha d'água e arroz.

5. A DEFUMAÇÃO

A defumação do látex é feita num tapiri (116), que toma o nome de "defumadouro" (117). No centro fica o boião, espécie de fornalha na qual, depois de prèviamente preparado o braseiro, se colocam cavacos de certas madeiras — breu, mulateiro, maçaranduba — para que produzam espêssa fumaça (118), que escapa

---

(113) Muitos seringueiros usam, para conduzir o leite, saco encauchado, isto é, saco feito de qualquer tecido e impermeabilizado na própria barraca. Adotam essa prática para evitar a perda do serviço na hipótese de, com uma possível queda, derramar-se o látex do balde. Até o próprio saco costuma furar-se na ponta de uma vara ou num espinho de taboca.

(114) O látex colhido deve ser logo transformado em borracha, pela defumação. Se o seringueiro descuidar-se, a coagulação do leite se faz espontâneamente, transformando-se em sernambi, borracha de inferior qualidade. Às vêzes, quando na tigelinha caem flores de seringueira — o que se dá em novembro e dezembro — o leite, que então é fraco, coalha fàcilmente.

(115) Muitos seringueiros adotam êsse processo para apressar a defumação. LUIZ CAETANO DE OLIVEIRA CABRAL, a propósito, escreve: "O sistema de aquecer o látex para engrossá-lo, com o fim de facilitar a sua defumação, deve desaparecer porque, na maioria dos casos, prejudica o produto, enfraquece-o e faz com que retenha maior teor de umidade" ("Boletim Geográfico", n.° 48, 1947).

(116) Tapiri — Cabana, choça, rancho, espécie de barraca.

(117) Ao lugar onde o leite é defumado costuma-se dar o nome de defumaceira ou fumaceira.

(118) Alguns seringueiros usam caroços de palmeiras para defumar o látex, e o urucurízeiro (attalea excelsa Mart) fornece caroços para êsse fim. A borracra defumada por êsse processo fica mais elástica.

por um orifício de mais ou menos oito centímetros de diâmetro. Acima do boião, fica o guindaste, que suporta as extremidades de um pau roliço de uns dois metros e meio de comprimento. Êsse pau fica apoiado, de um lado, sôbre uma travessa horizontal, fixa em duas estacas enterradas no chão, e, de outro, pelo guindaste pròpriamente dito, isto é, uma corda que sustenta o punho do pau onde a péla se vai formando. A um lado, fica a bacia com o leite colhido, apoiada em quatro estacas.

Para a formação da péla é necessário que o seringueiro prepare o "princípio" (119). Se quiser fabricar um bom produto, usará para isso borracha fina (120), isto é, leite defumado sem quaisquer impurezas; porém acontece que muitos dêles, para formarem o princípio, lançam mão de sernambi acumulado no fundo da bacia ou retirado das cicatrizes das seringueiras e bordos das tigelinhas, o que deprecia o produto na classificação posterior. Há ainda os velhacos — felizmente são poucos, — que usam, como tal, tijolos, pedra, pau, etc., com a finalidade não só de fraudar o pêso, como também por economia de trabalho. Atualmente tais práticas fraudulentas quase não se verificam, a não ser quando os seringueiros têm o hábito criminoso de vender seus produtos diretamente ao "regatão" (121) que, nesse caso, é o único ludibriado.

A borracha produzida num seringal é tôda ferrada, isto é, marcada com o sinal do seringalista. As pélas, por sua vez, trazem gravado o número correspondente ao seringueiro que as defumou. As pélas encaminhadas para Manaus e Belém são nessas cidades cortadas em duas metades, para efeito de fiscalização e classificação da borracha; momento em que são descobertas as fraudes, sendo assim fácil a identificação e a punição de seus autores.

---

(119) Os seringueiros chamam "princípio" a uma pequena quantidade de borracha defumada num pau para êsse fim especialmente preparado, o qual, por apresentar ao centro um diâmetro de uns 10 centímetros, oferece maior superfície para coagulação. Quando êsse princípio já está adiantado, é retirado e adaptado ao pau definitivamente; daí por diante, a péla vai aumentando até atingir a pêso de 50 quilos.

(120) A borracha é classificada em fina, fina fraca, entre-fina fraca, sernambi e caucho.

(121) Regatão — Mercador que, em barco ou canoa, percorre os rios parando nas colocações.

Formado o princípio, o seringueiro, sentado em frente ao boião que expele espêssas volutas de fumo, vai transformando o látex em borracha. Com uma cuia, apanha o leite na bacia e o despeja sôbre o "princípio", fazendo rodar o pau em que o mesmo fôra enrolado. Em seguida — sempre dando voltas ao pau —, mergulha-o na densa fumaça, que, em poucos segundos, provoca a coagulação. Novamente o pau é retirado da fumaça para que a péla em formação receba nova lavagem (122). De início, fazem-se necessárias cêrca de quarenta lavagens para que um litro de látex se transforme em borracha. Quando a péla atinge uns 40 quilos de pêso, um litro passa a ser coagulado em 10 lavagens, e o seringueiro gasta, no mínimo, duas horas para defumar os 10 quilos restantes, necessários para completá-la.

Se o trabalho da extração do látex é penoso, o de sua defumação não o é menos, consideradas as condições em que se executa. A fumaça que se desprende do boião (123) é tanta e tão sufocante que o seringueiro, envolvido naquela atmosfera irrespirável, é freqüentemente forçado a sair do defumadouro para respirar, sôfrego, um pouco de ar puro. O tapiri fica todo envolto em fumo, e, através da palha de ouricuri que cobre a choça, a fumaça escôa e se enovela sôbre a coberta, parecendo aos menos avisados que tudo ali fôra prêsa de pavoroso incêndio.

Certa pessoa, de ótima compleição física e afeita a trabalhos rudes, desejosa de presenciar a defumação de uma péla, tentou permanecer durante cinco minutos no interior do defumadouro, porém não conseguiu e teve que retirar-se sufocada, olhos congestionados e lacrimosos, acometida por violento acesso de tosse (124).

Mas, para matar a fome e enriquecer o patrão, o seringueiro precisa permanecer durante três ou mais horas por dia envenenando os pulmões, dentro daquele inferno de fumo e fuligem.

---

(122) Lavagem — O seringueiro chama "lavagem" a cada operação destinada a cobrir a péla de leite.

(123) O calor produzido pela fornalha é responsável por grande número de reumáticos inutilizados para o serviço.

(124) Muitos trabalhadores da borracha são obrigados a ter colírio na barraca para minorar os sofrimentos que a fumaça lhes causa aos olhos. Entre os muitos extratores de borracha que ficaram cegos no trabalho da seringa, citam-se João Pedro de Oliveira e Francisco Pedro de Oliveira, ambos com 32 anos de serviço na seringa.

6. AS PÉLAS

Se as estradas são produtivas, com uma média de dez frascos por corte, em cinco dias (125) o seringueiro obtém uma péla de cinqüenta quilos. Trabalhando na seringa cinco dias por semana, obtém por mês 200 quilos de borracha, dos quais, deduzidos dez por cento, relativos à quebra do produto (126), restam cento e oitenta quilos que, vendidos a Cr$ 10,00 a unidade, perfazem a importância apreciável de Cr$ 1.800,00 mensais. No fim de uma safra — oito meses —, terá o seringueiro Cr$ 14.400,00 (126-a).

Êsse o cálculo teórico feito pelos recrutadores de "soldados da borracha" no Nordeste, com o objetivo de seduzir e atrair para a seringa o incauto nordestino. Mas, na verdade, tal situação dificilmente ocorre, porque, para isso, seria necessário que o seringueiro pudesse realmente trabalhar dentro dêsse regime. Seria necessário que os alimentos que entrassem no preparo das suas refeições correspondessem, pelo valor nutritivo, às suas necessidades orgânicas, e que, assim, não vivessem em permanente estado carencial alimentar. Seria necessário que não estivessem debilitados pela malária, pelas úlceras tropicais, pela polinevrite beribérica.

A porcentagem de seringueiros que obtêm uma produção de duzentos quilos de borracha por mês é muito pequena, e são raros os seringais que contam com um ou dois trabalhadores nessas condições.

Em um dos seringais do Acre, visitados pelo A., trabalhava um seringueiro (127) que produziu uma média de 180 quilos de borracha por mês. Para isso, levantava-se às duas horas da madrugada, trabalhava em três estradas extensas — de 215, 200

---

(125) O contrato padrão de trabalho nos seringais estabelece na cláusula 3.ª: "O seringueiro se compromete a trabalhar seis dias por semana, quer na época apropriada à extração do látex, no que empregará todo o esfôrço possível para obter uma produção máxima, quer no período de entre-safra, quando deverá se ocupar de outros misteres, dentro do próprio seringal, a juízo do seringalista".

(126) Uma péla fresca de cinqüenta quilos quebra três quilos, e, às vêzes, mais, conforme a densidade do látex empregado.

(126-a) Preços vigorantes em 1946.

(127) Trata-se de Paulino Tomaz Pereira, de 20 anos de idade, casado, sem filhos, recrutado pelo SEMTA em 25 de junho de 1943. Trabalhava no seringal "Emprêsa", em 1946.

e 170 madeiras. Seu serviço de corte e coleta do látex terminava mais ou menos às 14 horas, mas, para isso, precisava da ajuda da mulher que, em abril de 1946, pôsto se encontrasse em adiantado estado de gestação, ainda assim o acompanhava à estrada para ajudá-lo a carregar o leite colhido, cuja defumação terminava cêrca das 17 horas.

Quando êsse seringueiro foi para o Acre, era um rapaz robusto, com esplêndida saúde. Em 1946, era um destrôço do que fôra. Vítima do impaludismo, emagrecera oito quilos. De temperamento alegre que era, tornou-se misantropo, arredio, de olhar sempre tristonho, desgostoso com a vida que levava, tendo nos lábios só palavras amargas, de revolta contra a diferença que existe entre os homens, não compreendendo porque uns passam fome, como êle e seus companheiros de seringa, enquanto outros, sem nada produzirem, gozam a vida à custa das canseiras daqueles. Frisava seu caso pessoal, lembrando que, apesar de trabalhar acima de suas fôrças, nada possuía de seu e mal conseguia o suficiente para ir matando a fome e — o que era pior — não podendo abandonar o seringal por dever ao patrão Cr$ 3.629,00.

* * *

O seringueiro sabe que, conforme a densidade do leite, cada dois litros defumados podem corresponder a um quilo de borracha (128). Assim, quando já empregou na defumação da péla cêrca de cem litros de látex, retira-a do seu sustentáculo, ferra-a com o seu número e põe-na ao sol para que seque e se escorra a água do látex e a produzida pela fumaça dos cavacos verdes. Dias depois, a péla, que logo após a defumação tem côr de pérola, começa a emprètecer, tornando-se quase negra ao fim de um mês.

As pélas são, em regra, conduzidas ao barracão pelo comboio, ou então através de igarapés, em canoas. Cada muar transporta duas — uma de cada lado da cangalha. Mas, quando o barracão do seringalista fixa próximo à colocação, o próprio seringueiro leva sua borracha ao patrão (129), suprindo-se, então, da mercadoria de que necessita durante o tempo que despenderá na produção de outra péla. Conduz a borracha em cestos cha-

---

(128) Os seringueiros usam, para a coleta do látex, latas de banha de dois quilos — frascos — que, cheias, vão corresponder a um quilo de borracha, depois de defumado o leite.

(129) Patrão — O mesmo que seringalista.

mados jamaxis, feitos da fibra da palmeida jacitara. Tais cestos, que obedecem a uma forma característica para se adaptarem às costas do seringueiro, servem também para conduzir qualquer outra mercadoria e são empregados até mesmo para o transporte de crianças. Quando o seringueiro tem o hábito de vender borracha diretamente aos regatões, condu-la em jamaxi até a margem do rio.

As pélas que vão chegando ao barracão são alinhadas em compartimentos ou áreas às vêzes descobertas, formando vasta esteira de cem, duzentas ou mais. Mal se inicia a safra, vão-se acumulando — pequenas fortunas expostas ao sol e à chuva, e sôbre as quais ats comboieiros se sentam para comer sua jabá e as crianças brincam ao entardecer. O A. conheceu um seringalista que, à tarde, se deleitava em passear sôbre uma grande partida de borracha que se encontrava ao lado de seu barracão. Ia gostasamente contando as pélas, somando em voz alta o valor de cada uma: 750, 1.500, 2.250, até 300.000 e tantos cruzeiros. Acalmava sua avidez pelo ouro contemplando as centenas de cruzeiros que se estendiam a seus pés, representados por negras bolas de borracha extraídas com o penoso trabalho dos seringueiros, aos quais, verdadeiros criadores daquela fortuna, nem ao menos se conferia o direito de viverem uma existência decente.

* * *

O transporte da borracha é feito, às vêzes, de um a outro pôrto em balsas — pélas ligadas umas às outras por meio de arame, formando um círculo. Seguem cem, duzentas, de bubuia, deslisando lentamente ao sabor da corrente, orientadas pelos balseiros, que, em estrados, empunham compridos varejões, com que vão desviando das praias, das pontas de pau à vista, ou dos cachoupos que despontam aqui e ali, aquelas pequenas fortunas flutuantes.

Capítulo IV

EMIGRAÇÃO REFLEXA DOS NORDESTINOS NA AMAZÔNIA

1. O retôrno dos imigrantes nordestinos
2. A recuperação dos retornados
3. O recâmbio de retornados

Capítulo IV

IMIGRAÇÃO REFLEXA DOS NORDESTINOS NA AMAZÔNIA

1. O RETÔRNO DOS IMIGRANTES NORDESTINOS

Não é segrêdo para ninguém ter sido um fracasso a tentativa de incremento da colonização do Vale Amazônico, levada a efeito nos últimos anos da II Guerra Mundial, com o objetivo de acelerar a produção de borracha de que careciam as fôrças armadas para defender os princípios liberais democráticos, ameaçados pelas potências imperialistas do Eixo.

Na organização dos planos da "Batalha da Borracha", os órgãos encarregados dêsse empreendimento cogitaram de muitos pormenores. Foi criado o Banco de Crédito da Borracha e seus cofres se abriram, numa prodigalidade sem par, ao financiamento de seringalistas, fracassados uns e aventureiros inescrupulosos outros, que arrendavam seringais para aproveitar a oportunidade rara que se lhes apresentava de enriquecerem ràpidamente, financiamentos êsses que, misteriosa e inexplicàvelmente, se evaporavam no aviamento a seringueiros que jamais chegavam a ser aviados com o crédito bancário.

O recrutamento de trabalhadores no Nordeste ficou a cargo de várias repartições que, sucessivamente, empreenderam o encaminhamento de levas e levas de imigrantes para a Amazônia. Cuidou-se de tudo, aparentemente. Aos seringalistas foram oferecidas as maiores vantagens: financiamento, trabalhadores transportados até os seringais, preço animador para a borracha, garantias. Entretanto, ao elemento que iria diretamente arrancar a almejada riqueza das héveas perdidas no recesso da mata, ao verdadeiro extrator da borracha que, para obtê-la, precisa viver em permanente contacto com os elementos agressivos da natureza, a

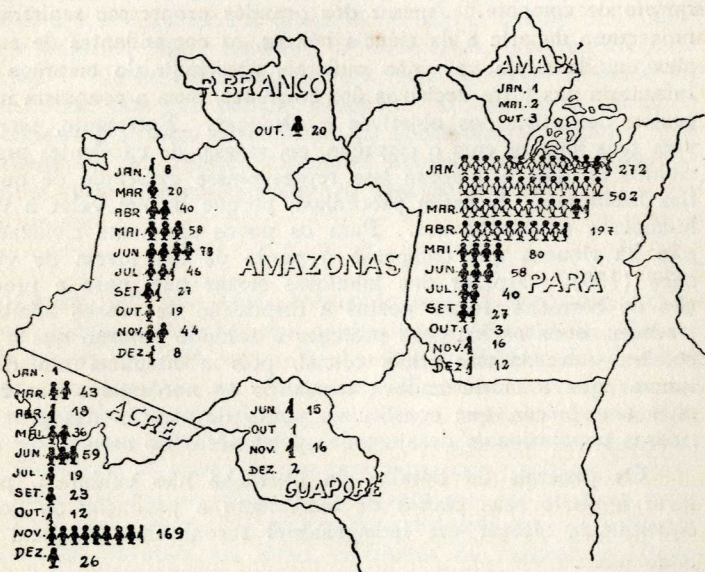
êsses desgraçados nordestinos, iludidos na sua boa fé, por representantes do próprio Govêrno federal, nada proporcionaram de concreto que lhes protegesse ao menos a saúde e a economia. Era a massa ignara, analfabeta e escrava que iria enfrentar a parte mais rude, mais difícil, da campanha que se empreendia, e, pensando assim, aquêles que podiam dispor dêsses desgraçados homens limitaram-se a arrebanhá-los, como se fôssem animais, para fazê-los prisioneiros de um dos maiores empecilhos à civilização — segundo o conceito ratzeliano — a selva. Não cogitaram de amparar o trabalhador da seringa até junto aos seringais, proporcionando-lhe, pelo menos, assistência médico-sanitária, sabido que a malária é a doença que cobra maior tributo às populações do Vale, tributo êsse mais elevado em se tratando de ádvenas oriundos de região sob vários aspectos profundamente diferente.

Batalha terrível essa, da qual não há símile na história pátria e, talvez, nem na de outras nações, pois soldados desarmados tiveram que enfrentar inimigos invisíveis que, por tôda parte, os acutilavam, inutilizando-os sempre e ferindo-os mortalmente as mais das vêzes. Fora de combate, apodreciam no fundo das rêdes, atirados pelos campos de batalha — as cabanas miseráveis —, sem assistência de qualquer espécie, pois a atebrina, que lhes devia ser gratuitamente distribuída, em 1946 era criminosamente vendida, pela maior parte dos patrões, pelo preço exorbitante de Cr$ 3,00 cada comprimido.

Êsse é um dos muitos aspectos da triste história dessa malfadada Batalha da Borracha, que nem todo o Brasil conhece nas suas verdadeiras proporções. E' uma negra mancha que deslustra os foros de uma nação civilizada, neste século de reabilitação do homem, em que a todos se procura assegurar um mínimo de garantias e direitos para que possam desempenhar, na sociedade, o papel que lhes compete como fôrça construtora do progresso.

Não se diga que a Batalha da Borracha falhou nos seus objetivos por ter sido organizada apressadamente, em situação anômala, em período de guerra, quando os empreendimentos dessa natureza devem ser levados a efeito dentro do menor espaço de tempo possível. Evidentemente essa é uma argumentação capciosa, falsa, de que se valem certos responsáveis pelos desmandos

DESTINO DOS TRABALHADORES E DEPENDENTES EMBARCADOS PARA A AMAZÔNIA

EXERCÍCIO DE 1945

"HOSPEDARIA GETÚLIO VARGAS"

E.R.M.

verificados e que não pode ser levada em consideração como justificativa dos grandes erros cometidos nessa infeliz empreitada, erros êsses que poderiam e deveriam ter sido corrigidos a tempo, a fim de que se evitassem as tristes conseqüências que ainda hoje lamentamos.

E' sabido que os exércitos aliados, em suas memoráveis campanhas, protegiam ao máximo a vida de seus soldados, que só entravam em ação depois que o potencial destruidor de seu material de guerra havia desbaratado totalmente as organizações inimigas, e quando não mais fôsse aconselhável essa fase preparatória de combate. Apesar dos grandes progressos registrados no terreno da arte e da ciência bélicas, os comandantes de exércitos, ainda desta vez, não puderam prescindir do emprêgo da Infantaria nas fases decisivas dos combates, para a conquista integral e definitiva dos objetivos a alcançar. Entretanto, poupavam seus homens com o emprêgo, em massa, de excelentes armamentos de guerra, embora isso representasse dispêndio de quantias fabulosas. E assim procediam, porque davam valor à vida humana e a respeitavam. Para os povos altamente civilizados, não há riqueza que compense a perda de um jovem de vinte anos (130). Apesar das fabulosas somas que, para a produção de borracha, foram postas à disposição de nossos administradores, nada se fêz para proteger o soldado paisano que a foi colhêr — verdadeiro crime oficial, pois a ninguém era dado ignorar que a morte andava tocaiando os nordestinos nas brenhas amazônicas, que constituiam ponto de atração das grandes massas populacionais desajustadas pelas sêcas do sertão.

Os generais da Batalha da Barracha não cuidaram, para levar a efeito seus planos de incremento à produção de goma elástica, de efetuar um indispensável reconhecimento geral da

---

(130) A respeito dos cuidados dispensados pelo Govêrno americano àqueles que foram lutar em defesa de Democracia, escreve JOSÉ X. GÓIS DE ANDRADE: "Uma das maiores preocupações do Exército Americano, refletindo o poderio econômico dos seus naturais era precisamente o cidadão de quem êle recebia não só o corpo e o espírito, mas os meios, através dos impostos. O Estado, como um mal necessário que os cidadãos admitem e sustentam, tributa-lhes, à guisa de compensação, o máximo respeito e devotamento. Ouvi, na Itália, que o lema dos americanos era êste: "Um homem só se consegue em vinte anos. Uma máquina, em vinte minutos. Estraguem-se as máquinas, poupem-se os homens". (Espírito da F.E.B. e espírito "do Caxias", *in* "Depoimento de Oficiais da Reserva sôbre a F.E.B.").

zona de operações onde iria empenhar-se em luta o exército de seringueiros que êles haviam recrutado no Nordeste. Nenhum dos técnicos improvisados, que levaram a efeito empreitada de tamanha envergadura, se deu aos cuidados de considerar a disparidade de condições existentes entre os processos de trabalho, nos sertões nordestinos, e o regime primitivista da indústria extrativa de látex, na Amazônia. Fingiram ignorar a existência, no Vale, da fome endêmica, do impaludismo traiçoeiro, das helmintíases, das úlceras perigosas, da polinevrite. Esqueceram-se de que as seringueiras se escondem no recesso da floresta, onde o homem, sem assistência médica e hospitalar de qualquer espécie, precisa armar sua barraca, quase tão primitiva quanto uma habitação indígena, longe centenas de quilômetros dos centros civilizados. Não se lembraram de que, sem preservar a saúde do trabalhador, êste não poderia produzir. E tiveram a veleidade de obrigar, por fôrça de contrato, os nordestinos recrutados, que já chegavam aos centros extratores atacados de febre intermitente, a cortar seringa durante seis dias na semana!

* * *

Desde 1945 que vimos pugnando pela melhoria das condições econômicas e sociais dos nordestinos na Amazônia. Já em 2 de janeiro de 1946, antes de o escândalo da Batalha da Borracha ser discutido na Assembléia Constituinte, escrevíamos: "Criou-se para o trabalhador da seringa o título pomposo de "soldado da borracha', porém, para que êle ganhasse sua batalha, não lhe deram as armas de que precisava, nem os Altos Comandos dêsse exército da retaguarda resguardaram sua preciosa vida, como lhes competia. Na guerra de extermínio que os soldados americanos travaram em tôdas as frentes do Pacífico, o Corpo Médico caminhava ao lado dêles, protegendo-lhes a saúde contra os miasmas, as surpresas da selva mortífera, mais temerosa pelas doenças do que pelo inimigo traçoeiro. Os soldados, combatendo nos lamaçais, nos charcos, nos pântanos, estavam protegidos contra as doenças regionais, pois a medicina se colocou a postos para proteger-lhes a vida, lançando mão de seus mais modernos recursos. O soldado podia cair vítima da bala inimiga, porém os inimigos anófeles e cúlex eram impotentes contra êle, porque estava bem protegido pela ciência. Entretanto, o

que aconteceu e está acontecendo com o nosso pobre "soldado da borracha" é justamente o contrário. Lançamo-lo à luta titânica do esfôrço de guerra para produzir toneladas de borracha, e êle marchou resoluto para cumprir o seu dever. O seringueiro, entretanto, ficou sòzinho, entregue à sua própria sorte, desamparado, com assistência deficiente, tombado em meio à viagem — o balde cheio de látex, as têmporas latejando de febre e o corpo a tiritar de frio. Se debaixo de cada dormente da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré há, como se afirma, um trabalhador enterrado, sem grande exagêro poder-se-ia dizer que em cada quilômetro de estrada de seringueiras na Amazônia há uma cruz de nordestino".

Em conseqüência dessa falta de visão, dêsse menosprêzo pelo nosso migrante, o que se observou em 1946 foi o êxodo alarmante de seringueiros, que retornavam ao Nordeste numa média mensal aproximada de 250 pessoas, entre doentes e sãos. Cêrca de 3.000 brasileiros, atacados de doenças tropicais, regressaram em um ano da Amazônia para suas terras, inutilizados para o serviço da lavoura (131). Quantos dêles não passaram a freqüentar os albergues, os hospitais, as prisões e os manicômios?. (132) Três mil párias que, ano após ano, engrossaram a avalanche dos desocupados, forçando o fiel da balança econômica do Nordeste a desequilíbrio fatal, com êsse pêso morto a onerar-lhe a produção (133).

Desde o início da Batalha da Borracha até o ano de 1946 haviam retornado para Belém, procedentes de Manaus, 1.040 pessoas, entre trabalhadores e dependentes. No primeiro semes-

---

(131) Em entrevista à imprensa, o Sr. Humberto Pereira Viana, administrador da Hospedaria da Migrantes "Tapanã", em Belém — Pará — declarou, em 1946, "que já passou de volta ao Nordeste cêrca de 3.000 nordestinos. Por conta própria terão regressado outros tantos".

(132) "Ressuscitados — diz-nos RAIMUNDO MORAIS — seria de certo a melhor denominação genérica a dar aos seringueiros devolvidos pelas florestas às plagas originárias dêsses heróis anônimos".

(133) As estatísticas oficiais registram apenas o número de nordestinos que regressaram por intermédio do Departamento Nacional de Imigração. É preciso, porém, considerar que talvez o dôbro dêsse número regressa por conta própria — a pé, prestando serviços a bordo, como clandestinos, com passagens fornecidas por parentes ou amigos, por intermédio da L.B.A. ou dos Governos regionais, etc.

tre dêsse ano, regressaram 458 pessoas, sendo 229 trabalhadores e 229 dependentes (134).

* * *

As causas principais dêsse retôrno (135) são as doenças e os desajustes econômicos, êstes oriundos da crise atual agravada pela cupidez de certos seringalistas que, ilegalmente, usufruem lucros fabulosos na venda de mercadorias aos seringueiros.

2. A RECUPERAÇÃO DOS RETORNADOS

Em virtude de ser elevado o número de ex-seringueiros que retornavam e retornam ao Nordeste por conta própria, alguns com passagem adquirida em troca de serviços prestados a bordo, outros viajando como clandestinos, sujeitos a expulsão em cada pôrto, e outros, ainda, por terem adquirido o bilhete para a viagem com o dinheiro que lhes restara da venda de tôdas as benfeitorias de sua barraca, não é possível ao Departamento de Estatística ou Instituto Nacional de Imigração e Colonização calcular o número exato dêsses ex-soldados da borracha que voltaram à terra natal. Nem tampouco poderão informar, ao menos aproximadamente, o número daqueles que nunca mais voltarão, por terem caído para sempre na caminhada empreendida na planície imensa, vítimas de doenças, de animais ferozes, de acidentes, de surtidas de ameríndios incatequizáveis (136).

---

(134) A êsse número é preciso somar o daqueles que, precedentes dos seringais do Alto Amazonas, se dirigiram diretamente para a Hospedaria de Migrantes Tapanã, em Belém — Pará — e os procedentes do Baixo Amazonas, que também procuravam aquela repartição.

(135) Retôrno — Compreende-se por retôrno o abandono dos seringais pelos seringueiros, que se dirigem para os centros urbanos em busca de transporte para o Nordeste. Êsse transporte era geralmente fornecido pelo ex-Departamento Nacional de Imigração.

(136) Além dêsses perigos, o extrator de seringa às vêzes tem de enfrentar seringalistas desalmados, como, por exemplo, o protogonista do caso seguinte: O seringueiro Antônio Pereira da Silva (Reg. 1.792 Reg. 34.675), que trabalhava no seringal Peneri, tendo-lhe morrido um filho, colocou o corpo numa canoa, pertencente ao patrão, e rumou para uma localidade próxima, a fim de fazer o entêrro. Sabedor do fato, o seringalista, na suposição de que a canoa estivesse sendo roubada, mandou seu filho apreendê-la, já longe do barracão, o que foi feito, tendo sido seus tripulantes — seringueiro, sua mulher, um filho de um ano e o cadáver — abandonados sem condução, no barranco do rio.

Para se verem livre dos seringais, os nordestinos enfrentam tôda sorte de perigos. Tripulando frágeis canoas, conduzem mulher e filhos através de igapós, igarapés, rios tributários do Amazonas, até atingir a primeira cidade ou pôrto de lenha. Apesar de geralmente estarem doentes, entregam-se, nesses locais, aos mais rudes trabalhos, com o fim de amealhar o dinheiro suficiente para a passagem de última classe. Poucos são os felizardos que conseguem economizar a quantia necessária, pois o pouco que ganham mal dá para matar a fome de sua famlia. Desesperados, imploram aos comandantes de vapores a troca da passagem pelos serviços que prometem prestar a bordo — na lavagem de pratos, na limpeza das sentinas, no descarregamento de fardos. Há comandantes que se comovem ante êsses dramas dolorosos, que se desenrolam freqüentemente nos barrancos onde aproam seus navios, e consentem em transportar êsses indigentes até Manaus, quando procedentes do Solimões, ou até Belém, quando são encontrados às margens do rio Amazonas.

Em novembro de 1945, estudando a situação precária do nordestino na Amazônia, escrevemos o seguinte: "Sem conta é o número de seringueiros que se acham escravizados a certos seringalistas. Quando o sentimento de honestidade de um trabalhador da borracha é maior do que a revolta que lhe vai no íntimo, por se ver espoliado no árduo trabalho da extração do látex, êle permanece, durante anos, escravo de seu algoz, que o mantém submisso ao barracão, subnutrido, prêsa de doenças tropicais — autômato que troca todo o labor de uma jornada de doze horas de penoso trabalho por uma cuia de farinha d'água e um pedaço de carne d'algum símio abatido com um cartucho que o seringalista lhe vendeu por Cr$ 3,00. O saldo do produto do trabalho do seringueiro, durante um ano, mal dá para reduzir de poucas centenas de cruzeiros o débito para com seu patrão, que lhe vendeu as ferramentas e tudo o mais de que necessitava por preço às vêzes quíntuplo do das cidades (137). Acontece, freqüentemente, entretanto, que êsses desgraçados homens, cansados de lutar pela liberação de sua dívida, que parece jamais ter fim, desertam, fogem rumo a Manaus, lutando contra a natureza

---

(137) Em 1945 o A. denunciava ao país a existência de trabalho escravo nos seringais da Amazônia. Nenhuma providência foi tomada a respeito. Em 14 de fevereiro de 1950, o publicista chileno, Senhor Moysés Poblete-Troncoso, em documento n. E/AC 33/6, divulgado pelo Comité Especial de Escravidão do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, denunciava ao mundo essa mácula de nossa organização econômico-social.

madrasta, arrastando a mísera família — mulher, filhos e agregados— espetáculo constrangedor que até compromete os foros de uma nação civilizada. Ao chegarem a Manaus, como tem comumente acontecido, já deixaram atrás, enterrados à beira dos barrancos do grande rio, a maior parte de seus entes queridos. Desanimados, descrentes, revoltados, inutilizados quase sempre pelo impiedoso anófele, êsses trapos humanos, na capital amazonense, só têm um único objetivo: regressar ao seu rincão de origem e morrer ao pé da cabana em que viram a luz pela vez primeira, saudosos de sua terra infeliz, que as condições cíclicas tornam amara».

Em todos os recantos da Amazônia, onde palpita a vida, a luta se trava titânica e desigual: é o apuizeiro que estrangula a árvore a que se aconchegara quando débil epífita; é o jacaré manhoso que arrebata para o fundo do lago a caça que, descuidosa, se aproximara da margem; são as aves de rapina que aniquilam animais indefesos; é a jibóia, a sucuriju, que devora a cotia, a paca, o macaco; é a piraíba que ataca cardumes nos remansos; é a onça que assalta o veado; é, enfim, o homem — o mais temível de todos, quando despojado das sublimidades do espírito e do coração — que explora impiedosamente a pobre economia de seus semelhantes.

* * *

Aquêles que regressavam doentes eram recolhidos às hospedarias de migrantes do extinto Departamento Nacional de Imigração, situadas nas capitais do Amazonas, Pará e Território do Acre, sendo internados nas antigas enfermarias do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), que funcionavam junto àquelas repartições. O tratamento a que era submetido o retornado visava recuperá-lo para o serviço da seringa. Verificou-se, porém, que, na realidade, os seringueiros doentes que chegavam até essas capitais, numa percentagem de 80% eram irrecuperáveis, isto porque traziam a doença em tal estado de adiantamento que impossível se tornava curá-los no espaço de tempo relativamente pequeno em que permaneciam internados.

Compreende-se porque êsses homens chegavam às capitais em tal estado de miserabilidade orgânica; enquanto podiam resistir ao trabalho da seringa, aí permaneciam, tratando-se empìricamente, resultando dessa circunstância tornar-se crônica a doença. Eis por que a assistência aos seringueiros precisa, quando organi-

zada, ser feita junto a seus núcleos de trabalho, evitando-se, assim, três graves inconvenientes:

1.°) que a doença, pela demora em ser tratada, se torne crônica;

2.°) que se interrompa a produção de borracha por muito tempo, pela demora que o tratamento exigiria fora do seringal; e

3.°) que, afastado do seringal, não se venha a perder o imigrante, fàcilmente absorvível pelos centros urbanos (138).

Aos retornados sãos, isto é, àqueles que abandonam o Vale tão sòmente porque o custo de vida nos seringais não lhes permite continuar a extrair borracha, o Govêrno não autorizava o fornecimento de passagens de regresso às suas terras. Aconteceu, entretanto, que êsses elementos não se conformaram com essa situação, pois se julgavam com direito à passagem de volta, alegando que o Govêrno, quando os recrutara para a Batalha da Borracha, lhes prometera transporte para o Nordeste, depois de dois anos de permanência na Amazônia.

Daí o justo descontentamento então existente no meio dêsses ex-seringueiros que, concentrando-se nas referidas capitais amazônicas, criaram para as administrações locais problemas sérios, às vêzes explorada a situação pela imprensa, que nem sempre estava bem informada.

Muitos dêsses retornados, descoroçoados de obter passagens de regresso ao Nordeste, resolviam, passando as maiores privações, empreender, a pé, a imensa caminhada de Belém até o Ceará, aonde, após meses de viagem, chegavam em tal estado de prostração física, que precisavam ser imediatamente hospitlizados. Da capital amazonense para Belém não puderam realizar essa notável façanha, não porque a distância os amedrontasse, mas sim porque a labirinto hidrográfico do Vale os fizera prisioneiros das águas.

O reajustamento daqueles que deixaram os seringais, em virtude de ser exorbitante o preço das mercadorias, foi tentado pelo ex-Departamento Nacional de Imigração, porém sem bons resultados. Em regra o emigrante que seguiu rumo à Amazônia, para extrair borracha, trabalhava no Nordeste na agricultura ou pecuária, pouco desenvolvidas na Planície. Eram cam-

---

(138) A III Conferência Nacional da Borracha, realizada em setembro de 1949, recomendou "que seja proporcionada assistência social e sanitária como previdência precípua à valorização do produto da goma elástica, para melhorar sua caacidade de trabalho".

poneses na sua grande maioria. Não tinham profissão qualificada. De forma que seu aproveitamento, fora da agricultura e de outros serviços braçais, foi difícil, considerando-se a porcentagem elevada de analfabetos que havia entre êles. Percebendo o operário braçal salário insuficiente para atender às suas necessidades domésticas, a situação do ex-seringueiro sem profissão qualificada, nos centros urbanos, do ponto de vista econômico permanecia igual à que tinha no seringal. Daí concluir-se: é fácil, na Amazônia, reajustar o pequeno número de ex-seringueiros que sejam operários qualificados, porém, em virtude da crise e depreciação da moeda, é difícil fazer o mesmo com os operários não qualificados.

Talvez que, com a criação de um "Cadastro Nacional de Mão-de-Obra", se possam solucionar essas dificuldades observadas na Amazônia, quiçá em todos os Estados do Brasil (139).

E' preciso considerar, também, que "uma grande massa de desocupados, de vadios, de desajustados não o são porque não encontram trabalho no ambiente onde vivem, mas porque as suas condições psicológicas de inadaptados, ainda mais do que a inaptidão técnica, os torna incapazes para a concorrência no novo meio", consoante advertência do eminente Dr. Castro Barreto, em sua obra já citada.

Além de não ter sido fácil reajustar no próprio Vale os ex-seringueiros que se desiludiram dos seringais, há ainda a considerar o fato de a maioria dêles não pretender outra cousa senão o regresso ao Nordeste. Muitos dêsses pobres homens, a que, o A. ofereceu emprêgo em Manaus, recusaram a oferta sob a alegação de que abominavam o Vale: além de suas esperanças — alegaram — a Amazônia lhes havia levado aquilo que constituia o único motivo de su vida: a família.

Demétrio Feitosa, por exemplo, embarcou do Ceará para a Amazônia com mulher e quatro filhos menores — Raimundo, Ma-

---

(139) O artigo 97 do Decreto-lei n. 7.967, de 18 de setembro de 1945, já estabelecia: "O Conselho de Imigração e Colonização procederá dentro do prazo de 90 dias, ao Cadastro de mão-de-obra que deva ser suprida mediante a introdução de imigrantes e apresentará à aprovação do Presidente da República o plano e o orçamento dos serviços de seleção e fomento da imigração". Apesar de decorrido não os 90 dias do prazo, mas sim dez anos, tal Cadastro não foi organizado, não podendo, assim, ser convenientemente atendido o mercado de mão-de-obra nacional.

nuel, Antônio e José. Chegou a Manaus em 1943. Por amor das criancinhas é que resolvera enfrentar o inferno dos seringais e arrostar os perigos sem conta da selva rebelde. Era por causa daqueles pequenos sêres — que comandam a vida dos pais — que aquêle sertanejo, rude mas destemido, abandonara a terra crestada do Nordeste em busca da fortuna escondida na imensidão da maior floresta tropical do mundo.

Chegou a Manaus e embarcou no dia 6 de outubro de 1943 para o seringal São Jorge. Mas já ia com o coração sangrando: Antônio e José haviam falecido na hospedaria "Getúlio Vargas", em 1943. Em 1945, Manuel e Raimundo morreram no rio Purus, e outro filho — José —, que nascera no seringal, também veio a falecer em 1945. Enterrou-os, uns debaixo das seringueiras, outros à beira do barranco do Rio-Mar. E, com êles, enterrou, também, todos os seus sonhos. Submetido, em Manaus, a exame médico, verificou-se que Demétrio estava atacado de polineurose e, por essa razão, foi recambiado para o Nordeste.

Citemos mais um exemplo dêsse — e poderíamos registrar aqui dezenas, constantes de nosso arquivo, se o espaço comportasse —, outra história triste, mais um drama dos muitos que viveram e estão vivendo ainda a desprotegida gente do Nordeste, ludibriada na sua boa fé e lançada impiedosamente em regiões palúdicas e inóspitas, sem qualquer assistência.

Trata-se de José Porfírio, pernambucano, natural de Corrente, casado, com cinco filhos. Foi alistado em Palmeira dos Índios, no Estado de Alagoas. Sua família era constituída de seis elementos: mulher e cinco filhos — Cícero, Maria, José, Elmiro e Odílio.

Elmiro e Odílio faleceram na hospedaria "Tapanã", no mês de fevereiro de 1945; Otília, espôsa do seringueiro, faleceu no seringal no dia 18 de março do mesmo ano; e Maria José, no dia 8 de abril. Restando sòmente três pessoas das sete de que se compunha a família, José Porfírio não se deixou abater: continuou a lutar. Trabalhou um ano na borracha, ao fim do qual apurou um saldo de Cr$ 6,30 (seis cruzeiros e trinta centavos). Foi para outro seringal — "Maravilha" — onde trabalhou quatro meses, conseguindo melhor saldo: Cr$ 100,70 (cem cruzeiros e setenta centavos).

Desanimado e sem esperança de conseguir vencer na Amazônia, apesar de trabalhar exaustivamente, regressou a Manaus ainda com o coração amargurado pela perda de seus entes queridos (140).

Quando tentamos reter no Vale êsse infeliz homem, prometendo encaminhá-lo à ex-Colônia Agrícola Nacional do Amazonas, onde talvez pudesse organizar vida nova, respondeu-nos êle: "O Senhor permaneceria num lugar onde os patrões o que querem é explorar a gente, e onde visse morrer, por falta de assistência, em tão pouco tempo, quatro pessoas de sua família?"

3. O RECÂMBIO DE RETORNADOS

Abandonando os seringais por falta de assistência médica a premidos pela crise econômica, agravada pela ganância da maior parte dos seringalistas, que vendem mercadorias aos seringueiros por preços exorbitantes, os imigrantes nordestinos afluem às cidades e capitais do Vale em busca de meios para regressar à terra natal. Na hinterlândia, entregaram-se aos mais penosos trabalhos para conseguir a importância necessária à aquisição da passagem que lhes possibilitasse a vinda até as capitais do Amazonas e Pará, e, nesses centros, os retirantes novamente se submetem a qualquer serviço para ganharem o dinheiro de que necessitam. Trabalham, em regra, como operários braçais, percebendo diária insignificante de dez a doze cruzeiros, quantia essa que não atende às suas necessidades, por mais privações que passem. Submetem-se a habitar, com a mulher e filhos, o quarto de uma sórdida barraca coberta de palha, paredes de barro e chão de terra batida, geralmente situada em lugares afastados do centro, quase sempre em zonas malarígenas. A mulher passa a engomar, lavar e coser para fora. Enquanto a doença não os aflige, vão enganando a fome, economizando mensalmente Cr$ 40,00 a Cr$ 50,00. Entretanto, o que geralmente acontece é cair doente um dos membros da família, quando não ocorre todos

---

(140) Famílias inteiras de "soldados da borracha", compostas de 6, 7, 8 membros, têm falecido nos seringais em curto espaço de tempo, segundo informações fidedignas. Apesar dos ingentes esforços do A. no sentido de identificar algumas delas, por intermédio dos seringalistas, seus patrões, não foi possível conseguir-lhes os nomes. Tais óbitos não são levados ao conhecimento das autoridades policiais, pois aos eringalitas não interessa tornar públicas as péssimas condições sanitárias de seus latifúndios.

êles, ao mesmo tempo, serem vitimados pelo impaludismo. E, então, a pouco e pouco as economia para a viagem vão desaparecendo na voragem da farmácia. Aquilo que conseguiram economizar com tanto sacrifício é consumido em poucas semanas. A miséria negra entre pela porta do infeliz tugúrio e seus desgraçados moradores não estranham essa tétrica visita, porque, desde que foram para a seringa, outra cousa não fêz a miséria senão rondar-lhes a choupana.

Faltos de recursos, vivendo da caridade dos vizinhos igualmente pobres, recorrem aos hospitais, que, em regra, não possuem leitos suficientes para acolher o elevado número de ex-seringuiros nessas condições. Se estão em Manaus ou Belém, são encaminhados para as hospedarias do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, único órgão federal que presta assistência aos emigrantes encaminhados para a Amazônia ou aos que de lá retornam.

Recolhidos às enfermarias, são submetidos a tratamento médico é, de acôrdo com o diagnóstico, se forem julgados inaptos para o serviço da borracha, o I. N. I. C. os recambia (141), isto é, os retorna para o local de origem do recrutamento. Se são julgados aptos, retiram-se novamente para a choça imunda e reiniciam as atividades pouco remuneradoras de sua profissão, com o objetivo, sempre o mesmo, de economizarem o suficiente para a aquisição da passagem. Dentro em pouco tempo, a doença está de volta. São novamente recolhidos à enfermaria, e assim sucessivamente até que sejam julgados inaptos para a seringa. Momento feliz para êsses pobres diabos aquêle em que o médico atesta sua inaptidão para o trabalho por estarem ou atacados de tuberculose, ou malária crônica, ou debilidade mental, ou polinevrite beribérica. Só a miséria orgânica declarada é capaz de arrancá-los da Amazônia. E' triste, tristíssimo, ver êsses párias — faces macilentas, cadavéricos —, regressarem da enfermaria empunhando, alegres e sorridentes, o fatal atestado médico que os condena como inúteis. Na sua eterna angústia, sentem que êsse momento para êles representa a conquista da liberdade. Por isso, vitoriosos, exclamam uns para os outros "Olhe, compa-

---

(141) Recâmbio — Ato de devolver ao lugar de origem os trabalhadores lá recrutados que fracassaram nos trabalhos da seringa. O recâmbio dêsses elementos era feito por intermédio do Departamento Nacional de Imigração, e, atualmente, pelo I.N.I.C.

nheiro, o doutor julgou-me incapaz. Também já posso regressar!" (142).

Para que se tenha uma idéia da ânsia de libertação que domina o espírito dêsses párias, considere-se o seguinte fato ocorrido no Hospital Pensador, anexo à hospedaria "Eduardo Ribeiro", em Manaus. Um ex-seringueiro, cuja doença não era de molde a garantir-lhe o recâmbio oficial para o Nordeste, foi encaminhado ao referido nosocômio para o devido tratamento. O médico, à vista do extremo depauperamento físico do doente, mandou-o a exame de laboratório para apurar o estado de seus pulmões. O laboratorista — Francisco César Leal — verificou, na lâmina examinada, a inexistência de germes álcool-ácido-resistentes (tuberculose), razão por que não foi concedido ao doente autorização para seu recâmbio. Dias depois, porém, o mesmo indivíduo voltou ao hospital e declarou que estava sentindo muitas dores no peito, acompanhadas de tosse renitente. Novamente submetido a exame, foi constatada em seu escarro a presença de bacilos de Koch. Intrigado com o ocorrido, o laboratorista, depois de cuidadoso interrogatório, veio a saber que um tuberculoso julgado inapto para o serviço, que por essa razão iria regressar para Fortaleza, cedera ao referido ex-seringueiro um pouco de seu escarro. Antes de entrar no laboratório, pusera na bôca o conteúdo de um pequeno vidro, onde guardara o escarro tomado de empréstimo, o qual fôra justamente o que serviria de material para a pesquisa.

Êsse doloroso fato bem demonstra o grau de atraso em que vivem milhares de brasileiros, desconhecedores dos mais rudimentares princípios de higiene sanitária.

* * *

Em 1945, passaram por Belém, retornados para o Nordeste, 2.160 ex-seringueiros, que foram recambiados por se acharem doentes, desajustados econômicamente, ou por terem sido vítimas de outras causas, conforme discriminação abaixo:

Malária	804
Anemia palúdica	138
Polinevrite	63
Viuvez	50

---

(142) Em 1946, quando êste livro foi escrito, o recâmbio de nordestinos sãos era feito, porém em mínima escala.

Debilidade mental	28
Sífilis e males venérios	28
Tuberculose	26
Reumatismo	21
Doenças do aparelho visual	19
Hérnia	16
Epilépsia	16
Úlceras	13
Acidentes (143)	12
Insuficiência física	10
Desajustados	712
Outros motivos	203
Soma	2.160

Verifica-se, do quadro acima, que as doenças figuram em primeiro lugar com 57,64%; as causas econômicas, oriundas do alto custo de vida nos seringais, provocado pelo elevado preço das marcadorias, vêm em segundo lugar com 32,95%; e as causas oriundas de vários outros motivos, em terceiro, com 9,41% (144).

Dentre as doenças, a malária é a que maior tributo cobra às populações dos seringais, pois 79,62% dos retornados estavam atacados de impaludismo ou suas complicações.

Em 1945, foram feitos 834 exames de sangue em nordestinos que passaram pela hospedaria de Manaus, com os seguintes resultados:

PESQUISA DE HEMATOZOÁRIO DE LAVERAN

Positivo para Plasmódium falciparum	183
Positivo ara Plasmódium vivax	199
Positivo para Plasmódium malariae	1
Positivo para Plasmódium falciparum e vivax	9
Soma	392
Negativos	442
Soma total	834

(143) Grande é o número de seringueiros que são recambiados para o Nordeset em virtude de terem sofrido acidentes com armadilhas para caça. Em Guajará-Mirim — informa RAIMU!DO MORAIS — há elevado número de indivíduos aleijados em conseqüência dessas armadilhas colocadas na mata.

(144) Note-se: todos êsses ex-seringueiros, recambiados por terem sido julgados incapazes para o serviço da borracha, quando foram recrutados no Nordeste se submeteram a rigoroso exame de sanidade física, com o fim de serem selecionados os melhores elementos. Depois, retornaram como trapos humanos.

No mesmo período, foram feitas 299 pesquisas de ovos de helmintos, sendo 261 positivos para diversos helmintos e cistos de protozoários, conforme discriminação abaixo:

Positivo para ancilóstomo (145)	57 %
Positivo para áscaris	24 %
Positivo para trichiuris trichura	5 %
Positivo para cistos de entamoeba histolítica	6 %
Positivo para schystosoma mansoni (146)	3 %
Positivo para balantidium coli e trichomonas ..	5 %
	100 %

No primeiro semestre de 1946, foram julgados incapazes para o serviço da borracha 248 migrantes, figurando a malária e a avitaminose como as causas principais dessa inaptidão, conforme abaixo se verifica:

Doenças	*Tbs*	*Dps*	*Total* (147)
Malária crônica e anemia	111	65	176
Avitaminose	9	4	13
Anemia	7	2	9
Polinevrite	9	—	9
Tuberculose pulmonar	7	—	7
Ergastenia	3	1	4
Úlceras	2	1	3
Bronquite	2	1	3
Outras doenças	17	7	25
Somas	167	81	248

O recâmbio dêsses infelizes trabalhadores efetuava-se nas mesmas condições em que embarcaram para a Amazônia: de Manaus para Belém, amontoados na imunda terceira classe de um gaiola (148), em promiscuidade com o gado de corte para a viagem, o qual, de quando em quando, se amotinava, espadanando excremento por cima das rêdes e das pessoas. As caldeiras,

---

(145) Convém lembrar que o ancilóstomo é o responsável pelo amarelão, anemia dos mineiros, anemia dos túneis, clorose do Egito, hipoemia tropical, caquexia africana, etc. É uma doença grave, pois causa a queda das hemácias, que chegam a descer a três milhões, e às vêzes a menos, podendo atingir, nos casos graves, a um milhão.

(146) O "schystosoma mansoni" é o causador da esquistossomose intestinal, moléstia bastante grave, que provoca, entre outras, alterações no intestino grosso.

(147) Tbs — trabalhadores; Dps — dependentes.

(148) Gaiola — Embarcação própria à navegação do rio Amazonas e seus tributários.

mais próximas da terceira classe, sufocavam o ambiente já de si insuportável, devido ao calor escaldante que castigava homens, mulheres e crianças abrigados sob toldos insuficientes. Quando tempestades sacodiam as águas do Rio-Mar, lufadas atravessavam de lado a lado o tombadilho, ensopando os desprotegidos viajantes, muitos arriados no fundo das rêdes, delirando no afogueamento das febres palúdicas.

Às vêzes, as levas não chegavam intactas: ficavam alguns pelo caminho. Os "Diários de Navegação", dos gaiolas que conduziam êsses trapos humanos, registram centenas de óbitos de nordestinos que ficaram enterrados, para sempre, nas barrancas do Vale da Promissão.

Chegados a Belém, eram recolhidos à Hospedaria de Migrantes "Tapanã", onde aguardavam embarque para o Nordeste. Os seringais tinham ficado longe. Os xerimbabos, as plantações do roçado, a barraca pobre, plantada no seio da floresta, as águas cantantes do igarapé junto à cozinha, enfim, o ambiente solitário do seringal vem ao pensamento do seringueiro como lembranças longínquas de um sonho que passou. Caminha em direção à terra natal e sua ojeriza pelo Vale vai diminuindo de intensidade. A alegria, que começa a invadir-lhe o coração simples, vai quebrando a mágoa que sentia, vendo-se espoliado nos seus mais lídimos direitos: a família abandonada, sem assistência; os filhos crescendo na ignorância; a mulher com seus últimos encantos fanados nos penosos trabalhos da lavoura. Aquêle ódio que votava à terra que o seduzira vai-se extinguindo à proporção que deixa para trás seus sofrimentos e suas amarguras. Lembra-se enternecido dos dias monótonos, cheios de soledade, que viveu em plena floresta. Cerra os olhos e vê deslisarem pela mente os aspectos deslumbrantes da selva maravilhosa: o coaxar plangente das pererecas; o rio, cheio de nostalgia, pontilhado de periantãs deslisando de bubuia; as palmeiras majestosas balouçando os rendilhados leques a mais de 20 metros do solo; a orquestra bárbara dos guaribas, quando as asas da noite vão envolvendo tôdas as cousas; o canto característico da maria-já-é-dia, mal o sol faz sua aparição no horizonte; os japins arremedando o canto dos pássaros; o grito misterioso do ratocoró; as borboletas, as aves canoras, os papagaios, as araras, os vagalumes, enfim, a vida multifária da magnífica floresta amazônica em perpétuo dinamismo — fauna e flora irmanadas na mais perfeita simbiose.

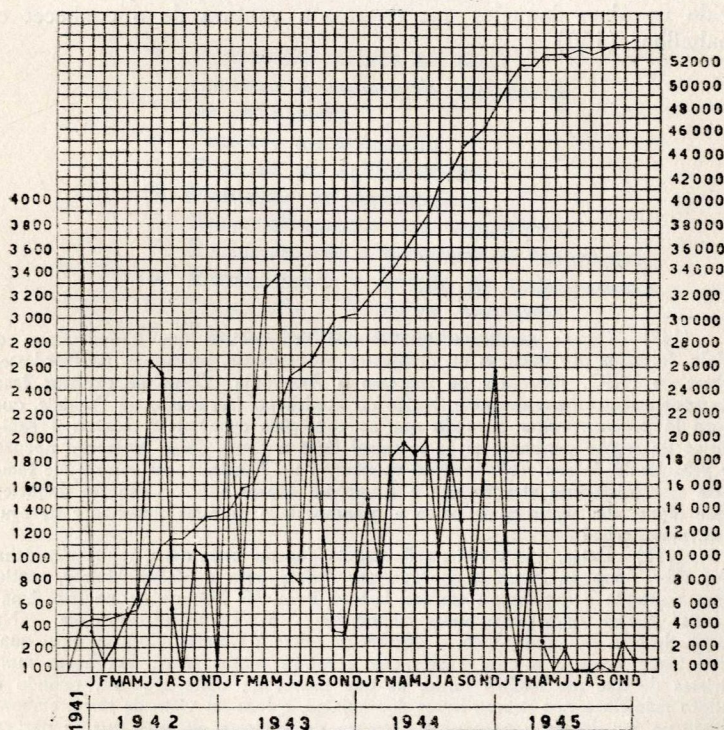
NÚMERO DE TRABALHADORES E RESPECTIVOS DEPENDENTES EMIGRADOS PARA AMAZÔNIA NO QUINQUÊNIO

1941 - 1945

4000
3800
3600
3400
3200
3000
2800
2600
2400
2200
2000
1800
1600
1400
1200
1000
800
600
400
200
100

52000
50000
48000
46000
44000
42000
40000
38000
36000
34000
32000
30000
28000
26000
24000
22000
20000
18000
16000
14000
12000
10000
8000
6000
4000
2000
1000

J F M A M J J A S O N D J F M A M J J A S O N D J F M A M J J A S O N D J F M A M J J A S O N D

1941 | 1942 | 1943 | 1944 | 1945

Compreende que aos homens, e não à terra, cabe a responsabilidade de seu fracasso, de sua derrota. Sente que as águas, a floresta, o clima, todos podiam ser seus aliados na luta pela vida se a cupidez, o impatriotismo e o indiferentismo daqueles que podiam estabelecer essa aliança não concorressem para torná-la difícil, hostil à dominação do colonizador, equipado apenas com sua hérculea vontade de luta e de vitória (149).

Ao aportar às plagas do Nordeste, fim de sua "longa viagem de volta", já sente saudades da terra que lhe consumira tôdas as esperanças. Cousa estranha: sentir saudades dos tempos infelizes! Sim, porque quem viveu na Amazônia jamais poderá esquecer o fascínio da brenha majestosa, coberta da mais luxuriante vegetação tropical. A visão imponente do admirável Vale, cheio de contradições e paradoxos, fica estampada para tôda a vida na alma daqueles que tiveram a ventura de o conhecer e palmilhar (150).

---

(149) Tem-se verificado que muitos seringueiros que abandonaram o Vale, forçados por doenças ou desajustes profissionais, procuram, no Nordeste, obter do INIC. passagem de regresso à Amazônia. Como se explicar êsse comportamento aparentemente ilógico do nordestino fracassado na Planície, que para lá procura voltar sabendo que as condições econômicas, sociais e sanitárias da região permanecem as mesmas? Será a causa dêsse fenômeno apenas a dificuldade de seu reajustamento econômico no Nordeste, ou sofrerá êle também essa misteriosa atração que a Amazônia exerce sôbre o espírito daqueles que algum dia sentiram de perto a grandiosidade de suas florestas e de seus rios majestosos?

(150) Bates, que viveu na Amazônia durante onze anos, realizando estudos sôbre História Natural, ao regressar doente para o Velho Mundo, sentiu essa nostalgia e registrou-a em seu famoso livro "O Naturalista no Rio Amazonas", tantas vêzes citado nesta monografia. A respeito, escreveu êle: «Na tarde de três de julho, lancei o derradeiro olhar à floresta gloriosa, pela qual tive tanto amor e a cuja exploração devotara tantos anos. As horas mais tristes de que me lembro foram as que passei na noite seguinte, quando o piloto mameluco nos deixou livres dos baixios, e fora da vista de terra, embora ainda na foz do rio e ancorados à espera do vento, e eu senti que se partira o último elo que me prendia à terra de tantas recordações agradáveis".

CONCLUSÕES

1. Assistência médico-sanitária
2. Combate à exploração econômica do seringueiro
3. Fomento agropecuário
4. Combate ao analfabetismo
5. Plantação de seringueiras
6. Reaparelhamento das hospedarias
7. Reajustamento e recâmbio de imigrantes
8. Recrutamento e seleção de trabalhadores
9. Transporte e fretes na Amazônia
10. Leis protetoras dos seringueiros

Conclusões

1. ASSISTÊNCIA MÉDICO-SANITÁRIA

Pode-se afirmar que os seringueiros do Vale Amazônico não se beneficiam com assistência de qualquer espécie, sendo que, no tocante a tratamento médico-hospitalar, essa falta se faz sentir como uma necessidade premente, pois são precaríssimas as condições de existência dêsses trabalhadores, ilhados como se acham em regiões inóspitas, palúdicas e de difícil acesso. Não há dúvida de que essa assistência em tôda sua plenitude não é fácil de ser, desde logo, proporcionada a todos os extratores de goma elástica, porém muito se pode fazer, desde já, nesse terreno, bastando para isso que haja uma parcela de boa vontade e patriotismo da parte daqueles a quem compete zelar pela saúde do povo.

O Banco de Crédito da Borracha, por exemplo, que, durante algum tempo, subvencionou o hospital de Pôrto Velho, Território de Guaporé, com Cr$ 30.000,00 mensais (151), destinados ao tratamento de seringueiros doentes, deveria ter estendido tal subvenção a vários outros hospitais da Amazônia, se não a todos, regulando êsse auxílio de acôrdo com as regiões de maior ou menor incidência de doenças. Todos os seringalistas, por sua vez, poderiam manter médicos itinerantes ou, na pior das hipóteses, enfermeiros (152) capazes de atender a êsses trabalhadores, o que, de certa forma viria concorrer para diminuir o elevado índice de letalidade que se observa nos seringais, o qual não

---

(151) A subvenção a que se alude foi obtida por intermédio do ex-Governador do Território do Guaporé, Cel. Aluízio Ferreira.

(152) Alguns seringalistas mantêm, em seus seringais, um enfermeiro para êsse fim. O que se observa, entretanto, é que, devido a ser elevado o número de doentes, não pode um só enfermeiro atendê-los a todos, principalmente quando é necessária a aplicação de injeções, que exige, durante certo tempo, sua permanência na colocação.

pode ser apurado devidamente em dados estatísticos em virtude de a grande parte dos mortos ser inumada sem o próprio conhecimento das autoridades policiais, localizadas estas, como em regra se acham, em pontos muito distantes dos locais de trabalho do seringueiro.

Conforme se sabe, uma das principais causas da emigração reflexa observada no Vale reside no fato de ser pràticamente nula a assistência médico-sanitária proporcionada aos seringueiros. Habitando zonas malarígenas, hiponutridos, atacados de helmintíase, de anemia, de depauperamento físico, vítimas de úlceras e de outras moléstias próprias às zonas tropicais, os seringueiros, quando não mais podem resistir à doença, depois de tentarem a gama inteira das mezinhas que a situação impõe, se conseguem retirar-se para as cidades, o que é sempre difícil, não encontram nesses locais meios para seu tratamento, resultando quase sempre estenderem a mão à caridade pública. O número de leitos das enfermarias mantidas pelo antigo Departamento Nacional de Imigração em Fortaleza, Belém e Manaus, era deficiente para atender aos que retornavam (153). Além disso, essa assistência não correspondia nem corresponde ao fim que se deve ter em vista, qual seja o de amparar o doente na região de seu trabalho. As enfermarias citadas têm por principal escopo atender aos emigrantes recolhidos à hospedaria. Quando um seringueiro, doente, viaja até o ponto onde elas estão situadas é porque não mais pretende regressar aos seringais. Se, na pior das hipóteses, o trabalhador fôsse tratado na cidade mais próxima ao seu seringal, seria mais provável retornasse êle à extração da borracha, logo que recuperasse a saúde.

E' espantoso afirmar que, nos seringais, grande é o número de vítimas fatais de picadas de cobra, o animal mais perigoso da Planície. Os barracões em regra não possuem soros anti-ofídicos e, quando o possuem, o seringueiro não os adquire, ou por ignorância, ou por geralmente não saberem aplicar injeções. De forma que, vítima de picadas de serpentes — felizmente, só é venenosa a vigésima parte dos ofídios do Brasil —, o seringueiro ou se transporta ao barracão, para medicar-se — hipótese pouco viável —, ou manda buscar o sôro, ficando na dependência de uma terceira pessoa para ministrá-lo.

---

(153) A enfermaria do Serviço Especial da Saúde Pública, que funcionava anexa à Hosedaria de Migrantes "Eduardo Ribeiro", em Manáus, possuia apenas 54 leitos para adultos, e 6 berços para crianças.

Por falta de assistência e, também, em virtude das miseráveis condições de vida que levam as famílias de seringueiros, sem noção exata de higiene sanitária, elevado é, entre êles, o índice de mortalidade infantil. Quando ocorre adoecer qualquer criança, o tratamento é feito por diagnóstico à distância, receitado o medicamento pelo seringalista. Pelos informes que oralmente lhe são prestados, imagina êle qual seja a doença, receitando comumente purgantes, que muitas vêzes só servem para abreviar a existência do pequeno paciente. A maior parte dos milhares de catacumbas, que se vêem espalhadas pelos seringais, estão encimadas por pequenas cruzes, os braços de madeira amarrados com cipó. São de criancinhas brasileiras que morreram à míngua de assistência e que constituem elevada percentagem dos 300.000 brasileiros que sucumbem anualmente no país, nos primeiros anos de vida, por falta de assistência médica e educação alimentar.

Para enfrentar tal situação, o Govêrno poderia compelir todo seringalista financiado pelo Banco de Crédito da Borracha a manter um médico e um enfermeiro em cada seringal composto de certo número de trabalhadores. Tal providência é uma necessidade que se impõe, dada a gravidade do problema. "O homem perdido na Amazônia é engolido irremediàvelmente pela floresta" — escreve Josué de Castro. "No entanto, para que se proceda à implantação de densas massas humanas nesta região, fazem-se necessárias várias medidas preliminares. Que se disponha de reservas alimentares para sua subsistência e de recursos higiênicos para defendê-las das endemias locais, principalmente do impaludismo e da verminose" (*Ob. cit.*).

Em 2 de janeiro de 1946, quando ainda a tragédia da "Batalha da Borracha" não havia apaixonado a opinião pública, nem era assunto que ocupasse as atenções da Assembléia Constituinte, tivemos oportunidade de escrever: "O Govêrno tem à sua frente um grave problema a solucionar. Não poderá permitir que êsses miseráveis continuem a ser recrutados sem garantir-lhes a assistência médico-hospitalar necessária ao desempenho de seu trabalho no desbravamento do grande Vale. Já não digo que adote imediatamente certas medidas tendentes a facilitar aos trabalhadores a aquisição de gêneros alimentícios junto aos seringais, onde acontece serem, às vêzes, vilmente saqueados pelos barracões de certos seringalistas desalmados; já não digo que se organizem imediatamente, junto aos órgãos competentes, fazendas agrícolas em regiões próximas aos seringais, desenvolvendo a policultura e proporcionando aos trabalhadores alimentação

racional, ao invés de permitir que êles continuem a se alimentar de carne de macaco e farinha d'água. Quero referir-me tão sòmente à assistência médico-sanitária, porque os trabalhadores do interior da Amazônia são resistentes, fortes, como já o dissera Euclides da Cunha, e conseguem êsse 'extraordinário milagre de esquecer o vício imperdoável de ter fome, como amarguradamente frisava, há tempos, um articulista da Capital Federal, e já o dissera antes, por outras palavras, vários estudiosos da vida do caboclo, como Araújo Lima, Raimundo Morais e outros. Se o Govêrno proporcionar ao nordestino recrutado para a Amazônia assistência médica adequada — já que, no momento, é pràticamente impossível ser saneado o Vale para o efeito da recuperação de terras e regiões insalubres —, terá dado um grande passo no sentido de proteger milhares de seringueiros e evitar o seu retôrno, prejudicial aos cofres públicos, sabido que os trabalhadores da seringa, em uma média de 80%, regressam ao Nordeste devido tão sòmente às moléstias tropicais que assolam a Planície, dentre as quais sobressai o impaludismo, que vitima a sua quase totalidade".

2. COMBATE À EXPLORAÇÃO ECONÔMICA DO SERINGUEIRO

E' sabido que a cupidez de certos seringalistas, ávidos de ganhos fáceis — infelizmente é a maioria —, oprime de tal modo a economia do seringueiro, que êste, dentro de pouco tempo, se torna seu escravo, peado por uma dívida que jamais tem fim. Tal dívida, proveniente de fornecimentos de mercadorias por preços exorbitantes, com lucros às vêzes acima de 100%, é um descoroçoamento para o trabalhador e força-o quase sempre a desertar, fugir, levando consigo, imerecidamente, o labéu de ladrão. As contas-correntes acusando saldos devedores são uma irrisão, uma ironia que o seringalista exibe ao Banco de Crédito da Borracha, quando são por êste órgão financiados, a fim de justificar suas arbitrariedades, e, às vêzes, suas desonestidades. Em meados de 1945, o Departamento Nacional de Imigração teve oportunidade de desmascarar um dêsses tartufos, que ofereceu ao Banco de Crédito da Borracha longa relação de nomes de seringueiros que teriam deixado de pagar-lhe dívidas hipotéticas no valor total de Cr$ 400.000,00. Não foi difícil provar o embuste, que tinha por objetivo obter mais crédito do citado estabelecimento.

Cumpre, pois, coibir tais irregularidades, adotando-se fiscalização eficiente junto aos seringais, por intermédio de agentes do referido Banco.

* * *

Depois da falta de assistência médico-hospitalar, o elevado custo de vida nos seringais figura como fator de maior responsabilidade pelo êxodo de seringueiros. Se nas próprias cidades amazônicas o custo de vida é elevadíssimo, em virtude da crise geral, agravada pelo câmbio negro, dificuldades de transporte e fretes elevados, fácil é concluir-se quão miserável é a existência do seringueiro, que é obrigado a adquirir tais mercadorias por um preço majorado de 50 a 100% sôbre os vigorantes nas cidades. Todos os seringueiros são acordes em afirmar que o preço das mercadorias vendidas pelos barracões é a causa primordial do pauperismo que se observa nos seringais.

Elevemos, pois, o padrão de vida do seringueiro. Um aparêlho compressor dêsses abusos deve ser montado. Não será fácil pô-lo em execução, porque os seringalistas constituem uma classe unida e prestigiosa nos meios políticos e administrativos do país, que conta com o apoio de homens públicos influentes, alguns com interêsses ligados à indústria da borracha. Entretanto, só o barateamento do custo de vida nos seringais e a plantação racional de seringueiras selecionadas, de grande rendimento lactífero, poderão proporcionar a possibilidade de uma produção de borracha a baixo preço, único meio que permitirá ao Brasil enfrentar, dentro de alguns anos, a cada vez mais alarmante concorrência da borracha oriental. E a conquista dêsse mercado perdido resultará, sem dúvida, no almejado progresso do Vale Amazônico, que terá, então, possibilidade de voltar a gozar os deslumbrantes dias de fastígio que tanta projeção deram à Amazônia no princípio dêste século.

3. FOMENTO AGROPECUÁRIO

A agricultura e a pecuária que, na Amazônia, não têm merecido amparo sério por parte dos Governos regionais e central, resultando daí tornar-se difícil a vida dos trabalhadores amazônicos, cada vez mais agravada pela crise e a ambição desmedida de certos comerciantes inescrupulosos, terão forçosamente que ser fomentadas a fim de que, pelo menos, se obtenha auto suficiência

na produção de gêneros de primeira necessidade, já que seria utopia pensar-se, para já, em exportação de cereais.

Se o grande Vale, na opinião do sábio ALEXANDRE VON HUMBOLDT, é a ubérrima região para onde a humanidade algum dia acorrerá, em último recurso, para sobreviver a aniquilamento certo (154), o observar-se, no momento, o marasmo que vai pela Planície, no que diz respeito ao desenvolvimento da cultura daqueles produtos indispensáveis à sobrevivência da escassa população que a habita constitui espetáculo desolador, negação daquela profecia. Evidentemente, não é justo que, devido à ignorância, à falta de educação alimentar do povo e à inexistência de plantações suficientes nas férteis terras da Planície, continuem milhares de brasileiros a viver, ali, subnutridos e em estado permanente de fome. "Surgirá então — escreve Raimundo Morais a respeito do futuro do Vale Amazônico — dilatado e completo, por mando dos Fados, o florido Paraíso Verde, alcatifado, arroteado, povoado, capaz de abastecer o orbe de frutas, de legumes, de cereais e de carnes. Basta para isso que a indústria extrativa seja substituída pela indústria agrícola tornando o seringueiro lavrador, o caucheiro pastor. Em vez da borracha o arroz, em lugar de balata o gado". ("Na Planície Amazônica").

Torna-se mister, pois, para debelar a crise geral que perturba a vida econômica do país, que se organize um amplo programa visando a decuplicar a produção em todo o território nacional e, particularmente, no da Amazônia, onde os efeitos da calamidade mais se fazem sentir. Só assim poderá o Vale, de fato, vir a ser um dia o "celeiro do mundo". Torna-se necessário, conforme preconiza o agrônomo Felisberto C. Camargo, Diretor do Instituto Agronômco do Norte (Plantação de Seringueiras), que se organizem e se financiem na Amazônia "núcleos coloniais com dois hectares cada um, sendo um para a cultura da seringueira, e o outro destinado às culturas e criações de subsistência".

Desempenharão papel importante nessa batalha da produção os órgãos técnicos do Ministério da Agricultura, o I.N.I.C., os Departamentos de Produção e a iniciativa particular, que precisa ser estimulada com o amparo governamental. No caso particular da Amazônia, êsse amparo poderá vir do Banco de Crédito

---

(154) Empolgado com a exuberância das terras da Planície Amazônica, o sábio Alexandre Humboldt exclamou certa vez: "O Vale Amazônico será o derradeiro refúgio do homem".

da Borracha, com financiamento de instalações de fazendas agrícolas e estâncias para criação de gado.

Para essa luta de vida ou morte, que deverá ser travada neste após-guerra, mais uma vez o Brasil recorrerá aos humildes trabalhadores do campo, heróis anônimos nas batalhas da guerra como nas batalhas da paz. Para aumentar a produção da borracha — matéria prima de inestimável importância — a gente do Nordeste, patriótica e audaciosamente, embrenhou-se pela jungla da vasta planície e escreveu, com sacrifícios inauditos, uma das mais belas páginas sôbre o mais memorável esfôrço de guerra de todos os tempos, em defesa das liberdades que estavam ameaçadas por fôrças destruidoras da civilização.

Se, para o combate à crise, fôr necessário que, ao lado do trabalhador nacional, venha alinhar-se o trabalhador estrangeiro (155), sejam êles excedentes populacionais de países superpovoados ou desajustados das zonas conflagradas, aceitemo-los no Vale, proporcionando, tanto ao elemento indígena como ao ádvena, as mesmas obrigações, os mesmos direitos e as mesmas garantias, criando-lhes, para um trabalho pacífico e construtivo, ambiente propício à sua fixação definitiva nas novas plagas, com assistência sanitária, educacional, financeira e técnica, sem o que tal colonização não poderá contar com satisfatórios resultados.

* * *

Os erros que se cometeram precisam ser corrigidos. Para levar a efeito a Campanha da Borracha, os campos de cultura do Nordeste e do Norte foram despovoados, afastando-se deliberadamente trabalhadores da agricultura para a seringa. Em relatório de 12 de janeiro de 1945, um delegado do D.N.I. escrevia: "Muitos dos trabalhadores chegados a Manaus declararam, terminantemente, que não iriam de forma alguma para os seringais, de vez que, no recrutamento, lhes fôra assegurada a faculdade de se empregarem em quaisquer misteres. Quase tôdos êsses, dizendo-se sempre militantes na agricultura e, natu-

---

(155) "Na nova era de após guerra — escreve Felisberto C. Camargo — poderá o Vale receber dezenas de milhares de ótimos imigrantes, filhos da bacia do mediterrâneo, que poderão e deverão ser aproveitados principalmente na colonização agrícola da Amazônia" (Ob. cit.). Outros fatôres, que não o clima, poderão dificultar essa colonização, porém, o Govêrno poderá criar, na Amazônia, as condições de existências de que ela carece para receber e fixar trabalhadores nacionais e alienígenas.

ralmente, tentados por fazendeiros da região do Careiro e Curari, nas cercanias de Manaus, insistiam em trabalhos agrícolas. Tanto quanto nos foi possível, resistimos a êsses propósitos, fazendo-lhes ver a divergência entre êsse desejo e o compromisso assumido. Alguns, diante do nosso trabalho doutrinário, constante e diário, sôbre a relevância dos trabalhos dos seringais, nos atendiam e desistiam dos trabalhos agrícolas. Outros, porém, mantinham-se firmes no seu objetivo, terminando por desertar das hospedarias, sem nos dar o menor aviso. Medidas coercitivas ao nosso alcance foram tomadas, inclusive solicitar o auxílio da Polícia".

Da adoção dêsses processos irracionais, para o incremento da extração da goma elástica, resultou o quase completo abandono dos campos de cultura, máxime dos situados no município de Manaus, onde os "técnicos" passaram a aliciar agricultores para a seringa em detrimento da produção de gêneros alimentícios necessários aos habitantes da capital, conforme se verifica dêste outro trecho do citado relatório: "Em maio, autorizado por Vossa Excelência, demos início ao recrutamento, em Manaus, no sentido de aproveitar antigos seringueiros que, nos dias sombrios da queda da borracha, tinham abandonado os seringais e se transferiram para o interior do município da capital, entregando-se aos trabalhos agrícolas".

Que êsses graves erros sirvam de lição, para o futuro.

4. COMBATE AO ANALFABETISMO

O combate ao analfabetismo, no interior da Amazônia, deve ser um dos mais importantes capítulos do vasto programa de alfabetização nacional, que precisa ser pôsto em prática imediatamente. E' triste observar-se quão atrasadas se acham nossas populações rurais e, no caso dos seringueiros e de outros trabalhadores do Vale, êsse atraso mais se faz sentir em virtude de deficiências, administrativas umas, decorrentes outras pas próprias condições ambientes.

A grande maioria dos seringueiros é composta de analfabetos. Rara é a barraca em que um de seus moradores sabe ler, pois o comum é se encontrarem famílias inteiras — sete ou mais membros — sem quaisquer conhecimentos das primeiras letras. Nem mesmo dispõem de elementos para controlar suas contas correntes e notas de venda, circunstância essa de que se aproveitam certões patrões para majorar os preços de mercadorias ou anotar, nas contas, hipotéticos fornecimentos.

Cumpre sejam criadas escolas em todos os seringais, organizando-se um plano que possa atender às dificuldades decorrentes das longas distâncias que separam as colocações e o precário meio de transporte. Tarefa de larga envergadura — é certo —, porém suscetível de ser realizada desde que para isso haja um pouco de patriotismo e de boa vontade da parte dos homens que governam. Evidentemente, não será possível que se permita continuem milhares de brasileiros prisioneiros das trevas da ignorância, homens inúteis no desempenho do sagrado dever político do exercício do voto.

E' ainda o Banco de Crédito da Borracha que poderá desempenhar papel saliente no caso particular da alfabetização das populações de seringueiros, agindo, para êsse fim, junto àqueles proprietários de seringais pelo mesmo órgão financiados.

Da alfabetização decorrerá, como é óbvio, uma série de benéficos resultados, dentre os quais ressalta a elevação do nível cultural dêsses trabalhadores. Através de leituras, aperfeiçoarão seus conhecimentos de higiene e de educação sanitária, aprendendo a adotar medidas protetoras de sua saúde e da de sua família. Esclarecer-se-ão, através da leitura de livros e jornais, sôbre mil e um outros pormenores indispensáveis à sua vida. Poderão avaliar, sem influências estranhas, o valor dos homens de seu país, e selecioná-los segundo sejam ou não merecedores de seu voto, quando tiverem que mandá-los ao Parlamento ou à suprema curul (156). Essa alfabetização, que deverá abranger todo o Brasil, é sem dúvida, de substancial necessidade para que, em nosso país, de fato a Democracia se faça sentir em tôda sua plenitude (157).

5. PLANTAÇÃO DE SERINGUEIRAS

Há, no Vale Amazônico, grande número de seringalistas que não acreditam na viabilidade de se plantarem seringais com clones

---

(156) O A. teve oportunidade de observar, em 1947, que os poucos seringueiros alfabetizados, dado o nenhum esclarecimento que tiveram sôbre os candidatos à presidência da República e ao Parlamento, se limitaram a votar, indiferentemente, no candidato do "coronel" seringalista, sendo que muitos, quando interpelados sôbre qual dos candidatos recaíra sua preferência, nem mesmo souberam dizer-lhe o nome...

(157) O Banco de Crédito da Borracha, segundo seu Relatório de 1945, estabeleceu um fundo de Cr$ 6.000.000,00 para a Educação e Alfabetização dos Filhos dos Seringueiros e dos Pequenos Seringalistas. Entretanto, tal fundo não foi ainda aplicado nesse nobre fim.

de alta produção e resistência a moléstias, tal como já se procede no Oriente com magníficos resultados. Os que pensam dessa forma constituem, infelizmente, a maioria, menos esclarecida e imprevidente, que restringe suas ambições aos lucros imediatos que possam ser auferidos (158). Entretanto, está documentadamente provado que os seringais de cultura, obedecendo às modernas conquistas da genética, são aquêles que mais interessam aos nossos seringalistas e seringueiros, porque proporcionam produção elevada com trabalho reduzido. O Instituto Agronômico do Norte, a que está afeta a realização dêsse plantio, vem, sem alardes, trabalhando com denodo para a concretização do programa que se traçou. Para se ter ligeira idéia da magnitude do problema, basta dizer que, de "acôrdo com as experiências realizadas no Tapajós, pela Companhia Ford, em Costa Rica, pela Goodyear, e em Belém, pelo Instituto Agronômico do Norte, verificou-se que se consegue um indivíduo resistente à moléstia em cada 1.000 a 2.000 plantas filhas de sementes oriundas de determinadas regiões. Casos tem havido, todavia, de não se ter criado uma única planta resistente em 800.000 "seedlings" (FELISTERTO CAMARGO, *ob. cit.*).

Cem mil hibridações foram realizadas em 1942 e 1943 com a finalidade de criar algumas variedades de seringueiras resistentes e altamente produtivas.

Considerando-se que as seringueiras selecionadas pela Companhia Ford e plantadas há 14 anos estão atualmente produzindo de 1 a 6 quilos de borracha por árvore e por ano, e atendendo ao fato de que uma seringueira em estado selvagem na Amazônia tem, no mesmo período, a insignificante produção de 1,5 quilos, forçoso é convir que na plantação de milhares de seringais naquelas condições é que reside tôda a esperança de o Brasil reconquistar seu lugar no mercado mundial de borracha, visto como, de acôrdo com cálculos recentes, essa produção poderá aumentar de 300 a 400% aproveitando-se sòmente clones, resistente a moléstias, que no 15.º ano produzam mais de 3,5 quilos de borracha por ano e por árvore.

---

(158) "Ninguém fizera, sequer, a tentativa de instalar, na Amazônia, plantações de borracha" — escreve JURI SEMJONOW. "O homem branco limitou-se a enviar, com olhar imperioso, o homem de cor a essas selvas insidiosas O mestiço regressou, depôs a seus pés, a colheita, obtendo em troca um ôsso, que êle rói ao pé do fogo do seu rancho". ("Os tesouros da terra"). Cabe aqui um ligeiro reparo: A Amazônia é a região do Brasil onde menos se constata a presença do elemento negro.

Os seringais cultivados de acôrdo com a orientação do Instituto Agronômico do Norte, em pequenos núcleos de dois hectares cada um, dada a alta produtividade das seringueiras selecionadas, proporcionarão muito menos trabalho ao extrator de látex, ficando, assim, metade de seu tempo disponivel ao cultivo de cereais e de outros produtos indispensáveis à sua subsistência, com a vantagem de, no fim de três anos, caber-lhe direito à posse de um núcleo.

Analisando as vantagens da organização de seringais formados de pequenas propriedades, diz o Agrônomo Felisberto G. Camargo, com tôda a autoridade de seu cargo: "Na pequena propriedade, o seringueiro trabalha para si e não cobra o seu serviço calculado em horas de trabalho. Na pequena propriedade, não há empate de grandes capitais, que requerem a sua devida amortização. Na pequena propriedade, o seringueiro é patrão de si mesmo. Na pequena propriedade, organizada pelo regime de colonização e cooperativismo, desaparecem intermediários, completamente desnecessário na era futura" (*Ob. cit.*).

Com núcleos coloniais produzindo, cada um, duas toneladas de borracha, o seringueiro obterá, vendendo-a a Cr$ 4,00 o quilo, uma renda de Cr$ 666,00 mensais, suficiente à sua manutenção, levando-se em conta o adjutório dos suprimentos retirados à terra no cultivo da lavoura (158-a).

Compare-se tal situação com a atual (1947), em que raro é o seringueiro que pode extrair mais de 1.000 quilos de borracha por ano (159). E, quando o consegue, é com sacrifícios incalculáveis, dadas as condições difíceis de que se reveste seu trabalho, que lhe absorve 12 e mais horas por dia.

6. REAPARELHAMENTO DAS HOSPEDARIAS

Torna-se indispensável a readaptação imediata das hospedarias de migrantes do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, situadas em Fortaleza, Belém e Manaus, as quais, construídas, como foram, em período de guerra e com a urgência que a situação exigia, não obedeceram, na sua construção, à técnica necessária para prédios dessa natureza, situadas em zonas mala-

---

(158-a) Cálculos feitos em 1947.

(159) Certos seringalistas oferecem um prêmio de Cr$ 500,00 àqueles seringueiros que extraiam mais de mil quilos de borracha por ano. Recebe o título de "tuchaua" aquêle cuja produção fôr a maior.

rígenas como foram as de Belém e Manaus. Havia outras hospedarias no interior do Nordeste e da Amazônia, hoje extintas.

No que tange à defesa antimosquito, tais hospedarias precisam ter seus barracões telados convenientemente, de modo a evitar a penetração do anófele e do cúlex que, em certa época do ano — de junho a dezembro, em Manaus —, castigam dolorosamente a população baré, sendo que, em Flores (Manaus), onde esteve situada a Hospedaria de Migrantes "Eduardo Ribeiro", há incontáveis focos de *darlingi*, o maior vetor da malária na Amazônia, sem contar com a proliferação do cúlex, em grande massa (160). Tal providência, além de defender a saúde dos imigrantes, proporcionar-lhes-ia conveniente repouso noturno, atento ao fato de que raros são aquêles que usam mosquiteiros.

A promiscuidade decorrente da reunião, em comum, em barracões sem tabiques divisórios, de homens, mulheres e crianças — famílias —, deve ser corrigida o quanto antes, porque tal situação, além de ser vexatória, concorre para a degradação moral, com pernicioso reflexo nas índoles infantis. A construção de tabiques separatórios, destinados a famílias, torna-se indispensável (161). Da mesma forma, urge se instalem para-raios nesses imóveis, que são destinados a abrigar centenas de pessoas (162).

A educação sanitária, os conselhos sôbre higiene pré-natal administrados às mães, as palestras esclarecedoras do regime de vida nos seringais, as escolas de seringueiros, a irradiação de programas musicais adequados — são outras tantas iniciativas que poderão e deverão ser postas em prática, utilizando-se, para isso, rádio-vitrola com transmissores instalados nas pavilhões.

A ginástica, acompanhada da prática de esportes, é necessária, porque revigora o espírito, desenvolve o físico, estreita laços

---

(160) O serviço anti-larvário, mantido pelo SESP, foi extinto em março de 1946. Em conseqüência, o número de impaludados aumentou entre a população de Manáus que, imprevidente, não só não usa mosquiteiros, em virtude do calor excessivo, como também não adota a atebrinização, como preventivo.

(161) A Hospedaria de Migrantes "Tapanã", em Belém, possui um barracão com divisões, porém, é insuficiente para a hospedagem de grandes levas.

(162) Em Belém, na Hospedaria Tapanã, uma faisca elétrica fulminou um "soldado da borracha". Nem por isso cogitaram de proteger a vida dos demais, fazendo instalar os para-raios necessários. O A. propôs ao antigo D.N.I., em 1946, a colocação de quatro unidades de para-raios na Hospedaria Eduardo Ribeiro, em Manáus, porém, embora comprados, nunca tais aparelhos foram assentados.

de camaradagem, educa e orienta o homem nas competições justas e faz nascer o sentimento de solidariedade humana.

Para combater a ociosidade, deve ser estabelecido, para todos os emigrantes aptos, leve regime de trabalho, cultivando-se os terrenos das próprias hospedarias com plantações de hortaliças e cereais, mediante retribuição que poderá ser módica, dado a fato de o trabalhador estar gozando de assistência governamental.

Cumpre-nos proporcionar, portanto, ao trabalhador nacional, na pior das hipóteses as mesmas vantagens que temos proporcionado aos trabalhadores estrangeiros. Valorizemo-lo educando-o e alimentando-o convenientemente, e obteremos dêle rendimento igual ou superior ao dos que melhor o tenham (163).

Todos os etsforços do Govêrno devem ser concentrados na recuperação sistemática do trabalhador nacional, pois, valorizado que seje o nosso material humano, enriquecidas ficarão as fontes de produção do país. Só assim, impulsionado pelas fôrças vivas da nação, o Brasil poderá, em futuro próximo, ocupar o lugar que lhe está reservado no concêrto mundial das nações altamente civilizadas.

7 REAJUSTAMENTO E RECÂMBIO DE IMIGRANTES

A assistência médico-hospitalar, que deverá ser proporcionada aos colonizadores do Vale Amazônico, sejam êles nordestinos ou estrangeiros, não poderá, de forma alguma, restringir-se às capitais do Ceará, Pará e Amazonas, como vem sendo feito. Tôda iniciativa, nesse sentido, que não visar à ampliação daquela assistência até os centros produtores, estará fadada a fracasso certo, como ocorreu com a tão famosa "Batalha da Borracha", de dolorosa memória para os nordestinos que nela tomaram parte e para nós, que até hoje presenciamos suas desastrosas conseqüências.

Se na guerra a luta na retaguarda é tão importante quanto nas frentes de batalha, porque não se proporcionou à gente do Nor-

---

(163) "Tratando do assunto (O rendimento do trabalhador depende da alimentação), o Dr. F. Pompeo do Amaral (1 c.p. 25) alude a uma interessante experiência de um engenheiro que, na construção de uma estrada de ferro no Estado do Espírito Santo, verificara maior rendimento dos trabalhadores italianos, em relação ao dos nacionais. Êstes alimentavam-se apenas de farinha de mandioca, carne sêca, bacalhu, feijão e aguardente; os italianos comiam de preferência, massas, polenta feita com ovos e milho, verduras, carne fresca, pão de trigo e vinho. O engenheiro passou a ministrar aos trabalhadores nacionais refeições semelhantes, a título de experiência; desde êsse dia o rendimento dos nossos se teria tornado mesmo maior do que o dos alienígenas" (A. J. DE SAMPAIO, *ob. cit.*).

deste, que marchou em direção à grande planície para extrair a preciosa borracha de que careciam as Nações Unidas, a mesma assistência dada aos soldados em operações em zonas malarígenas? O Corpo Médico acompanhava os exércitos até junto às linhas de combate, enquanto o nordestino era abandonado à própria sorte mal se aproximava do teatro de operações — a selva povoada de traiçoeiros insetos, dentre os quais se destacava, pela periculosidade, o anófele insidioso. Entretanto, essa assistência poderia ter sido organizada com a cooperação do Banco de Crédito da Borracha (B.C.B.) e do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (S.E.M.T.A.), órgãos êsses que dispunham — e aquêle ainda dispõe — de somas consideráveis (164).

A recuperação dos seringueiros doentes deve ser tentada nos próprios municípios em que se situem os seringais de onde êles provierem, para facilitar seu regresso ao trabalho, quando restabelecidos (165). Evitando-se o deslocamento do trabalhador para as capitais, impedir-se-á que êle seja retido pelos tentáculos das cidades, que exercem grande atração sôbre o homem do campo, devido ao desequilíbrio econômico-social que, no Brasil, se observa entre as zonas rurais e urbanas.

O nordestino que, trasladado para a Amazônia, não encontrou ambiente propício na extração da borracha e não se contaminou de doenças nos seringais — é mínima a porcentagem dêsses últimos elementos — deve ser reajustado em outras atividades: agricultura, pecuária, extração de madeiras. Cumpre evitar o retôrno dêsses elementos para o Nordeste, porque as três seguintes razões aconselham sua permanência no Vale:

1.º) trata-se de trabalhadores que, realmente, servem à colonização e ao desenvolvimento da Amazônia;

---

(164) A respeito das atividades do extinto SEMTA tornou-se popular, no Nordeste, para desdouro de nossos administradores de então, a frase atribuída aos norte-americanos: "Preferimos perder a guerra a continuar a financiar o SEMTA", querendo com isso significar serem fabulosas as quantias despendidas por essa repartição, com proveito mínimo para o pobre "soldado da borracha".

(165) A malária, que é resonsável por cêrca de 70% dos casos nosológicos no Vale Amazônico, não é doença de fácil cura nas zonas malarígenas, como se supõe. Ouçamos a palavra autorizada de um tratadista: "Não havendo reinfecções a tendência natural da doença é para a cura; a terçã maligna em 1 ou 2 anos, a terçã benigna em 4 ou 5 anos. A quartã pode durar um pouco mais, mas isso é excepcional (NOCHT)". (VIEIRA ROMERO — "Tratado de Patologia Médica", tomo 1, pág. 618).

2.°) para regressarem ao Nordeste, recorrem sempre às repartições governamentais, onerando os cofres da Nação; e

3.°) em regressando ao Nordeste, de onde emigraram forçados por desajustes econômicos, engrossarão, certamente, a multidão dos sem-emprêgo, agravando o problema do pauperismo na região.

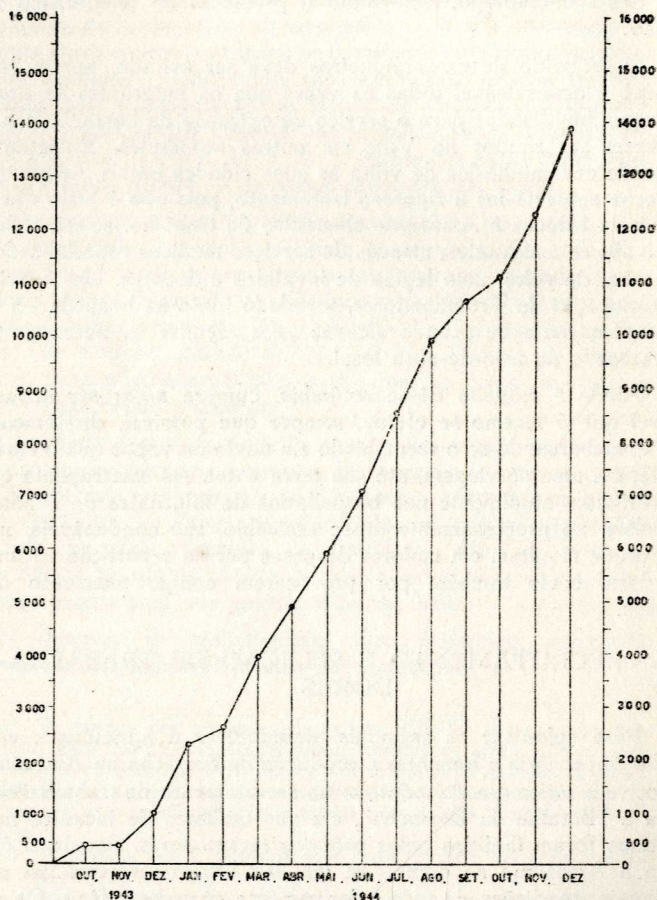
O recâmbio de ex-seringueiros deve ser evitado, porém êsse retôrno é aconselhável tôdas as vêzes que os imigrantes se apresentarem inutilizados para o serviço de extração da borracha e não puderem ser retidos no Vale em outras atividades. Entretanto, antes de encaminhá-los de volta às suas cidades natais, necessário se torna submetê-los a rigoroso tratamento, pois não é justo que o Nordeste forneça à Amazônia elementos de trabalho, selecionados, como são os emigrantes, através de serviços médicos especializados, e receba, de volta, uma legião de inválidos e doentes. Um Serviço de Colocação de Trabalhadores, instalado junto às hospedarias de migrantes, seria de grande alcance para atender às necessidades do mercado de mão-de-obra local.

Ainda a respeito dêsse recâmbio, cumpre notar ser aconselhável que o mesmo se efetue, sempre que possível, diretamente, isto é, embarcando-se o recambiado em navio ou vapor que o transporte, em uma só viagem, até sua terra natal. As interrupções que se verificam atualmente nas hospedarias de migrantes de Manaus e Belém, no processamento dêsse recâmbio, são condenáveis, não só porque resultam em maiores despesas para a repartição encaminhadora, como também por provocarem congestionamento dos pousos.

8. RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DE TRABALHADORES

Para colonizar os seringais, desenvolver a agricultura, estimular a pecuária e fomentar a produção de borracha na Amazônia, é nociva a tática que foi adotada no recrutamento de trabalhadores para a "Batalha da Borracha", em que milhares de incautos nordestinos foram iludidos pelos próprios recrutadores. Seguiram êles para a Amazônia na crença de que lhe estavam reservadas, nos seringais, condições de vida relativamente cômoda e fácil. Os resultados dessa desastrosa técnica logo se fizeram sentir de maneira alarmante: cêrca de três mil ex-seringueiros, decepcionados e revoltados, passaram a retornar anualmente para o Nordeste.

EXECUÇÃO DO DECRETO LEI 5813 E DO DECRETO 14535

ENCAMINHAMENTO DE TRABALHADORES PARA INCREMENTO DA PRODUÇÃO DE BORRACHA

E' preciso esclarecer devidamente o homem a ser recrutado, fazendo-o conhecer a realidade amazônica, com as possibilidades de bom êxito e de fracasso que ela oferece àqueles ousados que não temem desvendá-la. Ao lado dos rios caudalosos, das vitórias régias, das belas orquídeas, das florestas majestosas, das chuvas benéficas, não deixar de fazê-lo conhecer também a existência dos monstruosos jacarés, das terríveis sucurijus, dos transmissores de impaludismo, do ameríndio indomável, da onça insidiosa, das canseiras dos trabalhos da seringa, do parasitismo que impera nos barracões dos seringais. Criem-se defesas para êsses males e o imigrante enfrentará resoluto o trabalho, construindo sua morada para, definitivamente, fixar-se à terra pródiga e dadivosa que o acolheu.

O recrutamento, até ser debelada a crise atual, deve recair, preferentemente, sôbre famílias compostas de elementos úteis ao trabalho produtivo, pois, assim, mais fàcilmente lhes estarão garantidos os meios de subsistência.

A seleção de trabalhadores deve ser feita cuidadosamente. Não basta apenas que o futuro colonizador do Vale seja elemento são, quanto à higidez física. E' preciso que seja, antes de mais nada, um homem afeiçoado aos trabalhos rudes do campo. Jogadores, assassinos, proxenetas, ladrões, vagabundos e aventureiros foram recrutados na "Batalha da Borracha" e, como era de esperar, provocaram arruaças e conflitos em tôdas as cidades onde se detiveram (166), sem que prestassem seu concurso ao esfôrço de guerra, e — o que foi pior — comprometendo o bom nome dos imigrantes nordestinos, por índole morigerados e trabalhadores, que foram para a Planície com o firme propósito de extrair borracha.

9. TRANSPORTE E FRETES NA AMAZÔNIA

Um dos entraves ao progresso do Vale Amazônico é, sem dúvida, a deficiência dos meios de transporte. Em conseqüência do regime variável das águas, essa deficiência é agravada pelas dificuldades decorrentes da impraticabilidade da navegação em certas épocas do ano. Daí a necessidade de o transporte de mercadoria ser feito em "chatas" ou motores de pequeno calado.

Desobstruam-se os rios com a retirada de árvores dos álveos, removendo-se escolhos e destruindo-se bancos de rocha. Por

---

(166) Na Hospedaria de Migrantes "Eduardo Ribeiro", em Manáus, foi descoberta, em 1945, uma quadrilha de ladrões, cujos componentes seguiram para o Vale disfarçados no meio das levas de trabalhadores.

outro lado, aperfeiçoe-se a sinalização de certas passagens perigosas (167).

Embora as naturais vias de circulação da grande Planície sejam as "estradas que andam", a construção de rodovias é uma necessidade inadiável, imperiosa, não obstante tenham elas que se circunscrever a limitados trechos do Vale em virtude das inundações que, no inverno, abrangem vastas extensões.

Incorporem-se novas unidades à frota fluvial já existente, e construam-se estradas de rodagem, ou mesmo de ferro, para corrigir as deficiências oriundas da pequena navegação, e ter-se-á dado um grande passo na recuperação econômica da Planície.

O barateamento de fretes é outro ponto que deve merecer a atenção de nossos administradores (168). Reduzindo-os às devidas proporções, os gêneros alimentícios poderão ser adquiridos mais em conta pelas fontes consumidoras que, assim, terão seu nível de vida elevado. Mas, para isso, mister se torna combater o câmbio negro, os intermediários inescrupulosos, a ganância de certos comerciantes, para o que precisa ser criado um órgão compressor dos abusos que se verificam no comércio de tôda a Amazônia, órgão êsse que deverá ser composto de elementos de reconhecida idoneidade moral, não ligados por interêsses pessoais ao capitalismo explorador mal orientado, como atualmente se verifica em tôdas as cidades do Vale. A ação policial deverá fazer-se sentir com mais energia, implacàvelmente, contra êsses usurpadores da economia do povo, forçando-os a limitarem seus lucros à taxas legais a que faz jus todo comércio honesto.

10. LEIS PROTETORAS DOS SERINGUEIROS

Leis que visem à salvaguarda dos direitos do trabalhador da seringa precisam ser decretadas para que êle não continue a ser prêsa fácil na mão de patrões inescrupulosos.

---

(167) Em setembro de 1945, a baleeira "Norte", em virtude de ter batido com o casco num tôco submerso, naufragou na praia do Mapiá, no rio Purus, conduzindo setenta e quatro emigrantes nacionais. Em conseqüência do naufrágio, morreram sete pessoas.

(168) O deputado VASCONCELOS COSTA, em seu importante trabalho "Recuperação Econômica da Amazônia", escreve: "Os fretes são, em geral, caríssimos, a ponto de não se permitir o desenvolvimento da iniciativa privada. Em Rio Branco, capital do Acre, tivemos oportunidade de ver um trator, adquirido pelo Govêrno do Território para desenvolvimento da agricultura e outros serviços, pagar de frete, de Belém até aquela localidade, a elevada importância de Cr$ 60.000,00" (Revista do Serviço Público, setembro de 1949).

O trabalho de menores nos seringais, tão freqüente em nossos dias, deve ser fiscalizado, pois crianças de 12, 13 anos são obrigadas a trabalhar 10 e mais horas por dia num serviço que é esfalfante até para adultos.

Os contratos de trabalho dos seringueiros devem ser rigorosamente fiscalizados para se evitar o que ocorre atualmente: trabalhadores, espoliados nos seus direitos e desfalcados em sua economia, rumarem até Manaus para pleitear o pagamento de saldos que os patrões se recusaram arbitràriamente a efetuar (169).

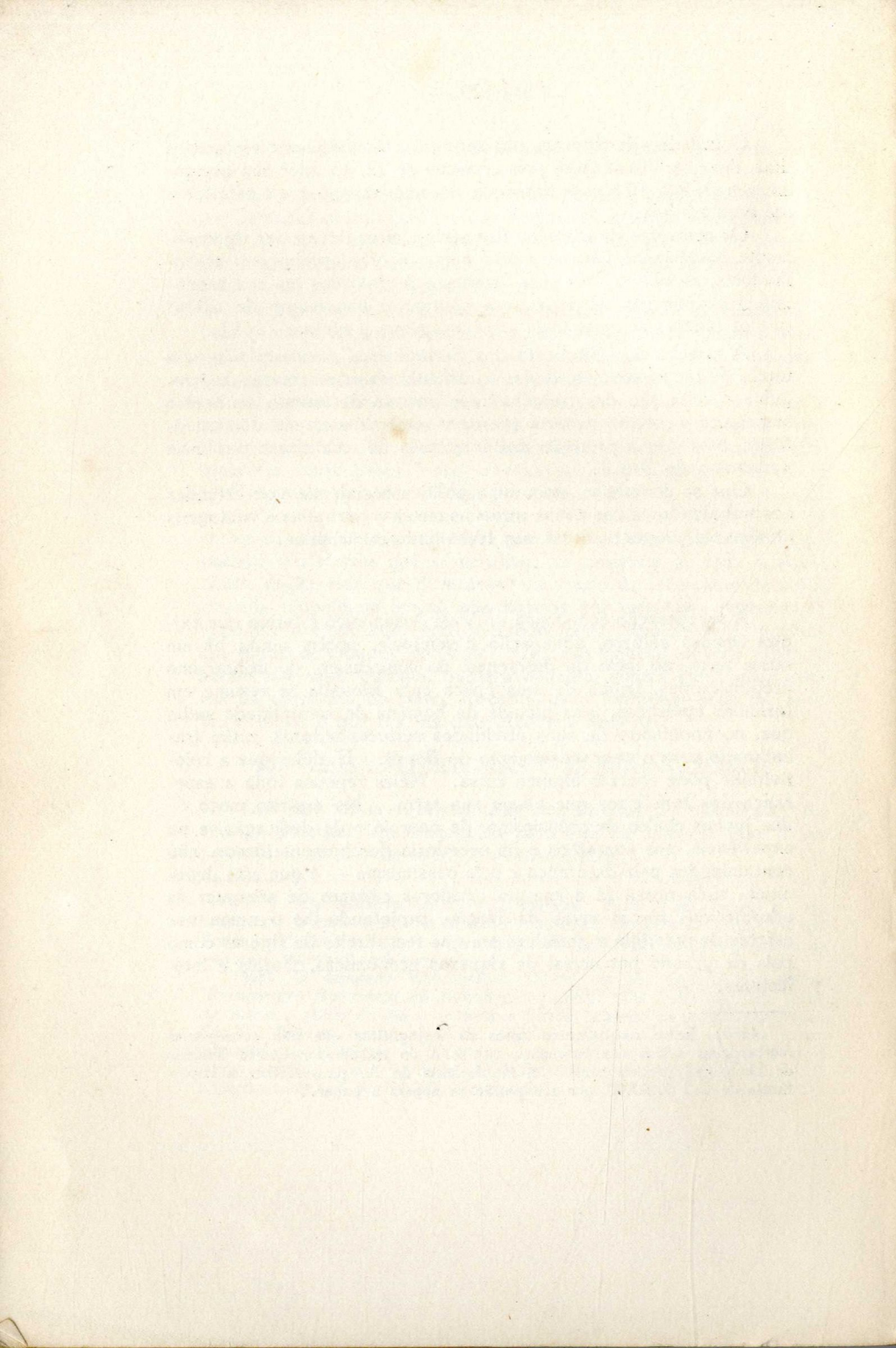
A criação de "Sindicato dos Seringueiros", embora não seja tarefa de fácil execução, dadas as dificuldades decorrentes da irregular distribuição dos trabalhadores através do imenso anfiteatro amazônico, constitui matéria que deve merecer o estudo dos entendidos, pois visa à proteção dos interêsses de uma classe das mais numerosas do Brasil.

Que se concretize, pois, uma política social que vise estender aos trabalhadores das zonas rurais as mesmas garantias e vantagens atualmente proporcionadas aos trabalhadores urbanos.

* * *

A recuperação econômica do Vale Amazônico é tarefa que exigirá imenso esfôrço, abnegação e renúncia, porém ainda há em nossa terra, no meio da descrença, do comodismo, do utilitarismo predominantes, frutos de uma época cuja filosofia se resume em fórmulas egoísticas, uma plêiade de homens de mentalidade sadia que, no anonimato de suas atividades empreendedoras, estão trabalhando para o engrandecimento do Brasil. E' dêles que a coletividade pode esperar alguma coisa. Nêles repousa tôda a esperança dos brasileiros que amam sua terra. No espírito moço — dos jovens cheios de entusiasmo, de energia e de dedicação, e na experiência, nos conselhos e na sabedoria dos homens idosos, não contaminados pela descrença e pela pessimismo — é que está depositada tôda nossa fé e energia criadoras capazes de soerguer as adormecidas fôrças vivas da Nação, projetando-lhe o nome nas esferas de prestígio e grandeza em que tem direito de figurar como país de grande potenccial de riquezas econômicas, morais e intelectuais.

---

(169) Entre os inúmeros casos de seringueiros que não conseguiram receber seus saldos nos barracões, cita-se o do trabalhador Cícero Trajano de Lima, que preciou solicitar a interferência do A. para receber a importância de Cr$ 3.807,00, que seu patrão se negara a pagar.

BIBLIOGRAFIA

A. J. de Sampaio — *A Alimentação Sertaneja e do Interior da Amazônia — S. Paulo.*

Agnelo Bitencourt — *Corografia do Estado do Amazonas — Manaus,* 1925.

Albert Dauzat — *La vie rurale en France — Paris,* 1950.

Álvaro Maia — *Na Vanguarda da Retaguarda — Manáus,* 1943.

Araújo Lima — *Amazônia — A terra e o homem — Rio,* 1945.

Carlos Vasconcelos — *Deserdados.*

Carly P. Haskis — *O Amazonas que eu vi — São Paulo,* 1945.

Castro Barreto — *Estudos Brasileiros de População — Rio* — 1944.

Craveiro Costa — *A Conquista do Deserto Ocidental — S. Paulo,* 1940.

Euclides da Cunha — *Os Sertões — Rio* 1944. — *À Margem da História,*

Felisberto Camargo — *Plantação de Seringueiras* — Rio.

Pôrto — 1941.

Ferreira de Castro — *A Selva, Pôrto* — 1943.

Gastão Cruls — *O uso da borracha entre os civilizados, in Digesto Econômico n.* 32.

Henry Walter Bates — *O Naturalista no Rio Amazonas* — 2 *vols. S. Paulo,* 1944.

J. B. S. Haldane — *Prolongue a vida! — Rio,* 1941.

João de Campos Gatti — *Concepções modernas e armas de combate ao impaludismo — Rio,* 1944.

Josué de Castro — *Geografia da Fome — Rio,* 1946.

Juri Semjonow — *Os tesouros da terra — Pôrto Alegre,* 1940.

Karl Kautsky — *A Política Agrária do Partido Socialista — S. Paulo,* 1946.

Moacir Paixão e Silva — *Sôbre uma Geografia Social da Amazônia — Manaus,* 1943.

Osório Nunes — *Introdução ao Estudo da Amazônia Brasileira* — 1949.

Pierre Mombeig — *Ensaios de Geografia Humana Brasileira — São Paulo,* 1940.

Raimundo Morais — *Anfiteatro Amazônico — São Paulo — Cosmorama — Rio,* 1940. — *Na Planície Amazônica — S. Paulo,* 19c9. — *Notas sôbre o Eldorado — São Paulo — O Homem do Pacoval — São Paulo — O Mirante do Baixo Amazonas — S. Paulo. — Os Igaraúnas — Rio,* 1938. — *Ressuscitados — S Paulo.*

Ralph Linton — *Estúdio del Hombre — México,* 1942.

Russel Wallce — *Viagens pelo Amazonas e rio Negro — S. Paulo,* 1944.

Souza Barros — *Êxodo e Fixação,* 1953.

Vidal de la Blache — *Princípios de Geografia Humana — Lisboa,* 1946.

Vieira Romero — *Tratado de Patologia Médica.*

Depoimento de Oficiais da Reserva sôbre a F. E. B.

Revista do Serviço Público.

Boletim Geográfico.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura